



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

ALESSANDRA FOLHA MÓS LANDIM

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MINEIRIDADE A PARTIR DE JORNAIS
MARIANENSES**

MARIANA

2017

ALESSANDRA FOLHA MÓS LANDIM

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MINEIRIDADE A PARTIR DE JORNAIS
MARIANENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Tradução e Práticas Discursivas

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes

MARIANA

2017

L257c

Landim, Alessandra Folha Mós.

A construção discursiva da mineiridade a partir de jornais marianenses [manuscrito] / Alessandra Folha Mós Landim. - 2017.
152f.: il.: tabs.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Jornais - Mariana (MG). 2. Análise discursiva - Minas Gerais. 3. Imaginário. 4. Mineiridade. I. Mendes, Paulo Henrique Aguiar. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 808.1 /5



Alessandra Folha Mós Landim

A construção discursiva da mineiridade a partir de jornais marianenses

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras. Aprovada em 26 de maio de 2017 pela Comissão Examinadora constituída pelos membros:

Paula Henrique A. Mendes
Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes
(Orientador da pesquisa)
Universidade Federal de Ouro Preto
UFOP

Juçara Gorski Brites
Profa. Dra. Juçara Gorski Brites
Universidade Federal de Ouro Preto
UFOP (ICSA)

Will R
Prof. Dr. William Augusto Menezes
Universidade Federal de Ouro Preto
UFOP

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos relacionados com a produção deste trabalho:

Ao orientador da pesquisa Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes pela imensurável contribuição e assistência incondicional durante esta empreitada;

À banca avaliadora nas pessoas do Prof. Dr. William Menezes e Profa. Dra. Juçara Brittes pela colaboração valiosa;

À Universidade Federal de Ouro Preto pelos dois produtivos anos de mestrado e pela concessão da bolsa que favoreceu esta pesquisa;

Ao GEDEM – Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória e ao CPLMT – Centro de Pesquisa, Linguagem, Memória e Tradução pelos encontros produtivos e cuidado do valioso acervo;

A todo corpo docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem por sua elevada qualidade acadêmica;

Ao coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFOP, Prof. Dr. Clezio Gonçalves pelo incentivo;

À secretaria do programa na pessoa de Lucia Simplício por sua disposição e dedicação;

Ao Prof. Dr. Giácomo Figueredo pela conversa preciosa que me abriu os olhos sobre a escrita acadêmica;

Ao Prof. Ms. Joubert Castro Perez, que me apresentou e me introduziu ao mundo da Análise do Discurso de linha francesa. Eu não poderia deixar de mencioná-lo aqui;

Ao meu esposo Leandro Landim pelo apoio, amor e confiança incondicionais;

Aos meus pais Emilio e Alcione Folha pelo amor pleno;

À minha família pelo incentivo;

Aos colegas que possibilitaram momentos singulares durante o período de realização do mestrado;

A todos os que estiveram envolvidos direta ou indiretamente na realização desta pesquisa;

Enfim, agradeço a Deus pela graça de mais uma realização pessoal alcançada.

RESUMO

No contexto social, linguístico e cultural do Brasil, variados traços culturais têm seu papel nas diferentes regiões do país. No estado de Minas Gerais, o fenômeno da mineiridade é um desses traços que merecem ser pensados especialmente se levarmos em consideração suas manifestações discursivas. Sendo assim, o que chamaremos de imaginário sócio-discursivo de mineiridade pode ser apreendido de diferentes tipos de mídia impressa, como é o caso dos jornais marianenses. Neste trabalho, procuraremos destacar elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade identificáveis nos jornais que circula(ra)m na cidade de Mariana – MG, a saber *Voz de Marianna*, *O Germinal* e *O Cruzeiro*. Assim, ao utilizarmos categorias oriundas das teorias do discurso, procuraremos identificar formas dessa representação na mídia marianense. Porque a pesquisa aborda o tema do imaginário de mineiridade, julgamos necessário tratar de tal fenômeno com o objetivo de suplementar a análise pretendida com reflexões que a auxiliarão e igualmente trarão contribuições importantes. Procuraremos também trazer exemplos de diferentes gêneros textuais/discursivos recorrentes nos jornais estudados que reforcem o(s) discurso(s) de mineiridade e pautaremos nosso trabalho em um modelo de análise discursiva representado por categorias como nome próprio como designador de memória, fórmulas discursivas e destacabilidade nas formas de aforização, sobreasseveração e particitação, elementos bastante recorrentes nos jornais de Mariana – MG analisados. Este trabalho se inscreve em categorias de análise discursiva contribuindo, com isso, com estudos dessa área do conhecimento e sendo também uma possibilidade de reflexão sobre a memória, compreensão das representações de regionalismos, como é o caso do imaginário sócio-discursivo de mineiridade, e análise de como esse imaginário se faz presente nos jornais marianenses, permanecendo como elemento característico da sociedade mineira.

Palavras-chave: Mineiridade; Jornais Marianenses; Imaginário; Discurso.

ABSTRACT

In Brazilian social, linguistic and cultural context, it is widely accepted that varied cultural traits have their role/place in different regions of the country. In the Southeast region and, more specifically, in the state of Minas Gerais, the phenomenon of “mineiridade” (which are the social traits usually attributed to people from Minas Gerais) is one of those Brazilian characteristics that deserves special attention discursively speaking. Therefore, what we will call in this thesis socio-discursive imaginary of “mineiridade” can be captured from different types of newspapers from Mariana-MG/Brazil and their recurrent genres. In this thesis, we will look for elements of the socio-discursive imaginary of “mineiridade” that can be identified in the discursive construction of three newspapers from Mariana-MG/Brazil, named *Voz de Marianna*, *O Germinal* and *O Cruzeiro*, that form part of the collection of UFOP/ICHS managed by GEDEM - Group of Studies on Speech and Memory. Thus, when using categories derived from discourse theories, we will try to identify types of this representation in Marian media. As the research approaches the subject of the imaginary of “mineiridade”, we consider necessary to deal with such phenomenon with the purpose of supplementing the intended analysis with reflections that will help it and bring to it important contributions. We will also try to bring examples of discursive genres in the studied newspapers that reinforce the discourse(s) of “mineiridade”. We will guide our research to a discursive analysis model represented by categories such as names and surnames as memory designators, discursive formulas and detachability in the ways of aphorizing, surassertion, etc., elements that are recurrent in the discursive construction of the newspapers analyzed. This thesis is part of discursive analysis categories, contributing with studies of this area of knowledge and being a possible meditation on the memory. It also is a kind of understanding of regionalisms representations like the socio-discursive imaginary of “mineiridade”, and it is an analysis of how this imaginary is present in the Marian newspapers, remaining as a characteristic element of Brazilian society.

Keywords: Marian Newspapers; Mineiridade; Imaginary; Discourse.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Textos de <i>Voz de Marianna</i> utilizados neste trabalho | 15 |
| Tabela 2 – Textos de <i>O Cruzeiro</i> utilizados neste trabalho | 16 |
| Tabela 3 – Textos de <i>O Germinal</i> utilizados neste trabalho | 17 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 10 |
| CAPÍTULO 1 - ASPECTOS DE REPRESENTAÇÃO DE MINEIRIDADE: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO | 22 |
| CAPÍTULO 2 – O DISCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS: UM CAMINHO ATÉ O IMAGINÁRIO SÓCIO-DISCURSIVO DE MINEIRIDADE | 49 |
| 2.1 Algumas considerações sobre a obra de Pêcheux e Foucault: formações discursivas em termos de campo de saber e posicionamento ideológico | 55 |
| 2.2 Da instituição imaginária da sociedade aos imaginários sócio-discursivos: uma perspectiva sobre o imaginário de mineiridade | 64 |
| 2.3 Campo, universo e espaço discursivos: uma breve abordagem sobre o campo discursivo jornalístico e os gêneros mais recorrentes nos jornais marianenses estudados | 77 |
| CAPÍTULO 3 – OS FUNCIONAMENTOS DO(S) DISCURSO(S) DE MINEIRIDADE: UMA ABORDAGEM SOBRE NOMES PRÓPRIOS, FÓRMULAS DISCURSIVAS E DESTACABILIDADE NAS ESFERAS DE PARTICIPAÇÃO, SOBRESSEVERAÇÃO E AFORIZAÇÃO | 88 |
| 3.1 Nome próprio como lugar de memória discursiva: considerações sobre nomes de mineiros de destaque nos jornais marianenses | 90 |
| 3.2 A categoria das fórmulas: uma estratégia discursiva na construção do(s) discurso(s) de mineiridade nos jornais marianenses | 100 |
| 3.3 Uma reflexão sob o ponto de vista da destacabilidade, da participação, da sobreasseveração e da aforização nos jornais marianenses | 111 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 130 |
| REFERÊNCIAS | 134 |
| ANEXOS | 141 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa que pretendemos apresentar neste trabalho tem como objeto de análise os jornais marianenses que se encontram em acervo na cidade de Mariana – MG, mais precisamente sob a responsabilidade do Centro de Pesquisa, Linguagem, Memória e Tradução (CPLMT) e do Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (GEDEM), no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), campus da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e visa a refletir sobre como se dá a construção discursiva da mineiridade em parte desse material.

A materialização da mineiridade em discurso(s) se dá em diversas práticas e planos discursivos e nos parece, assim, que os jornais marianenses estão incluídos nesse fenômeno. Levando esses aspectos em consideração, ao utilizarmos categorias oriundas das teorias do discurso, mais precisamente da Análise do Discurso de linha francesa, procuraremos identificar formas de representação discursiva relativas ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade presentes em jornais da imprensa marianense que foram pesquisados durante o período em que estivemos no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da referida universidade.

Sobre como o presente trabalho teve sua gênese, podemos afirmar que ao refletirmos sobre as especificidades da vida em sociedade – e em nosso caso sobre o(s) discurso(s) de mineiridade -, fomos levados a considerar fortemente uma pergunta que constitui parte da problemática desta pesquisa: como e onde verificar tais traços de mineiridade e suas representações? Cabia-nos, a partir de então, identificar objetos que marcassem a mineiridade. Assim, propusemo-nos a analisar a emergência de representações de mineiridade materializadas discursivamente nas produções jornalísticas de Mariana – MG, recebidas pelo Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (GEDEM) como doação de Rafael Arcanjo, filho do jornalista Valdemar de Moura Santos, que manteve conservados os títulos de jornais que já foram e/ou são ainda publicados em Mariana-MG. Visitamos, portanto, o acervo e procuramos por traços de mineiridade nos mais de 100 títulos de jornais disponíveis.

O exame dos jornais durou algumas semanas até que nos decidíssemos pelos três títulos que embasam a nossa pesquisa, a saber, *Voz de Marianna*, *O Cruzeiro* e *O Germinal*. Eles foram escolhidos por serem bastante produtivos em relação ao tema da mineiridade. No percurso desse exame, mais especificamente nos primeiros momentos de nossa pesquisa no acervo, deparamo-nos num primeiro olhar com o jornal *Voz de Marianna* e, ao examinarmos este título, verificamos a primeira edição publicada, que data de abril de 1987 em cuja

coluna/matéria de capa que inaugura a publicação¹ podemos encontrar expressivos elementos do imaginário de mineiridade. O texto que abre a publicação em dois eixos - um em que se inscreve como o primeiro texto publicado no jornal enquanto instituição, por ser a primeira coluna/matéria de capa da edição que funda o jornal *Voz de Marianna* e outro em que se inscreve como texto de abertura daquela edição em especial - nos serviu de base e incentivo para a procura de outras publicações que pudessem seguir o mesmo caminho. Em outras palavras, fizemos uma busca mais detalhada a fim de encontrar publicações que abarcassem direta ou indiretamente a temática da mineiridade sempre alicerçados na hipótese de que o imaginário de mineiridade é de, alguma forma, materializado discursivamente nos jornais atravessando seus múltiplos gêneros discursivos/textuais. Houve sucesso no encontro de diversas produções que se remetem ao tema.

Voz de Marianna encontra-se no acervo digitalizado e as edições que examinamos datam dos anos de 1987 e 1988, sendo o primeiro ano mencionado eleito para que pudéssemos fazer um exame mais apurado uma vez que o país estava passando por um momento histórico muito significativo com a redação e votação da Constituição de 1988. Parece patente a noção de que a menção ao momento histórico vivido por essas publicações esteja próxima do intuitivo no sentido de auxiliar a pesquisa, mas nos pareceu, num primeiro momento, razoável supor que um momento histórico expressivo como aquele deveria fazer emergir textos jornalísticos (marianenses) que valorizassem elementos do imaginário de mineiridade. Apostamos assim nessa “intuição” e, de fato, as publicações de *Voz de Marianna* se mostraram bastante expressivas. Em *Voz de Marianna*, podemos ainda encontrar diversos elementos que nos sugerem uma análise focada nos elementos de mineiridade, pois i) é um jornal que se posiciona como mineiro e isso pode ser observado na primeira edição, em que se encontra o texto paradigmático referido acima², e em todas as outras em que encontramos, além da coluna/matéria de capa sempre intitulada “Bom dia...” (sugerindo que *Voz de Marianna* foi uma publicação matutina), imagens que nos remetem ao imaginário de mineiridade e ii) é um jornal essencialmente marianense que valoriza temas e acontecimentos da cidade de Mariana-MG, tratando-a sempre como modelo de cidade mineira, no sentido de valorizá-la. Ainda observou-

¹ O texto ao qual nos referimos aqui encontra-se no anexo 1. Ele foi utilizado em nosso capítulo inaugural sobre os aspectos de mineiridade com o fim de demonstrar como a mídia impressa marianense descreve o mineiro apoiando-se nos aspectos do imaginário de mineiridade. No texto, o mineiro é descrito como gente montanhesa, “bondoso, hospitaleiro, talentoso, destemido, sem se mostrar arrogante; compreensivo sem servilismo”, etc. Em uma assertiva que, além de estampar claramente aspectos atribuídos ao mineiro em sua construção semântica quase que paradoxal (destemido e não arrogante, afável sem bajulações, nobre sem ostentações e outros), ainda evoca implicitamente o equilíbrio e a ponderação, elementos constitutivos do imaginário de mineiridade.

se em *Voz de Marianna* certa regularidade gráfica e textual tanto tratando-se da própria distribuição de elementos nas páginas quanto de uma sequência mais ou menos estável de suas publicações e gêneros discursivos/textuais. Assim, em todas as edições encontramos normalmente dispostos na capa a coluna/matéria “Bom dia...” sempre assinada pelo Professor Décio de Vasconcellos, do Instituto histórico e Geográfico de Minas Gerais – da Academia Marianense de Letras³ e uma matéria/coluna com diferentes assinaturas bem como imagens que sempre remontam a elementos da noção de mineiridade (fotos de santos, desenhos de igrejas da cidade, bandeira do Brasil, dentre outros). Na segunda página, normalmente encontra-se o editorial, ao lado de textos diversificados como poemas, colunas, espaço do leitor, notícias, etc. As outras páginas contêm gêneros semelhantes. Dessa maneira, *Voz de Marianna*, por meio desses gêneros discursivos/textuais se consolida como mídia impressa da cidade. Os gêneros mais produtivos deste jornal no tocante às análises propostas neste trabalho são a coluna/matéria de capa intitulada “Bom dia...” e os editoriais, porém é importante salientar que outros gêneros discursivos/textuais também foram utilizados ao longo da pesquisa, embora de uma maneira bem menos frequente, por serem também atravessados pelo imaginário de mineiridade.

Ao levarmos em consideração que o ano em que se deu o início das publicações de *Voz de Marianna* foi importante do ponto de vista histórico-político no Brasil, tendo isso refletido no posicionamento político-discursivo do jornal, pensamos que momentos históricos destacáveis poderiam ser semelhantemente produtivos sob a ótica desta pesquisa. Assim, se os textos que se referiam à Assembleia Constituinte de 1987/88 evocaram sinais de posicionamento em relação à mineiridade, outros eventos em que o estado de Minas Gerais se sobressaiu historicamente poderiam ser um incentivo para o início da exploração de outros títulos já que o acervo é consideravelmente extenso para que uma pesquisa deste porte o pudesse englobar totalmente. O fato de jornais como *O Cruzeiro* e *O Germinal* serem mais antigos despertou o interesse por uma época em que o estado de Minas Gerais teve participação ativa na história do Brasil: a década de 1930 e a Revolução. Dessa forma, *O Cruzeiro* e *O Germinal* também nos chamaram a atenção dadas as suas características e valorização do ser mineiro. Num exame superficial, pudemos notar, em muitas de suas edições, a presença de imagens de personalidades de destaque na sociedade de Minas Gerais e isso nos levou a fazer um exame mais detalhado destes títulos. Como partindo novamente de uma hipótese mais ou menos

³ Dados do próprio jornal.

intuitiva⁴ nos propusemos a explorar os jornais em datas expressivas historicamente. Assim, começamos a traçar o perfil desses jornais. Notamos, dessa forma, que *O Cruzeiro* foi uma publicação que se posicionou como “Órgão oficial da União dos Moços Católicos”, o que nos evidenciou que o posicionamento do jornal seria essencialmente associado a elementos religiosos em relação aos acontecimentos sociais na cidade, bem como circulou em Mariana-MG entre os anos de 1929 e 1935. Também notamos que parte de suas edições destaca frases de personalidades mineiras no topo da capa/primeira página que representam em certa medida o próprio posicionamento do jornal⁵. *O Cruzeiro* também faz uso de imagens, e essas normalmente se relacionam com pessoas de renome, tendo como destaque os religiosos. Acreditamos que, dada à época menos privilegiada tecnologicamente falando em relação a *Voz de Marianna*, as fotos e imagens são bem menos recorrentes em *O Cruzeiro*, muito embora *O Germinal* tenha sido contemporâneo desse último e contenha mais imagens. Invariavelmente, *O Cruzeiro* demonstra ser um jornal fundamentalmente mineiro que rememora importantes datas e importantes personalidades mineiras que muito nos interessam e que fizeram dele parte constitutiva de nosso trabalho.

O Germinal, por sua vez, fundado em 1905⁶ intitula-se, nos primórdios da década de 1930⁷ como “Órgão do Partido Republicano Mineiro no município”, passando a representar depois a “Legião Liberal Mineira” em 1931 e em 1932 passou a intitular-se “Órgão dos interesses do município de Mariana”. Na década de 1950, no entanto, essa autoindicação desaparece. Não pretendemos fazer um exame crítico dessas auto-denominações, mas acreditamos que as mesmas remontam ao cenário político e social contemporâneo do jornal. É um jornal de cunho político. Apresentando-se normalmente com fotos de personalidades de destaque, tendo enfoque para homens públicos da época, o jornal chama a atenção por sua preocupação política. Por exemplo, à época da Revolução de 1930, na edição de 31 de outubro de 1930 (em anexo), vemos fotos de políticos diretamente ligados ao evento histórico em questão, como é o caso, dentre outros, de Getúlio Vargas, presidente que pôs fim à República Velha, e Olegário Maciel, presidente estadual de Minas Gerais e líder da revolução de 1930 no estado. Também preocupado com diversas datas memoráveis e aniversários (de nascimento e

⁴ Não houve pretensões específicas para que seguissemos esse “critério” de exploração. Em outras palavras, precisamos ressaltar que o compromisso desta pesquisa é estritamente discursivo e o fato de narrarmos como se deu em seu início não tem intenção científica de vincular o imaginário de mineiridade materializado discursivamente e/ou constitutivo do(s) discurso(s) de mineiridade a eventos históricos.

⁵ Vide anexo 2. Esta capa do jornal *O Cruzeiro* demonstra a frase destacada no topo, fenômeno gráfico e discursivo evidenciado no jornal. Exploramos sua dimensão discursiva na seção que se dedica à destacabilidade, aforizações e sobreasseverações no terceiro capítulo.

⁶ Dado do próprio jornal.

⁷ Nossa pesquisa nos jornais não se concentrou em anos anteriores.

de morte) de personalidades mineiras, o jornal é permeado por elementos do imaginário de mineiridade materializados discursivamente que atravessam seus gêneros discursivos/textuais

Passando a narrar mais especificamente como se deu a pesquisa no acervo, iniciamos então os trabalhos efetivamente com a leitura e manuseio dos jornais lendo-os com o objetivo central de selecionar os textos significativos do ponto de vista da mineiridade. Como dito acima, *Voz de Marianna* foi o primeiro a entrar para essa fase inicial do trabalho de exploração dos jornais. Lemos o primeiro ano de publicação deste e encontramos ali alguns textos interessantes que poderiam servir de amostra para o que pretendíamos fazer. Assim, concentramo-nos em 07 edições, todas de 1987, que serviram de base para a pesquisa, e notamos que, em alguns exemplares, o assunto da Assembleia Constituinte foi bastante debatido havendo recorrência a certas características atribuídas de forma tácita aos mineiros em geral.

Estava, assim, sendo selecionado um grupo de textos que poderiam auxiliar a pesquisa na demonstração da maneira como o(s) discurso(s) de mineiridade se constrói/constróem no jornal por meio de temas que se relacionam com a situação política do país. Outros textos que não abordavam diretamente o tema da política também traziam elementos de discurso(s) de mineiridade. Estes foram igualmente selecionados nessa primeira fase de exploração do acervo. Além disso, a memória de Mariana-MG tem sempre espaço nas publicações do jornal e podemos encontrar, por exemplo, apelos aos leitores para que assinem o jornal com o intuito de divulgar a cultura marianense, posicionando-se, assim, como difusor desse imaginário de mineiridade. Ao todo, selecionamos nas 07 edições mencionadas acima e que contribuíram para a composição do *corpus* de análise, 13 textos dos quais pudemos observar elementos do imaginário de mineiridade.

A tabela que se segue pode ilustrar de modo mais pragmático como ficou a seleção desses textos e exemplares do referido jornal. Ela demonstra, além das edições que foram utilizadas para a composição do *corpus*, cada um dos textos dos quais algum excerto foi utilizado neste trabalho. A tabela nos é útil no sentido de listarmos os textos utilizados durante a pesquisa de modo que o leitor possa ter uma ideia da quantidade deles e das edições produtivas do referido jornal em relação à temática da mineiridade. Assim temos:

Tabela 1 – Textos de *Voz de Marianna* utilizados neste trabalho

| Data de edição | Ano | Número da Edição | Título do texto |
|-----------------------|------------|-------------------------|-----------------------------------|
| Abril de 1987 | 1 | 00 | Bom Dia... |
| Abril de 1987 | 1 | 00 | Liberdade... a que preço? |
| Abril de 1987 | 1 | 00 | Lembranças de Mariana |
| Abril de 1987 | 1 | 00 | Memórias Marianenses (parte 1) |
| Mai de 1987 | 1 | 01 | - |
| Mai de 1987 | 1 | 01 | Memórias Marianenses (parte 2) |
| Julho de 1987 | 1 | 03 | Bom dia... |
| Julho de 1987 | 1 | 03 | Vozes de Mariana |
| Agosto de 1987 | 1 | 04 | Vox Populi Vox Dei |
| Setembro de 1987 | 1 | 05 | Quando setembro vier... |
| Setembro de 1987 | 1 | 05 | Menino de Minas |
| Outubro de 1987 | 1 | 06 | Drummond! |
| Novembro de 1987 | 1 | 07 | Anúncio |

Fonte: dados da pesquisa

Como mencionamos acima, seguimos o mesmo padrão inicial para que pudéssemos explorar *O Germinal* e *O Cruzeiro*, por isso um momento histórico, como a Revolução de 1930, nos levou a alguns exemplares na fase inicial de exame do acervo. Foi a abertura da exploração dos dois títulos para que pudéssemos encontrar *amostras* de textos que nos ajudariam a compreender como se dava a construção discursiva da mineiridade ali. Em *O Cruzeiro*, a pesquisa teve início com as publicações do ano de 1930 em diante, tendo enfoque nessa década e tendo como primeiro texto significativo do ponto de vista do(s) discurso(s) de mineiridade, o exemplar de 19 de setembro de 1930, texto este que rememora o bicentenário de Aleijadinho. Com o manuseio do acervo, encontramos edições e seus respectivos gêneros discursivos/textuais que poderiam ser interessantes para a pesquisa e desses, selecionamos 07 edições que poderiam nos ajudar de maneira mais próxima. Nessas 07 edições, encontramos 12 textos profícuos que nos puderam auxiliar do ponto de vista de elementos do imaginário de mineiridade e de onde pudemos extrair excertos igualmente utilizados durante a construção do texto deste trabalho. A tabela que se segue demonstra os textos e as edições de modo mais

pragmático e segue a mesma linha de pensamento da tabela precedente. Dessa forma, temos sobre *O Cruzeiro* o seguinte catálogo:

Tabela 2 – Textos de *O Cruzeiro* utilizados neste trabalho

| Data de edição | Ano | Número da edição | Título do texto |
|-------------------------|------------|-------------------------|--|
| 19 de setembro de 1930 | II | 2 | - |
| 19 de setembro de 1930 | II | 2 | Bicentenário de Aleijadinho |
| 19 de setembro de 1930 | II | 2 | Apelo aos jovens marianenses |
| 06 de dezembro de 1930 | II | 4 | - |
| 06 de dezembro de 1930 | II | 4 | Pátria Nova |
| 26 de novembro de 1932 | IV | 5 | 10 anos de governo |
| 24 de fevereiro de 1933 | IV | 8 | Entrevista com Mons. Horta |
| 19 de fevereiro de 1934 | V | 7 | - |
| 19 de fevereiro de 1934 | V | 7 | Dr. Josaphat Macedo A solene posse de S. Excia. na Prefeitura de Mariana |
| 19 de setembro de 1934 | V | 12 | - |
| 11 de novembro de 1934 | VI | 1 | Monsenhor Horta (esboço bibliográfico) |

Fonte: Dados da pesquisa

É importante salientar, antes de darmos continuidade ao catálogo dos textos utilizados nesta dissertação, que todas as edições dos referidos jornais marianenses contam também com outros textos e seus respectivos gêneros textuais/discursivos, dos quais é possível igualmente encontrar elementos do imaginário de mineiridade. Todavia, preferimos trabalhar com os mais produtivos para esta pesquisa sob a ótica dos elementos do imaginário de mineiridade e dos funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade analisados no primeiro e no último capítulos respectivamente. Por isso, nosso *corpus* contou com os textos que conseguimos elencar nessas tabelas para melhor visualização de nosso leitor/avaliador e que dispõem de elementos bastante profícuos do ponto de vista teórico-metodológico que adotamos.

Continuando, portanto, com a descrição e catalogação dos textos utilizados, em *O Germinal*, encontramos 11 edições das quais 13 textos puderam ser apreendidos como detentores de elementos do imaginário de mineiridade entre as décadas de 1930 e 1950. A tabela

que se segue tem por base este último título de jornal marianense com o qual trabalhamos e, como as tabelas precedentes, segue a mesma linha de raciocínio: abordamos a edição do jornal, o ano e o número da edição bem como o título dos textos dos quais foram retirados excertos produtivos do ponto de vista do imaginário de mineiridade. Seguindo com a terceira e última tabela que cataloga o *corpus* de análise temos, então:

Tabela 3 – Textos de *O Germinal* utilizados neste trabalho

| Data de edição | Ano | Número da edição | Título do texto |
|------------------------|------------|-------------------------|----------------------------|
| 31 de outubro de 1930 | XXVI | 709 | - |
| 31 de outubro de 1930 | XXVI | 709 | A Revolução Triumfante |
| 05 de dezembro de 1930 | XXVII | 711 | O Dia da República |
| 28 de junho de 1931 | XXVII | 717 | Legião Mineira |
| 09 de setembro de 1931 | XXVII | 721 | Dom Silvério Gomes Pimenta |
| 15 de dezembro de 1932 | XXVIII | 741 | Santos Dumont |
| 01 de maio de 1933 | XXIX | 744 | Pleito de Maio |
| 09 de março de 1935 | XXXI | 766 | Férias Forçadas |
| 09 de março de 1935 | XXXI | 766 | Mariana, Mariana... |
| 30 de novembro de 1952 | XLVII | 1035 | Monarquia e República |
| 30 de junho de 1953 | XLVIII | 1043 | Alphonsus de Guimaraens |
| 31 de outubro de 1953 | XLVIII | 1047 | Ordem Seráfica |
| 30 de abril de 1954 | XLIX | 1053 | A Picarêta |

Fonte: Dados da pesquisa

No primeiro capítulo que se preocupa da temática da mineiridade e que se concentra em descrever e refletir sobre os elementos do imaginário de mineiridade, utilizaremos diversos excertos dos textos supra mencionados que corroboram os elementos explorados. Já no capítulo que nos alicerça teoricamente, alguns textos são utilizados como protótipos das condições teóricas sem a intenção de demonstrá-las no todo do *corpus*, no sentido de indicarmos todos os momentos em que tais categorias podem ser identificadas, mas no sentido de ilustrar brevemente seu acontecimento nos jornais estudados. Já no capítulo destinado aos funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade, procuramos por princípios sinalizadores da ancoragem teórico-metodológica em gêneros discursivos/textuais da mídia impressa marianense nas edições selecionadas.

Este trabalho, objetivando analisar a construção discursiva do imaginário de mineiridade nos jornais marianenses, pode ser fundamentado em duas extensões: uma que diz respeito à pertinência em relação ao quadro teórico selecionado para a análise e outra que se relaciona à importância do estudo de acervo como preservação da memória. Em relação à perspectiva teórica e à pertinência dos estudos discursivos aplicados à nossa pesquisa, é importante considerar que

a análise do discurso, antes de ser qualquer coisa de cuja finalidade cada posicionamento tenta se apropriar, é, de fato, um sintoma de que uma sociedade participa de um certo mundo. Da mesma forma que se poderia caracterizar a sociedade grega antiga como uma sociedade na qual existia a retórica, poder-se-ia definir a sociedade contemporânea como uma sociedade na qual se estuda o ‘discurso’ (MAINGUENEAU, 2015, p. 36).

Assim sendo, é importante salientar que a construção discursiva da qual tratamos em nossa pesquisa está necessariamente inserida no funcionamento da sociedade mineira, e/ou, como diria Maingueneau, participa de um mundo. Por isso, a pesquisa vem a ser um importante modo de refletir sobre a memória, compreender as representações de regionalismos e analisar como os imaginários sócio-discursivos se fazem presentes, permanecendo como elementos característicos da sociedade mineira. Ainda no âmbito do modelo de análise do discurso que trata este trabalho, é interessante notar que a pesquisa aqui postulada se insere na esfera dos estudos da linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem intitulada “Tradução e Práticas Discursivas” no que se refere aos processos de constituição das práticas discursivas e à proposta de compreensão da linguagem que se manifesta nos gêneros discursivos/textuais e em suas dimensões históricas. Desta forma, por englobar a pesquisa a representação da mineiridade e os elementos que auxiliam sua construção/materialização nas práticas discursivas da mídia marianense, divisamos o caráter textual em sua esfera de gênero discursivo bem como inserimos a pesquisa em uma dimensão histórica e social ao considerar os processos de cunho memorável, identitários e discursivos do ser mineiro. Atribuindo destaque a um modelo teórico discursivo para alicerçar as análises aqui pretendidas, adotamos a visão de Maingueneau que atesta: “Estudar a emergência, o funcionamento ou as transformações de um gênero de discurso é abrir uma janela para os processos de construção das identidades e do sentido social” (MAINGUENEAU, 2015, p. 39). Em nosso caso, estudamos o funcionamento dos gêneros discursivos/textuais preocupados com certa discussão sobre universo, campo e espaço discursivos, delimitando nosso foco de análise no campo

jornalístico e, mais especificamente, no espaço jornalístico da mídia impressa marianense no que tange aos jornais *Voz de Marianna*, *O Germinal* e *O Cruzeiro*, compreendendo-os como espaço que possibilita a pesquisa. Esse espaço discursivo, no entanto, não pode ser concebido senão em suas manifestações genéricas discursivas/textuais onde se materializa(m) e/ou se constrói/constroem o(s) discurso(s) de mineiridade. Essa discussão se deu no capítulo 2 que nos alicerça em termos teóricos.

Considerando-se, então, que a identidade se constrói nos processos de prática discursiva, vale lembrar sua relação com a memória e o passado em que se ancora. O vínculo com o antigo atribui de alguma forma caráter memorial à noção de identidade e de discurso, o que nos remete à concepção de memória, importante elemento que auxilia na compreensão dos processos que se dão na representação do ser mineiro. Segundo Indursky (2011, p. 68), “a reflexão sobre *memória* sempre esteve presente no quadro da Teoria da Análise do Discurso, muito embora, nos textos fundadores, esta nomeação ainda não tivesse tido lugar”. De acordo com o que conclama a autora, noções como pré-construído, repetição, interdiscurso entre outras, remetem à noção de uma memória materializada no discurso. Isto posto, possibilita-se presumir que a memória é parte constitutiva dos estudos discursivos e mencioná-la nesta pesquisa auxiliará o processo de compreensão da construção discursiva da mineiridade na mídia marianense. Ainda segundo Indursky (2011), apoiando-se em Pêcheux e Fuchs, a noção de sentido nos modelos de análise do discurso tem origem nas relações de parafraseagem no interior de uma matriz de sentido instituindo-se por processo de repetibilidade (que estipula de certa maneira o que pode ser dito no interior de uma formação discursiva – em nosso caso apoiamos-nos no imaginário sócio-discursivo de mineiridade). Para a autora, existe um “entrelaçamento entre *repetição*, *memória* e *sentidos*” (INDURSKY, 2011, p. 69). Esse entrelaçamento possibilita dizeres valendo-se de elementos produzidos anteriormente em discursos diferentes (a essa noção, a análise do discurso em seu campo mais clássico denomina pré-construído) conclamando, assim, a repetibilidade que evoca a memória discursiva. Os elementos do imaginário de mineiridade são, pois, preservados e permanecem vivos nas práticas discursivas midiáticas em Mariana-MG por meio dos textos jornalísticos e esse estudo nos interessa não somente no sentido de que a memória da mineiridade seja mantida, mas pensando teoricamente em como essa memória se consolida.

Em nosso aporte teórico, além de considerarmos a noção de discurso, remontamos às noções de formação discursiva em suas duas filiações de acordo com Maingueneau (2006), quer sejam foucaultiana e pêcheutiana, até chegarmos à noção de imaginário sócio-discursivo de

Charaudeau (2006), sobre a qual, segundo nossa filiação, se ancora(m) e/ou se constitui/constituem o(s) discurso(s) de mineiridade. Para que chegássemos a esse termo, todavia, foi necessário perpassar rapidamente pelo transcurso das obras de Foucault e Pêcheux (e para isso nos baseamos em Gregolin, 2006) no sentido de compreender a gênese desses dois autores e traçar a motivação que nos levou a considerar o imaginário sócio-discursivo de mineiridade em detrimento de uma formação discursiva da mineiridade. Ao chegarmos, portanto, a essa formulação, foi necessário compreender elementarmente a noção de imaginário sob a ordem de Castoriadis (1982) e finalmente sob os preceitos de Charaudeau (2006). A pesquisa caminha no sentido de considerar que toda materialização discursiva do imaginário de mineiridade se dá em funcionamentos do(s) discurso(s) e seus respectivos gêneros.

O último capítulo foi dedicado aos funcionamentos do(s) discurso(s) que foram considerados em três frentes, partindo de uma perspectiva lexical até darmos um tom sintagmático nas seleções de elementos para análise. Dessa forma, nossa pesquisa se concentra em refletir sobre as postulações de Paveau (2007) sobre a importância da memória requerida pelos nomes próprios e procurando aplicar essa formulação nas propostas de análise. Em relação a isso, trabalhamos nomes de importantes figuras mineiras que evocam sentimentos de orgulho de ser mineiro vinculados a elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade, como é o caso, por exemplo, de personalidades como D. Silvério Gomes Pimenta, primeiro arcebispo de Mariana-MG e Santos Dumont, notável mineiro que obteve destaque na Europa por ser aviador. O terceiro capítulo também evoca a categoria das fórmulas discursivas que têm como arrimo as formulações de Alice Krieg-Planque (2010 e 2011), de modo a relacionar a utilização dessas fórmulas discursivas em relação direta com o imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Aqui abordamos a fórmula “democracia” e o termo “liberdade” como fecundos na possibilidade de fórmulas na mídia marianense por guardarem em si os quatro atributos da fórmula discursiva segundo as reflexões da autora. Outras expressões também podem ser consideradas sendo nossa intenção chamar a atenção do leitor para suas possibilidades formulaicas. Este trabalho, em seu último capítulo, também visa a refletir sobre fenômenos como a particitação, categoria ancorada nas formulações de Maingueneau (2008 e 2014), bem como nas noções de destacabilidade, sobreasseveração e aforização, todas baseadas no mesmo autor e em cujas reflexões pudemos nos demorar. Esses fenômenos discursivos são igualmente identificados nos gêneros discursivos/textuais dos jornais analisados. Por isso, nesse ponto, nosso trabalho demonstra exemplos que abarcam os jornais de modo geral concentrando-se mais especificamente em *Voz de Marianna* e *O Cruzeiro* em uma tentativa de demonstrar que esses funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade são bastante fecundos em relação à

temática da pesquisa. Tais entradas principais em relação aos funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade podem demonstrar o funcionamento discursivo da mídia impressa marianense nas *amostras* que utilizamos neste trabalho. É interessante, no entanto, mencionar que essas categorias de funcionamento do discurso por intermédio de seus respectivos autores estão geralmente ancoradas em demonstrações que se valem de exemplos relativamente atuais se levarmos em consideração nosso objeto de pesquisa. Nossos jornais são moderadamente antigos se comparados aos exemplos que encontramos nos modelos apresentados pelos autores que analisam e dissertam sobre essas categorias discursivas. Mesmo assim, pudemos, em alguma extensão, demonstrar por meio de nosso trabalho que essas categorias são profícuas em se tratando dos funcionamentos do(s) discurso(s) constitutivo(s) do e/ou ancorado(s) no imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Outro aspecto importante que deve ser sublinhado, e que vai além das questões teóricas aqui implicadas, mas se relaciona de perto com essa questão temporal de nosso objeto de estudo, é que em todos os excertos retirados dos jornais marianenses, a ortografia da época foi conservada, sendo, assim, as citações fiéis ao texto jornalístico mencionado.

Abordando ainda a estrutura de nosso trabalho, no capítulo inaugural, pesquisamos sobre a temática da mineiridade e trouxemos como bases principais para este estudo as seguintes autoras: Maria A. do Nascimento Arruda (1990) e sua obra “Mitologia da Mineiridade” e Vera França (1998) e sua obra que analisa o jornal *O Estado de Minas*, intitulada “Jornalismo e Vida Social: a História de um Jornal Mineiro”. Também trouxemos para este capítulo de nossa pesquisa outros autores bem como excertos dos próprios jornais marianenses estudados que corroboram os fundamentos do imaginário de mineiridade. Para que pudéssemos contextualizar o leitor no que se refere às diferentes personalidades mineiras que são mencionadas nos jornais marianenses, trouxemos algumas notas de rodapé com informações básicas. É importante deixar claro ao nosso leitor e aos nossos avaliadores que essas notas servem como auxílio no sentido de que não sejam necessárias buscas externas ao nosso trabalho. Dessa maneira, enciclopédias e sites elementares como a Wikipedia, por exemplo, tornam-se ponto de apoio importante no tocante à potencialização da leitura durante o exercício da mesma, não tendo pretensões essencialmente analíticas e/ou acadêmicas. Assim, se o leitor se deparar com algum nome e/ou personalidade desconhecida, poupará tempo de sua leitura não necessitando buscar fora da mesma elementos que possam auxiliá-lo, podendo fazê-lo de forma mais verticalizada em momento posterior de acordo com seu desejo e/ou interesse. Sendo assim, com essas observações em mente, partamos ao corpo do trabalho nos moldes previamente descritos.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS DE REPRESENTAÇÃO DE MINEIRIDADE: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

1 ASPECTOS DE REPRESENTAÇÃO DE MINEIRIDADE: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

No contexto social, linguístico e cultural do Brasil, variados traços culturais têm seu papel nas diferentes regiões do país. Eles são atribuídos a grupos sociais em decorrência de suas essências sócio-culturais ou mesmo de sua localização geográfica. É claro que essa ocorrência não exclui o estado de Minas Gerais, onde seus habitantes são investidos de características específicas. Importante mencionar que não nos dirigimos a essa linha de pensamento sem considerar o todo do Brasil. No entanto, coletividades regionais marcadas por determinados traços culturais podem ser estudadas. No caso de Minas Gerais, então, se nos dirigirmos para além do gentílico mineiro, no sentido do adjetivo pátrio e/ou etnônimo, do grupo de palavras que determinam a origem geográfica de um sujeito, ser mineiro pode se relacionar com traços brasileiros, mas sobretudo, com excentricidades socioculturais do estado de Minas Gerais. Diante dessa assertiva, acampa-se uma indagação sobre o assunto: O que é, então, ser mineiro?

A resposta não é muito simples, é claro. Ser mineiro é um atributo substancial e a nossa intenção aqui não é oferecer uma resposta estática no sentido de compreender o ser mineiro como uma noção estagnada e pronta. Também não levaremos a cabo todos os desdobramentos da noção de ser mineiro, mas levamos em conta que tal visão vai muito além dos trabalhadores das minas dos tempos coloniais, dos nascidos em Minas Gerais, dos amantes da boa culinária mineira... Assim sendo, o que pretendemos, senão apontar para tópicos que nos guiam de certa forma no sentido de construir um alicerce teórico-metodológico, nos embasará no tocante a permitir a identificação de certos elementos essencialmente mineiros e como eles se constroem discursivamente nos jornais analisados. Para tanto, ainda sobre a resposta à pergunta acima, poderíamos pensar em um paradigma do que é ser mineiro. Despretensiosamente, ficamos com um prenúncio do que podemos encontrar sobre o tema: parte de um texto de João Guimarães Rosa que se intitula “Aí está Minas: a mineiridade”, onde podemos encontrar muitos dos elementos evidenciados por nossa pesquisa sobre o assunto:

Reconheço, porém, a aura da montanha, e os patamares da montanha, de onde o mineiro enxerga. Porque, antes de mais, o mineiro é muito espectador. O mineiro é velhíssimo, é um ser reflexivo, com segundos propósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que muito resistente à monotonia. E boa – porque considera este mundo como um faisqueira, onde todos têm lugar para garimpar. Mas nunca é inocente. O mineiro traz mais individualidade que personalidade. Acha que o importante é ser, e não parecer, não aceitando

cavaleiro por argueiro nem cobrindo os fatos com aparatos. Sabe que “agitar-se não é agir”. Sente que a vida é feita de encoberto e imprevisto, por isso aceita o paradoxo; é um idealista prático, otimista através do pessimismo; tem, em alta dose, o amor fati. Bem comido secularmente, não entra caninamente em disputas. Melhor, mesmo – não disputa. Atencioso, sua filosofia é a da cordialidade universal, sincera; mas, em termos. Gregário, mas necessitando de seu tanto de solidão, e de uma área de surdina, nos contatos verdadeiramente importantes. Desconhece castas. Não tolera tiranias, sabe deslizar para fora delas. Se precisar, briga. Mas, como ouviu e não entendeu a pitonisa, teme as vitórias de Pirro. Tem a memória longa. Não tem audácias visíveis. Ele escorrega para cima. Só quer o essencial, não as cascas. Sempre frequentado pelo enigma, pica o enigma em pedacinhos, como quando pica seu fumo de rolo, e faz contabilidade da metafísica; gente muito apta ao reino-do-céu. Não acredita que coisa alguma se resolva por um gesto ou um ato, mas aprendeu que as coisas voltam, que a vida dá muitas voltas, que tudo pode tornar a voltar. Até sem saber o que faz, o mineiro está sempre pegando com Deus. Principalmente, isto: o mineiro não usurpa.

Aí está Minas: a mineiridade (ROSA, 1957).

Neste pequeno excerto do texto de amor às Minas Gerais, o autor menciona as montanhas mineiras além de positivities que descrevem, a seu ver, o mineiro como um sujeito quase celestial, um candidato ao “reino-do-céu” dadas as suas auspiciosas características, como é o caso de sua personalidade marcante, de seu otimismo, sua cordialidade, seu idealismo, enfim, sua excentricidade como sujeito nascido e criado em terras mineiras. Porém, o que nos chama a atenção nesse trecho da obra de Guimarães Rosa é a plausível distinção que podemos fazer entre mineiro e mineiridade. Duas formulações que caminham juntas consolidam nossa temática nesse aspecto: ser mineiro é ter a essência dos elementos que fundamentam a mineiridade; mineiridade é uma extensão de ser mineiro. Essa essência, por sua vez, é ancorada em um imaginário que denomina o mineiro de certo modo e não de outro. O imaginário, assim, anda de mãos dadas com os elementos de mineiridade e vice-versa. Mas é preciso que pensemos em imaginário sob uma perspectiva nada popular, que não se relaciona de modo nenhum com o mundo fantasioso, devaneador das ficções.

Em linhas muito genéricas⁸, “o imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de

⁸ Dedicamos parte da seção seguinte ao desenvolvimento mais elaborado da noção de imaginário e tomamos o termo como uma formulação que se associa com um agrupado de símbolos e significações coletivas que dão

figuras/formas/imagens (...). Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos” (CASTORIADIS, 1982, p. 13). A realidade, assim, é produto de significações coletivas num *continuum* que se associa com os atributos da vida em sociedade e suas maneiras de se organizar socialmente. Assim, imaginário pode ser concebido como constitutivo da sociedade e mais especificamente, do funcionamento da sociedade mineira em seus atributos ao ser mineiro.

Consideradas essas noções primeiras, pretendemos nos inscrever na perspectiva de que o termo “mineiridade” pode estar inscrito em diversos aspectos percorrendo uma trajetória que passa pelas dimensões sociológica, histórica, simbólica, imaginária, ideológica, social e, por que não mencionar, discursiva. Esta última nos acompanhará de maneira muito próxima nesta pesquisa. A referência à mineiridade ou, como procuraremos denominar nesta pesquisa, ao imaginário e/ou discurso(s) de mineiridade, é bastante recorrente nas diversas situações de comunicação que se referem a ou acontecem em Minas Gerais. Há muitos tipos de texto que abordam o tema direta ou indiretamente. Dessa forma, reconhecemos que, em muitos aspectos, o “sentimento” de mineiridade atravessa os discursos nas mais variadas situações em que a língua é posta em uso. É interessante notar que, em casos como este em que nossa pesquisa se inscreve, existe uma construção discursiva que parece consolidar a noção de mineiridade que, embora heterogênea, dadas as dimensões apontadas acima, parece paradoxalmente unívoca, já que “em todo território nacional a identidade mineira é reconhecida, como se todos soubessem o que o mineiro é” (FRANÇA, 1998, p. 70).

De fato parece ser interessante notar que a construção discursiva sobre mineiridade aparece na mídia marianense, mais especificamente em jornais que circularam em Mariana – MG, de forma bastante efetiva. Neste trabalho, procuraremos demonstrá-la por meio de amostragem com exemplos retirados dos jornais pesquisados, com o fim de propor uma análise provável. O trabalho com jornais parece nos dar fundamentação para auxiliar na compreensão da construção discursiva sobre o ser mineiro. Se nos basearmos novamente em França (1998, p. 61) que afirma que “um jornal traz mais que informações; ele exprime um certo padrão de sociabilidade, cristaliza valores e imagens presentes em uma sociedade num determinado momento, constitui uma de muitas modulações da palavra social”, poderemos nos deter na relevância desse tipo de pesquisa para a compreensão de um imaginário que permeia a vida social mineira. Por isso, nosso objetivo neste capítulo é arraigar nossa pesquisa em certos aspectos da noção de mineiridade que aparecem em trabalhos consultados sobre o tema bem

sentido à sociedade. O imaginário é visto, portanto, como elemento essencial à vida em sociedade sem o qual nenhuma atividade social teria sentido.

como em jornais marianenses que constroem discursivamente um posicionamento em relação ao ser mineiro.

Em geral, os aspectos mais representativos da mineiridade são a de “um ser desconfiado, introvertido, irônico, hospitaleiro, proseador, político hábil que luta pela liberdade, busca o caminho da democracia e não perde de vista o jeitinho mineiro de resolver os impasses por meio da conciliação” (BEIRIGO, 2008, p. 3). Podemos considerar de igual maneira, de acordo com França (1998, p. 69), que

há uma “aura” em torno do nome de Minas. Quer se trate de montanhas, de sua história, de seus mitos de origem, de seus casos ou do comportamento normal de sua gente; há em todo canto uma espécie de “alma mineira” sobre a qual muito já se falou, e a partir da mesma recortou-se e constituiu-se uma noção: *a mineiridade* - grifos da autora.

É por meio dessa generalização do ser mineiro que podemos iniciar nossa trajetória em relação à mineiridade e ao modo como essa noção vai sendo construída discursivamente em nosso objeto de análise. Essa construção discursiva que perpassa os jornais pesquisados nos atesta que “o mineiro não é apenas aquele nascido em Minas Gerais: é ainda um personagem envolvido por uma forte carga simbólica. Uma carga extraída da própria Minas – ou que Minas e os mineiros compartilham” (FRANÇA, 1998, p. 68).

Para que possamos abordar o tema da mineiridade de maneira efetiva para esta pesquisa, é necessário repassar por algumas sendas já trilhadas. Não há, como já dissemos anteriormente, uma noção estática e conclusiva sobre o assunto. Cada um dos estudos que tivemos em mãos bem como os jornais marianenses de que dispusemos na pesquisa discorrem sobre mineiridade sob diferentes perspectivas. Como um exemplo de parte dessas perspectivas, poderíamos trazer à pesquisa a noção de cultura nacional como comunidades imaginadas. Assim, mineiridade e/ou imaginário de mineiridade passaria a evocar a ideia de que mineiros compartilham de características específicas e comuns e esta proposição estaria posta não como realidade, mas como imaginário construído discursivamente. Embora alguns autores se baseiem no conceito de nação para abordar o tema da cultura imaginada, cremos que alguns de seus conceitos podem ser convocados com o fim de reforçar a ideia de que o *mito* da mineiridade, tal como tomado nos jornais que circularam na cidade de Mariana-MG, não é necessariamente uma verdade absoluta, mas produto de imaginários e representações culturais, significações dadas pelos sujeitos sociais sobre a vida em sociedade, ideia validada por Stuart Hall para quem

as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p.51).

Assim, parece-nos bastante propício também levantar a percepção de mineiridade sob a perspectiva de Arruda (1990, p. 39) para quem “a identidade regional é a capa que agasalha aspirações de sobrevivência” que podem assinalar traços que revelam posicionamentos em relação à identidade regional e às significações dela constitutivas. A partir das representações discursivas de mineiridade (como uma extensão do ser mineiro) na mídia marianense, pode-se reforçar essa perspectiva. Esses posicionamentos, de acordo com nossas reflexões, estão necessariamente postos na língua em uso em suas mais variadas formas e gêneros. Assim, os textos jornalísticos, sobretudo os estudados neste trabalho, nos revelam uma dimensão simbólica em cuja construção discursiva encontram-se componentes constitutivos do imaginário de mineiridade.

Faz-se importante considerar, dessa maneira, que os textos jornalísticos para os quais proporemos uma análise estão postos em (ou são típicos de) um processo de comunicação que, de acordo com França (1998, p. 61)

não se restringe a seus elementos internos – emissores, mensagens, receptores, dispostos linearmente -, mas compreende a presença de interlocutores e de uma produção discursiva inscritos no seio da vida social. O contexto sócio-histórico, a atmosfera cultural de uma sociedade não são elementos externos, mas fundadores das suas práticas de comunicação: o dizer de uma sociedade é uma cristalização daquilo que ela é.

Em seu trabalho, a autora considera que a compreensão do jornal *Estado de Minas* “tem como ponto de partida a vida social, a ambivalência simbólica em que ele se insere. A existência do jornal é enraizada na história e nas características da cidade de Belo Horizonte e imersa numa atmosfera emocional particular, sentimento marcado pelo ‘ser mineiro’” (FRANÇA, 1998, p.61). Em vista disso e alicerçados nessa mesma perspectiva, consideramos relevante situar nossa pesquisa em uma perspectiva discursiva de mineiridade que nos proporcionará recurso para análise das amostras dos textos jornalísticos. Seria interessante, dessa maneira,

presumir inicialmente que a noção de mineiridade, discursivamente falando, tem forte ligação com o “sentimento marcado pelo ‘ser mineiro’”. Assim, considerando as observações sobre regionalismo e/ou mineiridade que mencionamos até então, podemos compreender que esse sentimento e esses traços de identidade regional foram sendo desenvolvidos na medida em que a história de Minas Gerais e do Brasil foi sendo tecida por meio das *aspirações de sobrevivência* e posicionamentos em relação ao que é ser mineiro.

Assim, o perfil mineiro e/ou de mineiridade que estamos tentando perseguir neste trabalho se inscreve em uma perspectiva bastante heterogênea já que nossa abordagem está mais voltada para estudos sócio-discursivos. É por essa razão que o trabalho de Vera Veiga França nos interessa de perto. Em sua obra já citada acima, a autora aborda o tema da construção da mineiridade passando por diversos aspectos desde o retrato do mineiro até a valorização do ser mineiro. Procuraremos abordar o tema da mineiridade também sob a luz de seu trabalho. Para a autora,

se a mineiridade implica sobretudo um conjunto de valores, crenças e símbolos, é, entretanto, no jeito e nas atitudes dos mineiros que ela encontra sua maior forma de expressão: representação abstrata da gente mineira, ela atinge a sua materialização através de um comportamento ‘natural e esperado’ do homem de Minas (FRANÇA, 1998, p. 71).

E essas “características mineiras” encontram-se em um percurso notável, o qual procuraremos percorrer a partir de então discorrendo sobre especificidades que esboçariam a essência do ser mineiro. Nossa pesquisa a partir deste momento será permeada de aspectos bastante variados no sentido de áreas específicas de conhecimento (sociológicos, históricos, literários), que serão abordados de forma que nos possibilitarão um apoio, procurando traçar um panorama da noção com o fim de cooperar com nossa análise.

O período colonial, em que o território que consiste em Minas Gerais atualmente foi palco da exploração mineral à época aurífera, tem relevado peso na formação da mineiridade especialmente em se tratando do centro mais profícuo no encontro dos minérios preciosos, onde a urbanização e o desenvolvimento chegaram primeiro⁹. Isso porque, de acordo com Dias (1985, p. 75), Minas Gerais no período colonial

se distingue pelo estilo de urbanização precoce, por meio da articulação de arraiais e vilas dentro do mesmo sistema econômico; pela intensa miscigenação e pela presença de estratos sociais mais diversificados e

⁹ Essa região se relaciona com o que conhecemos hoje como região de Ouro Preto-MG.

dispostos de modo mais flexível do que em outros trechos do Brasil da mesma época; pelo rigoroso controle social a que esteve submetida, por parte especialmente dos agentes e instituições fiscais da Coroa; pela confluência de uma população socialmente heterogênea, fluida e instável, constituída de paulistas remanescentes das bandeiras e dos faiscadores de ouro, judeus (cristãos-novos), baianos e outros nordestinos, reinóis de origem rural ou não; por uma participação política restrita mas efetiva, por meio das câmaras municipais, e assim por diante.

Essas características chamaram a atenção dos observadores. Em algumas décadas do intenso relacionamento entre grupos étnicos tão diversificados, forjaram-se, por hipótese, alguns traços de mentalidade coletiva. A recusa do poder opressivo, o catolicismo devocional, o fechamento em si mesmas das unidades familiares (notadamente as rurais) são alguns exemplos possíveis de um comportamento que perpassavam toda a embrionária estrutura de classe ali existente.

Nesse aspecto, vemos a origem da identidade coletiva do ser mineiro ancorada na época colonial inaugurando em alguma medida a noção que mais tarde se virá a conhecer por mineiridade. Isso porque a sociedade mineira do Brasil colonizado se caracterizava substancialmente por notório agrupamento desuniforme de sujeitos sociais. Como pudemos ver no excerto acima transcrito, o território de Minas Gerais, por suas características propícias à mineração, atraiu para si diversos grupos sociais. O mesmo autor ainda aponta para a presença de portugueses e migrantes advindos de diferentes regiões do país, conhecidos como emboabas, que contribuíam com essa heterogeneidade dos habitantes da região aurífera à época colonial (DIAS, 1985). Todo esse contexto social aponta para a organização da sociedade mineira em suas especificidades como a conhecemos hoje.

Dessa forma, para iniciar nossa abordagem sobre os aspectos específicos do ser mineiro, pensamos ser interessante, retomar o mito da mineiridade de acordo com Arruda (1990), em uma abordagem que se volta para a história de Minas Gerais e do Brasil e tem perspectiva sociológica. Considerando seu trabalho, perceberemos que a autora pauta o imaginário de mineiridade depreendendo-o, dentre outros fatores, da literatura de viagem. A autora tece comentários sobre vários excertos desse tipo de literatura analisando-os e propondo que os estrangeiros construíram uma imagem dos mineiros por meio de imaginários e comparações com a Europa e outras regiões do Brasil. Segundo a autora, os mineiros, de acordo com tais

obras da literatura de viagem, se diferenciavam dos demais povos das regiões do Brasil, o que contribui para a origem do mito da mineiridade. Para ela,

a caracterização de Minas Gerais pelos viajantes desponta num quadro eivado por comparações, construído a partir de referências à Europa, como vimos, às outras regiões brasileiras ou inserido no conjunto do país. Nos dois primeiros aspectos, o procedimento utilizado para a identificação baseia-se no realce das diferenças; já no último sobreleva o critério da integração. Nas primeiras comparações ganham contorno os aspectos regionais, desembocando na construção de um perfil definido dos mineiros. No caso derradeiro, são delineados os traços do caráter nacional, onde os mineiros são pensados (ARRUDA, 1990, p. 53).

A autora discorre ainda sobre algumas características negativas do mineiro afirmando que, no imaginário da literatura de viagem, o homem era visto como ocioso em terras mineiras se comparado à Europa. Para ela, a persistência e insistência no sonho do ouro, denominado “devaneios dourados”, fato ocorrido à época aurífera nas Minas Gerais, deu origem a esse mito em relação à mineiridade.¹⁰ Os excertos da literatura de viagem mencionada pela autora também discorrem sobre a hospitalidade do povo mineiro ligando-a necessariamente ao ócio e traz ainda ao seu trabalho o dado de que foram os imigrantes que mudaram essa concepção nacional (e mineira) por meio de sua “ideologia do trabalho” (ARRUDA, 1990, p. 58). A respeito dessa ideologia do trabalho, notamos sua valorização na maneira como alguns jornais vão mostrando os feitos de personalidades famosas de destaque na sociedade mineira, que se tornaram símbolo não somente de trabalho, mas de progresso trazido à região de Mariana – MG. Tomemos como ilustração a matéria dedicada aos dez anos de arcebispado de Dom Helvécio Gomes de Oliveira¹¹, arcebispo metropolitano destacado por suas obras em benefício da cidade de Mariana-MG e região:

¹⁰ Não nos deteremos, no entanto, nessa imagem que se fez sobre o mineiro no passado por duas causas justas:

1 - se estamos refletindo sobre a construção discursiva da mineiridade (e/ou do ser mineiro) por parte da mídia mineira, e mais especificamente marianense, fica claro que esse tipo de característica negativa atribuída ao povo não aparecerá nas amostras propostas.

2 – a própria autora traz a informação de que, por meio da chegada de imigrantes “difunde-se o valor da dedicação ao trabalho enquanto mola propulsora das transformações e criadora da modernidade brasileira” bem como afirma que “a ideologia do trabalho trazida pelos imigrantes (...) afirmava-se em contraposição ao ócio” (ARRUDA, 1990, p. 58). Assim, pontuamos que passamos por essa característica do passado mineiro somente com o intuito de mencionar de forma elementar alguns traços que constituíram e contribuíram com a construção da noção de mineiridade e não com o objetivo de mostrá-las em nossos textos de base para a análise proposta.

¹¹ Dom Helvécio Gomes de Oliveira foi arcebispo de Mariana-MG em sucessão a Dom Silvério Gomes Pimenta por ocasião de seu falecimento. Foi importante arcebispo tendo participação ativa na cidade e na Revolução de 1930. É lembrado como “Bispo das Vocações Sacerdotais” (HELVÉCIO GOMES DE OLIVEIRA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014).

Marianna era a cidade morta, e seus filhos ahí estavam myrrando à inclemência da soalheira, contemplando esses campos e morros baldios, refractários à ação mais enérgica do lavrador. Arcebispo emprehendedor, homem de descortino compreendeu para logo que em Marianna si faltava pão era porque faltava trabalho. Mãos à obra e novos rebentos começaram a emergir do seio adormecido de nossa terra. Remodelação da cathedral, e do Seminário, adaptação do palácio velho em Gymnasio, da velha igreja de São Pedro em museu, construção do palácio novo, do grupo escolar “D. Benevides” e do novo Colégio Providência, edifícios estes que devem a sua realização à benéfica e efficaz influência do preclaro Arcebispo; o Noviciado das Carmelitas, e por fim a obra gigantesca – o Seminário São José – que Marianna jamais sonhou merecer e que bastaria para immortalizar o nome do eminente prelado brasileiro, glória do Episcopado nacional, foram os grandes emprehendimentos de S. Excia. Revma. que redundaram em proveito de nossa terra.

(...) No 10º aniversário de seu governo acredito que Marianna já o queira reconhecer como um bem-feitor exímio e não mais amargue o seu coração paterno.

Bem merece Sua Excia. Revma., acatado pelo clero e episcopado nacionaes, que nós mariannenses o reverenciemos, reconhecendo os heróicos esforços que não tem sonogado em beneficio e proveito de nossa terra (O CRUZEIRO, 26 de novembro de 1932, p.1).

Outros traços citados por Arruda (1990) e que são encontrados na literatura explorada por ela em relação às características da mineiridade são os traços de personalidade. Esses têm uma relevância especial para nossa pesquisa, pois parecem ter ligação direta com as representações de mineiridade que aparecem nos jornais pesquisados. Dessa forma, na construção de uma noção de mineiridade,

além da altivez, os autores enfatizam o garbo, a nobreza, a delicadeza, a obsequiosidade e a sensatez, que se fecham num perfil harmônico quando são comparados aos ingleses, conhecidos pelo cultivo da formalidade no trato. O círculo completa-se no entanto, quando, ao conjunto de qualidades, soma-se o gosto pela ‘vida cavalheiresca’ (ARRUDA, 1990, p. 59).

De acordo com França (1998, p. 71), corroborando essa visão do ser mineiro,

esse “jeito” mineiro começa com a distinção de um tipo físico particular: os viajantes do século XIX já descreviam um tipo, magro, ossudo e esguio. Ao porte retilíneo, acrescentava-se um temperamento equilibrado, por vezes temperado por rasgos de orgulho e nobreza. (...) Outras características como a inteligência, a imaginação pronta, a independência de espírito e a autoconfiança, aliadas a uma grande reserva e a uma timidez, vêm completar o perfil.

O Germinal, jornal marianense considerado nesta pesquisa, empreita-se em descrever o mineiro corroborando esse perfil. De acordo com um artigo intitulado “Legião Mineira”¹², “A estes [chefes da Legião] não lhes fallece nunca o apoio e solidariedade de **Minas altiva**” (O GERMINAL, 28 de junho de 1931, p.1) - grifo nosso. Também pudemos encontrar uma citação de Josaphat Macedo, ex-prefeito de Mariana – MG, em *O Cruzeiro* que reafirma o caráter nobre atribuído ao mineiro por meio de uma alusão à cidade de Mariana: “Marianna desperta, graças às benemerências do governo do Estado e ao patriotismo dos seus filhos; desperta da imaginação contemplativa para a trepidação da vida moderna; e será grande economicamente, como já o é pela sua cultura, pela fé, pela tradição, **na sua história refarta de heroísmos**” (O CRUZEIRO, 19 de setembro de 1934, p.1) – grifo nosso.

Sobre o caráter libertário e os ideais de liberdade tão ligados ao ser mineiro e ao imaginário de mineiridade, podemos apontar que à época aurífera, o estado de Minas Gerais era visto como indomável. Minas Gerais seria incontrolável, o que originou esse imaginário. Nesse sentido, Arruda afirma que “explica-se a insubmissão dos mineiros, cuja mania de liberdade poderia colocar em risco a segurança das colônias portuguesas na América” (ARRUDA, 1990, p. 70). Nessa época, de acordo com a autora, Minas Gerais era o centro do país, dada sua atividade econômica e posicionamento político. Dessa forma, em se tratando mais especificamente dos políticos mineiros, podemos considerar que esses tinham papel prestigioso no país desde o império. O discurso, segundo o que depreendemos da leitura de Arruda (1990), era de que os políticos mineiros traziam ao império o amor à liberdade.

É evidente que as instituições do império eram pouco democráticas, mas, de acordo com o que postula a autora, isso pouco importava, pois os mineiros sempre tinham posição política proeminente. Assim, os ideais de liberdade são uma das características de grande destaque quando se aborda o tema da mineiridade. Atestando a importância dessa característica, encontramos uma matéria em nossa pesquisa que considera vividamente a importância da

¹² Importante ressaltar que a Legião Liberal Mineira foi um movimento que visava a conservar os ideais revolucionários de 1930 (CALLICHIO, 2009).

liberdade, tratando-a até mesmo como “causa santa”. Nela, as características de pacificidade de ser mineiro poderiam paradoxalmente combinar-se com um estado de Minas Gerais belicoso em favor da liberdade¹³:

Minas esquecida, desprezada, repudiada teria fatalmente que deslembrar os seus costumes pacíficos, teria que deixar o seu arado, voltar as costas aos campos fertilíssimos e se pôr em armas, junto aos seus companheiros de padecimento, para reivindicar seus direitos. E, assim foi. Levantou-se-lhe o brado belicoso, a que responderam uníssonos o Norte e o Sul, e travou-se a mais gigante peleja libertadora, de êxito esplendente e completo.

Dessa pugna regeneradora e memorável festejamos o triunfo. Saudemos Minas e seus aliados pela vitória de 24 de outubro, **nova aurora de liberdade** (O GERMINAL, 31 de outubro de 1930, p. 1) – grifo nosso.

Podemos ver neste excerto que, além da valorização de seus direitos, Minas Gerais é vista como detentora e promissora de liberdade. Também é importante mencionar que a “nova aurora de liberdade” mencionada se refere à luta na Revolução de 1930¹⁴ em que Minas Gerais e seus aliados saíram vencedores, mas antes e além disso, faz rememorar todo o imaginário de mineiridade ancorado nos ideais de liberdade creditados a Minas Gerais que têm em Tiradentes seu primeiro representante.

A edição que abre as publicações de *Voz de Marianna* em seu lançamento também enaltece a importância da liberdade no texto que aborda o “nascimento” do jornal: “Nasce sob os signos da paz e da **liberdade**, no mês em que a primeira missa rezada no Brasil abençoou a nova terra descoberta e em que o estandarte da Inconfidência era desfraldado nos píncaros das montanhas mineiras” (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p.1) – grifo nosso. Aqui tocamos em outro ponto de extrema importância para a história de Minas Gerais e do Brasil, a Inconfidência Mineira¹⁵, de onde esse tópico de liberdade tem origem de acordo com Arruda

¹³ O texto faz clara alusão ao papel de Minas Gerais na Revolução de 1930 e tem como título “A Revolução Triunfante”. Vale ressaltar que no excerto, há menção aos campos de Minas Gerais, em alusão à vida rural do estado.

¹⁴ Como sabemos, a Revolução de 1930 foi um movimento armado, liderado por Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul que impediu a posse do presidente Julio Prestes e depôs o presidente Washington Luis, colocando fim à República Velha no Brasil. Por ocasião da queda da bolsa de Nova Iorque em 1929 e a crise financeira que o caso causou, o estado de São Paulo rompeu a aliança com Minas Gerais, colocando fim à conhecida política do café com leite, que gerou instabilidade nas relações dos dois estados, por meio de vários episódios, que culminou na dita revolução em que Minas Gerais levou vantagem política sobre São Paulo (REVOLUÇÃO DE 1930. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016).

¹⁵ A Inconfidência Mineira foi uma tentativa de revolta que objetivava a libertação do Brasil da coroa portuguesa no período do ciclo do ouro. Os altos impostos (cerca de 20%) cobrados pela coroa portuguesa no Brasil na época da colonização e sua opressão ao povo deram origem a questionamentos e a desejos de libertação dessa situação e levaram à criação de um movimento que visava a independência do Brasil. O movimento foi liderado por

(1990). Assim, as características políticas originadas no martírio de Tiradentes também ganham espaço especial na construção da mineiridade, segundo a autora, e esse traço nos interessa bastante porque nos propomos a analisar as representações de mineiridade postas discursivamente nos jornais de Mariana – MG que estão permeadas de elementos políticos típicos das características atribuídas ao mineiro em decorrência da Inconfidência e de seu destacado personagem, Tiradentes, ícone do caráter libertário dos mineiros.

Em matéria sobre a monarquia e a república, o jornal *O Germinal* parece corroborar essa assertiva. Ao abordar o tema do primeiro reinado no Brasil, o jornal atesta:

O Brasil nesse primeiro reinado, conquistou posição de destaque no concerto dos países livres – velha aspiração dos Inconfidentes mineiros, que pagaram, tragicamente, o sonho idealizado por todos, subiu ao cadafalso ignominioso o proto-martir da liberdade – o herói da Conjuração: Tiradentes (O GERMINAL, 30 de novembro de 1952, p. 1).

Para o jornal *Voz de Marianna*, contribuindo com essa noção do destaque à valorização da liberdade como parte do ser mineiro, Mariana “é a ‘célula-mater’ da civilização mineira, de onde se espalhou por todo Brasil, as luzes da sabedoria; o gosto pelas artes, a divulgação da fé católica e os **anseios de liberdade** de um povo oprimido e espoliado” (VOZ DE MARIANNA, julho de 1987, p. 1) – grifo nosso. Podemos notar também durante as leituras dos jornais que a liberdade permeia o(s) discurso(s) de mineiridade muitas vezes conectada a diversas outras características de Minas Gerais, a exemplo da própria vegetação típica da geografia mineira: “A natureza hasteou a nossa bandeira no primeiro ipê florido neste mês de setembro. A singular imagem de uma liberdade conquistada!” (VOZ DE MARIANNA, setembro de 1987, p. 2). Da mesma forma, também aparece fundida com elementos de mineiridade como parte inerente do sentimento de nação e de aspectos da flora mineira:

É preciso ter olhares para contemplar esta liberdade que corre solta pelos campos em cinza... esta que vem em pequenas coisas. Não será um grito ou uma canção, mas a certeza de saber que é nosso chão, no chão de nossos pais e avós, no chão de nossos filhos é que floresce a liberdade! Não é este retângulo de pano verde, mas as flores do ipê e os brotos da vida nova que nos trazem a alma imortal do Brasil. Indestrutível identidade de nação! Uma nação que tem certeza de saber que das cinzas poderá vir o broto novo. Uma nação que sempre saberá renascer (VOZ DE MARIANNA, setembro de 1987, p. 2).

Tiradentes, mas foi denunciado por Joaquim Silvério dos Reis e desmantelado pela coroa portuguesa em 1789. (“Movimentos nativistas e de libertação – Inconfidência Mineira – 1789 – Vila Rica.” *Só história*. Virtuoso. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/ef2/inconfidencia/>. Acesso em: 19 de abril de 2017.)

Poderíamos até mesmo sugerir que a liberdade enquanto elemento constitutivo de mineiridade é noção onipresente nas publicações dos jornais analisados, mas talvez seja muito ousado da parte desta pesquisa afirmar isso veementemente. O que importa para este trabalho, no entanto, é que os ideais de liberdade são um importante aspecto das representações de mineiridade atestado pelos jornais, “a liberdade com todas as letras, ampla, como aquela sonhada por Tiradentes” (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 2) está sempre permeando os textos com os quais dialogamos neste trabalho.

Ainda seguindo a linha da proeminência do notável mineiro, de acordo com Arruda (1990), Tiradentes se tornou um verdadeiro mártir para o país deixando de ser um mineiro ilustre para tornar-se um marco da história moderna brasileira, “um criador da verdadeira nacionalidade” (ARRUDA, 1990, p. 67), daí sua relevância em relação aos ideais de liberdade que são encontrados em nosso objeto de análise. Entretanto, a própria ousadia dos ideais de liberdade culminou na derrota por ocasião de sua morte e de outros inconfidentes, o que parece acrescentar ao imaginário de mineiridade as características do ser prudente que considera liberdade e ponderação concomitantemente. A prudência do ser mineiro também aparece como valor descritivo da cidade de Mariana nos jornais estudados. Em *Voz de Marianna*, nas suas congratulações à cidade por ocasião de seu aniversário, podemos encontrar: “Parabéns, Marianna, pelo seu aniversário! Que Deus lhe dê muitos anos de vida para que possa ‘mais bela que outrora ressurgir’, dando ao Brasil, como já fez no passado, **exemplos de prudência**, de ordem, de progresso, de sabedoria e de liberdade¹⁶”. (VOZ DE MARIANNA, julho de 1987, p. 1) – grifo nosso. De acordo com Arruda (1990), o imaginário do mineiro prudente, foi sendo construído por meio dos inconfidentes. A autora cita um poema sobre a inconfidência e, ao analisá-lo, atesta: “A prudência, que se manifesta no poema reproduzido sob prisma dramático, drama nascido da antinomia entre liberdade e ponderação, aparece na literatura dedicada a elaborar o perfil dos mineiros” (ARRUDA, 1990, p. 91). Assim,

no sigilo das grossas portas fechadas nascia o ideário de liberdade dos inconfidentes (...) que ousaram saltar as fronteiras do isolacionismo cultural e político e criaram uma atmosfera carregada por pontos em suspensão, a reproduzir a vitória na derrota, a sobrevivência na morte, a tradição na ruptura. E de fato, a partir desses episódios, a ‘tradição de Minas é inventada’, ao estabelecer uma ligação com o passado através dos fios da continuidade. Em suma, a identidade de Minas nasceu de uma derrota e daí seu caráter vitorioso,

¹⁶ Vale reiterar o princípio de liberdade mencionado no excerto que robustece as reflexões desta pesquisa sobre este valor no que se refere ao(s) discurso(s) de mineiridade.

permitindo aos mineiros cultivar a sua própria permanência no desenlace da vida, de onde advém a tradição ritualizada (ARRUDA, 1990, p. 9).

Essa tradição libertária nascida do que se denomina “aparente derrota dos inconfidentes” aparece muito clara na política de Minas Gerais, pois, como “descendentes de Tiradentes, os mineiros seriam os legítimos defensores da liberdade e do sentimento de nacionalidade” (FRANÇA, 1998, p. 84). O fato, porém de esses ideais de liberdade estarem relacionados com a derrota na conjuração/inconfidência trouxe à tona o caráter prudente atribuído ao mineiro.

A influência mineira nos setores políticos nacionais também adquire grande relevância por causa disso. De acordo com Ângelo (2005, p.162),

vem de longa data a tradição política de Minas Gerais. Dos eventos sedicionários que se desenrolaram no período da Inconfidência, até a participação de políticos mineiros quando da “República do Café com Leite”, na qual os *geralistas* revezavam a cadeira presidencial com os paulistas, a atuação dos homens públicos de Minas ganhou relevo e notoriedade no cenário nacional. Desta forma, cabe ainda destacar a atuação do mineiro Tancredo Neves durante a redemocratização pós-ditatorial, culminando no movimento Diretas-Já; e ainda a presença, na vice-presidência, de mineiros em duas gestões: Itamar Franco como suplente de Fernando Collor de Mello e José Alencar (...) para nos determos a exemplos mais recentes.

Pensar nesse atributo do imaginário de mineiridade nos leva a procurar traços que evidenciam o perfil do político mineiro. Para França (1998, p. 84 e 85),

na galeria dos grandes políticos mineiros emergem aqueles que são reconhecidos como “homens de princípio”, notáveis por seu equilíbrio, sua prudência e sua firmeza...

Finalmente, para completar o perfil desse político, é necessário assinalar que, do ponto de vista de sua extração social, trata-se sobretudo do profissional liberal, vindo da elite urbana e culta, e não exatamente dos setores produtivos, o que explica a sua devoção – e profissionalismo – à causa política.

Assim, constrói-se a imagem da política enquanto trajeto natural dos mineiros que foram, desde o princípio, defensores da autonomia e da ideia de nação; que agiram sempre guiados por ideais elevados, mantendo essa causa acima de seus interesses pessoais e os que desenvolveram, como arma maior, a astúcia e a negociação.

Em nosso objeto de pesquisa, especialmente em *O Germinal*, os políticos aparecem de maneira bastante efetiva. Nomes como Dr. Wenceslau Braz¹⁷, Dr. Olegário Maciel¹⁸ e Juscelino Kubtschek¹⁹ aparecem no cenário local ou com projeção nacional, sendo imaginados como modelos de político e, portanto, do ser mineiro²⁰. Podemos perceber também ao longo das leituras dos jornais que os assuntos políticos do Brasil estão sempre presentes quer seja em relação ao cenário nacional, quer em relação ao cenário local. Como já mencionamos, a Revolução de 1930 é um dos tópicos de grande destaque que demonstram posicionamento político de modo clarividente. Utilizemos como exemplo, o posicionamento de *O Germinal* em relação à Revolução e ao presidente deposto Washington Luis (é interessante notar como a construção discursiva da matéria intitulada “A Revolução triunfante” – já citada anteriormente – coloca Deus ao lado dos revolucionários):

Deus, afirma um sacerdote philosopho, dá longa prosperidade, deixando-o impune por annos numerosos, áquelle que quer castigar duramente.

Assim se cumpriu no presidente deposto. Depois de satisfazer, ao infinito, os seus caprichos, até golpear fundo o enorme coração da Parahyba, teve a justa e tremenda recompensa da sua pertinácia feroz, de seu orgulho transbordante.

(...)

¹⁷ Wenceslau Braz foi um político mineiro que atuou na prefeitura de Belo Horizonte, no governo do estado de Minas Gerais e na presidência do Brasil nas duas primeiras décadas do século XX (VENCESLAU BRÁS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Acesso em 17 janeiro de 2017).

¹⁸ Olegário Maciel também foi político mineiro, atuou como deputado federal e governador de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XX. Foi um dos líderes da Revolução de 1930. É importante ressaltar que à época de Olegário Maciel, e por consequência, de Wenceslau Braz, o governo do estado era denominado “presidência”, portanto os dois, nos jornais marianenses são chamados presidentes de Minas Gerais (OLEGARIO MACIEL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Acesso em 17 janeiro de 2017).

¹⁹ Juscelino Kubtschek nasceu em Diamantina-MG e representou seu estado na política brasileira. Apesar de ter sido senador por Goiás na década de 60, foi também prefeito de Belo Horizonte, deputado federal por Minas Gerais, governador do estado e presidente do Brasil (JUSCELINO KUBITSCHKEK. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Acesso em 17 janeiro de 2017).

²⁰ Vide anexo 3 - Trazemos em anexo a primeira página da edição de 31 de outubro de 1930 de *O Germinal* com o intuito de ilustrar de alguma maneira a temática da política nos jornais. Chamamos a atenção para as fotos dos homens inseridos no cenário político e não necessariamente para o discurso e/ou a construção discursiva da mineiridade na edição. O jornal *O Germinal* é bastante produtivo para observar esse traço do imaginário de mineiridade por meio de textos que abordam os temas da Legião Liberal Mineira, já que se apresenta como órgão oficial do núcleo nessa época. Vale lembrar que, embora o dado a seguir não nos interesse a princípio neste momento, a Legião Liberal Mineira teve seu fim em 1933 após a morte de Olegário Maciel e o jornal passou a representar “os interesses do município de Mariana”, como pode ser observado nas publicações após esse episódio.

Elle algodoou os ouvidos para não escutar os que conclamavam o respeito aos seus direitos. Fez-se de surdo para o que não concernisse á voz da amizade privada, onde ella não podia imperar.

Curta agora os rigores do que podia e não quis evitar (O GERMINAL, 31 de outubro de 1930, p. 1).

Aqui podemos perceber claramente que o jornal se posiciona politicamente em favor da revolução ocorrida por ocasião do fim do revezamento da presidência do país entre Minas Gerais e São Paulo afirmando ainda que a deposição do então presidente do Brasil significava a ação de Deus em favor de Minas Gerais. Em outro momento de posicionamento político, bem como de comemoração pela vitória na revolução, a Legião Mineira, já mencionada em nota, criada para conservar os ideais da revolução de 1930, tem espaço nas publicações e, nessa condição, o jornal corrobora a visão do mineiro político ao atestar que a Legião era importante figura no cenário sociopolítico brasileiro à época:

Caminham os mineiros firmes e confiantes, unidos pelos ideaes revolucionários (...). A ação forte e sincera dos que propugnam pela regeneração dos **nossos costumes políticos**, não baqueará deante de nenhum obstáculo que por ventura se lhe queira oppor. Está já victoriosa (O GERMINAL, 28 de junho de 1931, p. 1) – grifo nosso.

Assim, podemos notar que nosso objeto de análise atesta de alguma forma a tradição política do mineiro. Arruda (1990) insiste que o mito da mineiridade e seu viés político estão alicerçados no espírito de nacionalidade. São dois, em vista disso, os aspectos distintos, mas profundamente interligados que asseguram o caráter político do ser mineiro: a nacionalidade e a própria mineiridade. Tiradentes, como mineiro e herói nacional, é símbolo de mineiridade e unidade nacional, mantendo esses dois aspectos conectados e conservados continuamente.

O sentimento de nacionalidade, aliás, é algo que podemos apontar no percurso da pesquisa e que perpassa os jornais marianenses. A propósito disso, em alusão ao dia da proclamação da república, *O Germinal* exalta o patriotismo dos marianenses: “Sim, porque os Mariannenses sempre souberam cultivar, com carinho, o amor da Pátria; sempre procuraram accorrer solícitos e cheios de despredimento, aos appellos da Mãe-commum, no tempo da bonança ou no tempo da tormenta” (O GERMINAL, 05 de dezembro de 1930, p. 3). Por outro lado, em *Voz de Marianna*, numa época bem mais à frente se compararmos às publicações da década de 30 em *O Germinal*, encontramos as mesmas aspirações de patriotismo. De um texto dedicado à memória da cidade, recuperamos a seguinte assertiva: “Atinge [a memória] sua

culminância na memória moral dos feitos de seus filhos mais ilustres que tanto honraram a Pátria Brasileira” (VOZ DE MARIANNA, maio de 1987, p. 3). O patriotismo sob a bandeira da Independência do Brasil também aparece como ponto destacável para *Voz de Marianna*:

Ah se todos os brasileiros fossem **tão patriotas** como aqueles de um setembro passado, lá naquele setembro de 1822! Quantos homens, quantos ideais? Eram os ventos de Minas inflando a bandeira de liberdade que Tiradentes hasteava 30 anos antes e por ela deu a vida! (VOZ DE MARIANNA, setembro de 1987, p.2) – grifo nosso.

Percebemos nesses excertos que parte significativa dos elementos constitutivos do(s) discurso(s) de mineiridade andam de mãos dadas, quer sejam os ideais de liberdade, o patriotismo, e/ou a habilidade política. Segundo Arruda (1990), seguramente esse aspecto da mineiridade está ligado a questões históricas. Sendo assim, “os mineiros, por isso, são homens talhados para a prática política generosa, desenvolvendo verdadeira vocação para os problemas públicos” (ARRUDA, 1990, p. 119). Ainda segundo o que postula a autora,

a atividade política em sua dimensão nobre ressurgiu, aqui, enquanto produto de um caráter específico, quase potencial biológico que, uma vez herdado, torna-se parte integrante do ser. A atração pela política foi naturalizada, por não resultar da própria vida social e muito menos das relações sociais que se alojam e conformam a organização da sociedade. Ao espírito de Minas, em suma, remete-se a razão política, elemento constitutivo de sua própria memória, fundido no ouro das Lavras, revivido nos campos como atavio dos anos esplendurosos (ARRUDA, 1990, p.119).

Com efeito, esse ideário político favorável e animador correlaciona-se de perto com uma visão um pouco idealizada da dimensão política da mineiridade, o que nos assegura que está fortemente vinculado a uma construção imaginária dos políticos mineiros em amplo sentido, especialmente quando se trata dos jornais mais antigos. Neles podemos destacar uma visão quase platônica de personagens políticos mineiros utilizando-se de elementos valorizados socialmente como religião, por exemplo, e de ideais que se relacionam de perto com as características mais ditosas atribuídas ao ser mineiro. Contudo, pudemos ver acima, de acordo com França (1998) que os políticos mineiros são/eram normalmente profissionais liberais, representantes de uma classe que se dedica à profissionalização política (provavelmente por interesses específicos), o que nos faz olhá-los com outros olhos, muito embora esse não seja nosso objetivo principal. Em todo caso, a devoção política parece ser “natural” do mineiro, algo que nos leva a considerar fortemente a possibilidade de o imaginário estar tão fortemente ligado

a características positivas, que sejamos inevitavelmente levados a conceber a idealização e a mitificação da política mineira como consequência dessa relação. Assim, a imagem de um bom político é associada ao imaginário de mineiridade, ou ainda, o ser mineiro está fortemente vinculado ao ser (bom) político, o que não necessariamente incorpora tendências de fato imparciais. Essa é uma problematização interessante que nos remete à reflexão sobre a forma como a política é tomada sob a bandeira da mineiridade e que nos levanta questionamentos importantes sobre tal vertente do imaginário de mineiridade.

Outro elemento do imaginário de mineiridade deriva da religiosidade, em especial a religiosidade católica que foi trazida ao Brasil pelos europeus. O lado religioso de Minas Gerais parece mesmo remontar ao Brasil colônia e às Minas setecentistas em que “a religiosidade foi ganhando contornos desde seu processo de ocupação territorial” (NIERO, 2014, p. 128). O ganho das fronteiras por meio do catolicismo deixou suas marcas indelévels em Minas Gerais. Ainda na atualidade, admite-se a imagem do mineiro religioso-católico. A religião católica, que ganhou força notável em Minas Gerais, constituiu-se, de certa forma e em algumas regiões, sob condições peculiares se comparadas ao restante do país, culminando em uma religião rasa onde elementos distintos do catolicismo “original” fundiram-se às liturgias dos ritos. De acordo com França (1998, p. 78),

em Minas, sobretudo onde a influência da Igreja era menor, constituiu-se uma religião de superfície, voltada para o culto dos santos, com forte penetração de elementos profanos e um alto grau de exaltação sensorial. As numerosas festas, cheias de pompa e exibicionismo, contavam com a participação ritualizada e hierarquizada, ricos, pobres, escravos e até índios.

Para a autora, dentre as características que representam o ser mineiro e/ou a mineiridade, se encontra “uma dose de misticismo, uma religiosidade rústica, alimentada pelo culto aos santos, do sobrenatural, o gosto pelos rituais” (FRANÇA, 1998, p. 73). É interessante, entretanto, atentar para o fato de que, muito embora tenha se originado como uma religião de rituais e até mesmo superficial em certa medida, o valor projetado ao catolicismo é evidente em nosso objeto, em especial no jornal intitulado *O Cruzeiro*, que se apresenta como “órgão oficial da União de Moços Católicos”²¹. Nesse jornal e em suas publicações (outros títulos de jornais

²¹ Vide anexos 4 e 5 – Trazemos como ilustração (anexo 4) deste elemento de representações de mineiridade a primeira página de *O Cruzeiro*, edição de 06 de dezembro de 1930 em que a foto de D. Helvécio, importante sacerdote católico da região comemora o aniversário de sua posse. A página inicial do jornal *Voz de Marianna*, edição de maio de 1987 (anexo 5), também ilustra efetivamente a valorização da fé católica por meio de uma homenagem à Virgem de Fátima. Assim como esses exemplos ilustram a religiosidade mineira, outras publicações desse mesmo jornal, bem como de outros, corroboram a valorização da religiosidade católica em Mariana e em

também parecem ser produtivos nesse aspecto, como é o caso de *Voz de Marianna* mencionado em nota), podemos encontrar diversos exemplos dessa valorização dos traços essencialmente católicos na sociedade de Mariana – MG, como, por exemplo, na edição de novembro de 1934 em resenha sobre livro dedicado à vida de Monsenhor Horta, em que lemos:

E na cidade de Marianna, terra dos campanários vibrantes, onde a fé palpita em corações bem formados, aqui, onde, em cada canto, murmura uma prece de amor a Deus e entoa um hymno á tradição católica, viveu Monsenhor Horta²² a mór parte dos seus annos, a todos encantando com a sua santidade e virtudes (O CRUZEIRO, 11 de novembro de 1934, p. 1).

O mesmo jornal, em uma citação destacada na primeira página da mesma edição descreve Mariana como “berço do catholicismo mineiro” (idem). A sentença em destaque é atribuída a Josaphat Macedo, então prefeito da cidade. A propósito, é interessante notar que ao noticiar a posse de tal prefeito, o jornal, posicionando-se politicamente ao jubilar-se com a cerimônia, confirma a importância da fé católica bem como seu envolvimento político na cidade ao afirmar:

O clero, portanto, está victorioso e sente-se contente de ver a religião do seu povo prestigiada e a administração [da cidade de Mariana] entregue a uma grande figura, de reaes e beneméritos serviços prestados à Pátria²³, principalmente no movimento de Outubro de 1930, em que o Dr. Josaphat Macedo tudo executou para a conquista da victoria, combatendo os inimigos locais que foram abertamente hostis á Alliança Liberal no governo do grande presidente Antonio Carlos e, finalmente, á revolução feita pelas armas brasileiras contra o passado governo deposto.

D. Helvécio, que para maior honra nossa é Arcebispo de Marianna e, que, para aqui, tudo tem feito até ao sacrificio tem de receber agora as mais vibrantes provas do amor do nosso povo e a gratidão dos seus queridos filhos espirituales, pelo quinhão de benemerência e felicidade, que reparte com todos

Minas Gerais. Vale lembrar que neste capítulo não estamos propondo nenhuma análise discursiva, antes desejamos chamar a atenção para certos elementos do imaginário de mineiridade que podemos depreender ainda que por meio de uma leitura rasa desses exemplares.

²² Monsenhor José Silvério Horta nasceu em Mariana-MG e foi nomeado Cônego do Cabido da Sé Primacial de Minas Gerais pela princesa Isabel. Também foi secretário de bispado e no ano de seu falecimento foi iniciado o processo de sua beatificação (JOSÉ SILVÉRIO HORTA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015).

²³ Nota-se aqui a valorização dos “serviços prestados à Pátria” em que podemos nos remeter não somente à religiosidade mineira como ao patriotismo que se agrega aos elementos de mineiridade.

e a cada um em particular, trazendo “a paz entre os homens de boa vontade”²⁴
(O CRUZEIRO, 19 de fevereiro de 1934, p. 2).

É interessante notar como os elementos religiosos e políticos se fundem na construção discursiva da notícia sobre a posse do então novo prefeito da cidade numa perspectiva que nos permite compreender que a religião católica é parte consideravelmente relevante no quadro político da cidade de Mariana. É impossível nesse excerto pensar nessas duas perspectivas de mineiridade de maneira separada. Assim também acontece com a descrição feita sobre D. Helvécio, arcebispo de Mariana, em matéria dedicada à memória do bicentenário de Aleijadinho, importante artista mineiro, onde o sacerdote é descrito como “santo e grande patriota” e onde é valorizado por seu trabalho religioso e político/patriótico no arcebispado da cidade:

Vê-se que o preclaro Arcebispo é homem de muito descortino e pode sem favor ser considerado entre as principaes gemmas do Episcopado brasileiro, porquanto não poupa esforços em procurar o incremento da Religião incentivando ao mesmo tempo o nobre sentimento de patriotismo que para ser verdadeiro precisa andar ao lado de Deus (O CRUZEIRO, 19 de setembro de 1930, p. 1).

A propósito de Aleijadinho, é muito oportuno abrir uma interposição no tocante à sua importância para a arte mineira e o próprio sentimento de mineiridade por conta de sua expressiva influência no período colonial, antes que continuemos a nos dedicar propriamente à questão da religiosidade católica e sua relação com o imaginário de mineiridade. Isso porque o próprio Aleijadinho também se relaciona com esse aspecto de mineiridade uma vez que suas obras, presentes nas igrejas, se agregam ao catolicismo mineiro. Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho é reconhecido por seu talento e sua devoção à arte barroca mineira. Seu estilo é amplamente elogiado e estudado como representante de uma arte única no barroco brasileiro, embora alguns autores considerem o barroco mineiro como uma extensão do barroco europeu (OLIVEIRA, 1989). Qualquer que seja a formulação no tocante à essência do barroco mineiro, o que nos faz mencionar Aleijadinho e sua arte religiosa do período colonial é o fato de que os mesmos são motivo de orgulho para os mineiros. Assim sendo, todas as menções ao artista são sempre dotadas de expressivos elogios e menções a seu talento incomum que denotam um ponto

²⁴ Vale notar a referência à narração bíblica do nascimento de Cristo em que os anjos cantam “Paz na terra aos homens de boa vontade”. Esse assunto é analisado nos apontamentos que faremos à frente em relação ao fenômeno da participação.

que se relaciona com o imaginário de mineiridade, algo que enobrece Minas Gerais por meio de um de seus representantes artísticos. O próprio texto, do qual retiramos o excerto acima sobre D. Helvécio é dedicado ao aniversário do artista, o que denota sua destacabilidade como importante personagem da essência da mineiridade.

Como as representações do imaginário de mineiridade estão fortemente correlacionadas entre religião, arte e política, continuemos a considerar essa imbricação. No tocante à religião e à política, portanto, é interessante notar como *O Germinal* também se posiciona ao unir essas duas vertentes do imaginário de mineiridade. Como dissemos em nota, a Legião Mineira foi uma organização criada para manter vivos os ideais da Revolução de 1930, assim, em texto dedicado à organização, *O Germinal* é bastante insistente no sentido de unir política, patriotismo e religião:

Os princípios fundamentaes da novel aggremação vão justamente ao encontro das aspirações de todos. A todos contentam e satisfazem. Ainda, como se sabe, os sentimentos religiosos, questão para muitos secundária, obedecem e asseguram, sendo o clero elemento preponderante da legião (O GERMINAL, 28 de junho de 1931, p. 1).

O patriotismo e a religião também andam juntos quando consideramos a construção discursiva do imaginário de mineiridade em *O Cruzeiro*. Na seção de anúncios da edição de 19 de setembro de 1930, podemos encontrar um apelo para que jovens se alistem na União de Moços Católicos de Mariana em clara observação aos ideais religiosos e patrióticos. De acordo com o apelo do anúncio do jornal, vemos a seguinte sentença: “Moços mariannenses! Por Deus e pala Patria alistae-vos na União de Moços Catholicos, que é a escola do civismo e da religião” (O CRUZEIRO, 19 de setembro de 1930, p. 2).

Se atentarmos ao nosso objeto, poderemos verificar que nomes como Aleijadinho, Alphonsus de Guimaraens e Santos Dumont, por exemplo, são rememorados, o que demonstra de certa forma os traços culturais, artísticos e intelectuais comumente atribuídos ao imaginário de mineiridade. Sobre isso, podemos ler em *O Germinal*,

Mariana é hoje uma Cidade Monumento Nacional, considerada como tal pelo feitio arquitetônico do seu esboço colonial. As obras de arte abundam, na maioria em seus templos e capelas, que, em cada ângulo da cidade, se descortinam magestosos, atestando a grandeza dos nossos ancestrais, que os construíram, dando-nos essas sentinelas eternas do poder da fé (O GERMINAL, 31 de outubro de 1953, p. 1).

Assim, é em Mariana, de acordo com *O Germinal*, “onde a alma do artista deixou esculpido o que há de mais puro e sublime da criação artística humana” (idem) – menção a Aleijadinho -, cidade denominada “orgulho e tradição do passado” (idem), a velha cidade, onde se situam muitos dos monumentos e igrejas católicas que integram uma das características de mineiridade, quer seja a valorização da cultura, intelectualidade e arte, robustecendo o valor às tradições artísticas, memória e religiosidade.

Sobre a tradição mineira, é ainda em *O Germinal* que Mariana é tratada como fonte de “bispos e de tantas tradições imortais” (O GERMINAL, 30 de abril de 1954, p. 2) numa menção relevante dos ideais de mineiridade e da memória tradicional de Minas Gerais. Para o jornal, é “Mariana, a mais antiga cidade de Minas, de tão altas e gloriosas no passado, (...) recolhida definitivamente ao culto de suas tradições” (O GERMINAL, 9 de março de 1935, p. 2).

Podemos perceber, ao longo da leitura dos exemplares de jornais, menções a aspectos sócio-discursivos que remontam à mineiridade e que se tornam, dessa maneira, pertinentes para esta pesquisa. Destarte, observamos que, além desses aspectos importantes para este trabalho, *Voz de Marianna*, é um jornal que se autodenomina difusor da cultura mineira²⁵. Seja dito de passagem, o jornal *Voz de Marianna* está, por isso, provido de elementos de mineiridade bastante produtivos do ponto de vista heurístico com seções dedicadas à memória de Mariana (denominada “Memórias marianenses”, normalmente situada à página 3), bem como textos que ressaltam os valores do ser mineiro incluindo o enaltecimento da tradição e de questões culturais. Na edição de abril de 1987, o espaço reservado às memórias marianenses reforça a importância de preservação da memória, das tradições e da história, visitando vários aspectos das representações de mineiridade, como veremos a seguir:

Um povo, com o passado de glórias, como o marianense, deve procurar honrar a memória de seus maiores valores, zelar por suas relíquias e guardar suas tradições. A não agir assim, acabará desaparecendo, absorvido pelo meio mais capaz que o cerca.

Mariana não possui só templos ricamente ornamentados que ostentam a magnificência reinante durante o ciclo do ouro; nem edifícios de bela arquitetura ligados, de algum modo, ao desenvolvimento civil e religioso das Minas Gerais.

²⁵ Vale ressaltar aqui, além do texto que inaugura o jornal como instituição, em sua primeira edição de abril de 1987, o apelo para sua assinatura encontrado em algumas edições (como por exemplo, em novembro de 1987) em que o jornal se posiciona como tal: “A direção do Jornal ‘Voz de Marianna’ luta para mantê-lo; se você o recebe, gentilmente, procure fazer sua assinatura; assim estará ajudando-o a divulgar nossa cultura” (VOZ DE MARIANNA, novembro de 1987, p. 1).

Muito mais do que esses valores, devem falar aos corações dos mineiros, os efeitos heróicos de sua gente, através dos séculos: **Capital dos governadores da Província de São Paulo e Minas**; primeira comuna e primado da autoridade civil de Minas; primeira vila criada a 8 de abril de 1711, no Governo do capitão general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho; foi também centro de radiação da fé católica, com a criação do primeiro bispado de Minas Gerais, por Bula de Benedito XVI, datada de 6 de dezembro de 1745 (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 3) – grifos do autor.

Corroborando esses ideais acima citados, o jornal ainda atesta que

(...) Mariana foi o centro de onde se irradiou o desenvolvimento moral, intelectual e artístico em nosso Estado. (...) Mariana tem, assim, muito do que se orgulhar: esse passado cheio de glórias deve servir de incentivo para que novas gerações continuem honrando, com seu trabalho, sua inteligência, sua cultura e suas virtudes, o berço em que nasceram (VOZ DE MARIANNA, julho de 1987, p. 1).

Em alusão às igrejas e aos sinos destas e às montanhas, elementos importantes sob a ótica do imaginário de mineiridade, e em uma fusão desses elementos e da importância da difusão da tradição mineira, lemos ainda em *Voz de Marianna*:

O bronze dos sinos ecoa nas colinas o bimbalar festivo da chegada de Dom Frei Manuel da Cruz ou a ressonância triste da partida de Dom Silvério...

As montanhas guardam em seus vales estes sons outrora ouvidos e mantêm-se vivas entre nós as emoções deste tempo que os ventos do passado trazem à tona para ocultar máquinas que rasgam o chão.

Nos prédios, contas do marianense do rosário, que no passar dos anos se desgastaram, arrastam chinelas sobre as tábuas polidas, farfalham as sotainas de seus cônegos e prelados. Cochichos de senhoras na janela, baixa fala de políticos, rebeldes, amantes... Pulsa em cada célula do corpo marianense a idade áurea na história gravada. E hoje, nos compomos e revivemos, recriamos e escrevemos uma nova página viva e sempre buscamos o contato com esta memória, este coração mineiro onde se concentra toda a lembrança de inesquecíveis tempos idos! (VOZ DE MARIANNA, julho de 1987, p. 2).

Ademais desses elementos que representam o imaginário de mineiridade sobre os quais discorreremos aqui, apontamos também para o caráter montanhês habitualmente atribuído ao povo mineiro, dadas as características geográficas do estado. Dessa maneira, “o relevo passa a

determinar o caráter dos habitantes de Minas” (ARRUDA, 1990, p. 126). Esse importante e destacável elemento das representações de mineiridade está intimamente ligado à inversão agrícola que tomou lugar no estado desde a queda da exploração do ouro. A partir do enfraquecimento da exploração do metal, a atividade econômica do estado centrou-se nas fazendas e deu origem ao imaginário do homem montanhês de Minas Gerais, marcado pelo isolamento se comparado à vida urbana que dominava a região à época da mineração. Resgatando a história do estado para refletirmos sobre a origem desse elemento de mineiridade,

em um contexto marcado pela mística do ouro, a agricultura se coloca como um pálido substituto. Houve, assim, uma perda simbólica substantiva, enquanto o fantasma da miséria e da riqueza efêmera permanecia assombrando a província. Porém, do ponto de vista objetivo, a economia se estruturava de maneira diferente e, segundo vários autores, ‘Minas crescia em silêncio’. Efetivamente, a vida em Minas tomava uma outra direção.

Não apenas a atividade agrícola e pecuária adquiriram uma importância inegável, como houve também o desenvolvimento da siderurgia, a criação das primeiras fábricas e uma grande participação de Minas na política do Império (FRANÇA, 1998, p. 81).

Assim, o imaginário do ser mineiro como homem montanhês tomou forma. Em *O Cruzeiro*, numa entrevista de Monsenhor Horta concedida ao jornal, o caráter montanhês do mineiro é evidenciado na construção do discurso que elogia o sacerdote na introdução da entrevista: “era necessário que uma voz se levantasse dentro das sagradas montanhas, na velha cidade mater” (O CRUZEIRO, 24 de fevereiro de 1933, p. 1). *Voz de Marianna*, em sua edição de inauguração, se posiciona postulando que

nasce sob o signo da paz e da liberdade, no mês em que a primeira missa rezada no Brasil abençoou a nova terra descoberta e em que o estandarte da Inconfidência era desfraldado nos píncaros das montanhas mineiras (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 1).

Já em texto dedicado ao aniversário da morte de D. Silvério Gomes Pimenta, primeiro arcebispo de Mariana, numa narrativa da vida do sacerdote, *O Cruzeiro* menciona as montanhas de Minas Gerais:

Com D. Silvério nada disso: se teve nas **alcandoradas montanhas de Congonhas do Campo** um berço humilde, a virtude, o saber, o esforço pessoal ve-lo ter verdadeiras glorificações entre os mortaes pela ascendência moral sempre crescente em todas as esferas sociaes e políticas, no seu

verdadeiro sentido, enquanto a política é a arte de governar os homens²⁶ (O GERMINAL, 9 de setembro de 1931, p. 4) – grifo nosso.

A própria mineiridade é descrita no jornal *Voz de Marianna* como “jeito de ser da gente montanhosa” (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 1). Considerando o que postula o jornal ainda em sua edição inaugural,

a comunicação, então surgida entre ilustres e abnegados mestres, vindos de um mundo civilizado, e alunos ainda ignorantes, inexperientes, vivendo em região por demais inculta, deu origem à nossa mineiridade – jeito de ser da gente montanhosa – bondoso, hospitaleiro, talentoso; destemido sem se mostrar arrogante; compreensivo sem servilismo; nobre sem ostentação; afável sem bajulação; generoso nas suas atitudes (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 1) .

É importante ressaltar que nesse excerto o jornal atesta uma imagem bastante veiculada sobre mineiridade. A propósito disso, é possível observar em outros excertos a descrição do que é ser mineiro. Para o mesmo jornal, em texto dedicado à memória de Mariana:

É que o mineiro, oriundo dos primeiros povoadores, certamente devido ao caldeamento das três raças formadoras do elemento brasileiro, todas elas emotivas e românticas, é humilde por natureza, incapaz de proclamar suas próprias glórias e orgulhar-se com os feitos de seus antepassados (VOZ DE MARIANNA, maio de 1987, p.3).

O mesmo jornal ainda descreve o marianense como generoso e bom mineiro como se isso estivesse intimamente conectado ao imaginário de mineiridade que podemos depreender ao longo da pesquisa com os jornais e com a literatura sobre mineiridade. A composição de traços de mineiridade vista até aqui neste trabalho, que têm seu alicerce em diferentes aspectos da história e da sociedade de Minas Gerais está sendo assinalada em nossa pesquisa como base de uma proposta de análise e indicação de sua construção discursiva ao longo das publicações dos jornais marianenses. É importante salientar que esse caminho percorrido até então sobre os elementos de representação do imaginário de mineiridade tem, portanto, como objetivo a

²⁶ Ademais da citação sobre as montanhas de Congonhas do Campo, o excerto também se remete às questões políticas imbricadas com assuntos religiosos como pudemos observar. Interessante, portanto, notar o entrelaçamento desses elementos com a mineiridade. Para citar nesta nota um exemplo, *O Germinal* em matéria dedicada ao que denominava “Pleito de Maio”, que foi a escolha de representantes para a Assembleia Constituinte pós-Revolução de 1930 e que, de acordo com Santos (2015), foi a primeira eleição com certo grau de competitividade no Brasil, o jornal apresenta uma lista de candidatos do Partido Progressista do município de Mariana que deveriam ser apontados para compor a Assembleia e apela: “Votae nesta chapa e tereis comprido o vosso dever como bons Mineiros e bons Catholicos” (O GERMINAL, 01 de maio de 1933, p. 2).

contextualização de nossa base principal nesta pesquisa: indicar a construção discursiva de representações de mineiridade por meio do imaginário de mineiridade.

Consideradas essas visões elementares sobre a essência da mineiridade como extensão do ser mineiro, passaremos, a seguir, a traçar um caminho teórico no sentido dos estudos discursivos que embasarão nossa proposta analítica do último capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO 2

O DISCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS: UM CAMINHO ATÉ O IMAGINÁRIO SÓCIO-DISCURSIVO DE MINEIRIDADE

2 O DISCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS: UM CAMINHO ATÉ O IMAGINÁRIO SÓCIO-DISCURSIVO DE MINEIRIDADE

Já que visamos a propor como se dá a construção discursiva do imaginário de mineiridade em jornais marianenses, parece importante (re)passar por algumas noções que nos embasam teoricamente ainda que essas não estejam completamente fechadas no percurso dos estudos discursivos. Assim sendo, abordaremos algumas categorias consideradas relevantes para a realização de nossa proposta de trabalho. Pretendemos iniciar esse percurso com algumas considerações elementares sobre discurso, noção que alicerça nosso objetivo principal.

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 168), a noção de discurso “conheceu um impulso fulgurante com o declínio do estruturalismo e o crescimento das correntes pragmáticas”. Sendo assim, as óticas em relação à língua foram desviadas da estrutura linguística focalizada em si mesma e foram colocadas nos seus usos, hipótese fundamentada pelos autores, pois “a proliferação desse termo [discurso] é o *sintoma de uma modificação no modo de conceber a linguagem*” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2016, p. 169). Tomando essa observação dos autores, pensemos num ponto de partida que visa o discurso como “a língua assumida pelo homem que fala e sob condição de intersubjetividade” (BENVENISTE, 1995, p. 293), projetando nessa pressuposição as manifestações linguísticas longe de se fecharem em si mesmas, assertiva recorrente nas correntes que consideram a língua em uso. Assim, tendemos a projetar nessa noção os estudos da língua considerando as condições que asseguram a comunicação uma vez que “o discurso é concebido como a inclusão de um texto em seu contexto” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2016, p. 169). É por isso que o discurso pode ser compreendido como “colocação em funcionamento de recursos expressivos de uma língua com certa finalidade, atividade que sempre se dá numa instância concreta e entre um locutor e um alocutário” (POSSENTI, 1988, p. 49). Continuando suas reflexões, o autor ainda afirma que

não se trata, pois, apenas, de estabelecer relações entre formas, mas de descobrir por quais procedimentos (entre os quais as regras gramaticais, mas não só) se dá a atividade discursiva. É bem outro ponto de vista. Sua questão fundamental é: *como, com um sistema linguístico indeterminado, pode-se, em circunstâncias dadas, produzir-se um discurso com exatamente tal forma e tal interpretação. E, dado que há, em geral, possibilidade de mais de uma interpretação, por quais mecanismos se chega eventualmente a determinar a*

interpretação desejada ou as interpretações possíveis (POSSENTI, 1988, p. 49/50) – grifos do autor.

Ao tomarmos tal ponto de vista, compreenderemos que a(s) prática(s) discursivas, para que possam ser dadas, funcionam sob certas condições, e isso nos leva a considerar que o discurso somente se dá se essas determinações forem verificadas. Por isso, considerar a língua fechada em si mesma e em sua estrutura pouco auxilia nos moldes hermenêuticos empenhados em Análise do Discurso. Somos levados a partir daí a ponderar o discurso, dentre todos esses apontamentos já mencionados, sob a ótica de Foucault, para quem a prática discursiva pode ser tomada como

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2002, p. 135).

Brandão (2002, p. 28), ao comentar o excerto acima, afirma que o discurso é formado por elementos que não estão ligados a nenhum princípio de unidade cabendo, então, “à Análise do Discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger as formações dos discursos”. O que nos interessa de fato na perspectiva discursiva abordada por Foucault é o fato de vislumbrar o discurso como submetido a um conjunto de regras que determinam a enunciação. Isso porque nosso objetivo aqui é procurar refletir sobre a mineiridade na mídia marianense, que está, de certa maneira, inserida em um funcionamento social e se constrói discursivamente. Assim, a noção de que existem determinações para que os discursos se produzam em sociedade parece se aplicar bem ao que almejamos neste trabalho, já que desejamos apontar para a direção de que o imaginário sobre ser mineiro “determina” de alguma maneira o(s) discurso(s) sobre mineiridade que se realizam na mídia impressa marianense por meio dos jornais pesquisados.

Corroborando a perspectiva de que o discurso funciona sob certas condições, somos levados a refletir sobre o que Charaudeau e Maingueneau (2016) postulam em relação ao mesmo, pois para os autores, o discurso é orientado e isso não se dá somente porque obedece às intenções de seus interlocutores, mas pelo fato de ser determinado por condições sociohistóricas, sendo uma forma de ação por meio da linguagem sempre ancorado em preceitos que lhe dão possibilidade de existência.

Por outro lado, o trabalho de Foucault é repensado por Pêcheux²⁷ que procura invocar o materialismo histórico em suas reflexões sobre língua e discurso além de considerar as condições de produção do mesmo. Pêcheux (2009, p. 77) postula que “a linguística é solicitada constantemente para fora de seu domínio” e opõe sua base ao discurso propondo que, ainda que o sistema linguístico tenha certa autonomia sob suas leis internas de funcionamento, não pode ser abalizado em si mesmo uma vez que essas mesmas leis colocam em funcionamento o processo discursivo. Segundo o autor,

é, pois *sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos*, e não enquanto expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva etc., que utilizaria “acidentalmente” os sistemas linguísticos (PÊCHEUX, 2009, p. 82).

Para o autor, essas duas noções – o sistema linguístico e as práticas discursivas -, ainda que opostas, se complementam. Ainda de acordo com suas reivindicações teóricas, “*todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*” (idem, grifos do autor) e

as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente entre si os “processos discursivos”, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes (PÊCHEUX, 2009, p. 82 e 83).

Para o autor, a linguagem e os processos discursivos nela e por ela possíveis são parte constitutiva dos processos ideológicos. A formulação de Pêcheux, de acordo com Brandão (2002, p. 42) leva a reconhecer que:

- a língua constitui a condição de possibilidade do “discurso”, pois é uma espécie de invariante pressuposta por todas as condições de produção possíveis em um momento histórico determinado;
- os processos discursivos constituem a fonte de produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido.

Ainda sobre a noção de discurso, Maingueneau (1993, p. 22), nos afirma que existem numerosos conceitos de discurso e

²⁷ A relação entre os trabalhos de Foucault e Pêcheux será mais bem elaborada na seção que aborda o tema da formação discursiva logo adiante. Nela, procuramos traçar em linhas gerais o trabalho dos dois autores.

se desejarmos realmente ser precisos, mesmo no quadro da AD, a noção de ‘discurso’ não é estável. Por este termo é possível entender o que Pêcheux chama de ‘superfície discursiva’, que corresponde ao conjunto de enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição; mas também pode-se interpretá-lo como o sistema de restrições que permite analisar a especificidade desta superfície discursiva. Este mesmo sistema de restrições pode ser considerado [...] como uma espécie de ‘competência’ [...] ou seja, um conjunto de regras capazes de produzir uma infinidade de enunciados, realizados ou não, a partir da posição enunciativa dada.

Em outro momento, Maingueneau pontua a noção de sentido como parte constitutiva do discurso. Para o autor, “o termo discurso refere-se à linguagem na medida em que esta faz *sentido* para sujeitos inscritos em jogos de interação, em certas posições sociais e em conjunturas históricas determinadas” (MAINGUENEAU, 2001, p. 27) – grifo nosso. Assim sendo, o analista do discurso certamente lida com a linguagem, suas implicações e os valores e sentidos atribuídos às palavras em relação direta com os posicionamentos a partir dos quais os discursos são realizados nas práticas comunicativas em sociedade. Aliás, é o próprio Maingueneau que afirma que

o analista do discurso certamente lida com palavras que figuram nos dicionários, mas não é neles que encontrará todos os elementos que lhe são necessários para apreender o valor de uma palavra em uma formação discursiva determinada (MAINGUENEAU, 1993, p. 151),

o que ocorre porque o analista deve levar em conta que os sentidos das palavras nas práticas discursivas se dão em concomitância com os seus usos e estes se dão sob especificidades sócio-discursivas fazendo do analista um praticante de atividade hermenêutica, que é a condição primária da Análise do Discurso. Isto posto, apesar de os sentidos das palavras não serem “inteiramente determinados pelas posições ideológicas” (MAINGUENEAU, 1993, p. 153), pois as escolhas lexicais acontecem em acordo com o ponto de referência que o autor chama de “léxico supostamente comum a todos os locutores e do qual o dicionário seria o depositário com usos específicos (...), o que chamamos de ‘língua’ está atravessado por múltiplos discursos” (MAINGUENEAU, 1993, p. 152) dados aos sentidos que tomam as palavras no processo enunciativo. Defende, dessa maneira, Maingueneau, a tese de que o discurso é essencial e constitutivamente “dialógico”. Para exemplificar suas concepções acerca do discurso e seu caráter dialógico, o autor usa os termos “liberdade”, “socialismo” e “democracia”

para os quais a recorrência ao dicionário seria inócua, pois o sentido dos termos só poderia ser apreendido no interior de uma condição específica, quer seja, a formação discursiva²⁸ dada.

Abrindo parêntesis nesta noção de discurso, é importante salientar que Maingueneau dá primazia ao interdiscurso em sua tese, reiterando a presença do outro nos discursos produzidos. A própria organização teórico-metodológica deste trabalho aponta para isso nos jornais marianenses em abordagem sobre os diferentes funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade que transitam por áreas diversas desde a política até a própria religiosidade. Muito embora no interdiscurso, sob a ótica de Maingueneau, a alteridade esteja tão radicada que não possa ser analisada em seu aspecto linguístico, a presença das diferentes temáticas, nos conduz fortemente à tese do autor. Para Maingueneau, há

(...) duas formas de presença do ‘Outro’ em um discurso: a heterogeneidade ‘mostrada’ e a heterogeneidade ‘constitutiva’. Só a primeira é acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente sua alteridade (...). A segunda, ao contrário, não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão tão intimamente ligados ao texto que elas não podem ser apreendidas por uma abordagem linguística *strictu sensu*. Nossa própria hipótese do primado do interdiscurso inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 31).

Como vemos, o caráter dialógico dos discursos vai além da heterogeneidade mostrada [aquelas formas que, segundo Althier-Revuz (1990), inscrevem o outro na sequência dos discursos e são aquelas em que podemos notar a presença de discurso direto, aspas, discurso indireto livre, etc.], mas tem relação direta com a heterogeneidade constitutiva que prima o discurso como produto do interdiscurso, o que inclui o Outro no discurso/interdiscurso sem “qualquer forma de alteridade marcada” (ibidem p. 31).

A noção de discurso em Maingueneau parece não se fechar, mas percorrer um caminho não estático. Qualquer que seja a característica dessa noção em relação à instabilidade, ela nos interessa, pois toma o discurso, ou superfície discursiva, como um elemento que “corresponde ao conjunto de enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição” sem, no entanto, fechar a noção. Da mesma maneira, por poder ser tomado como “um sistema de restrições” da enunciação, podemos aplicar essa elaboração nos moldes desta pesquisa indo ao

²⁸ Nosso trabalho procurará refletir sobre a noção de formação discursiva mais adiante nos moldes de Foucault e Pêcheux.

encontro do que procuraremos denominar a seguir de *imaginário sócio-discursivo de mineiridade* - que integrará as condições das práticas discursivas representativas do que é ser mineiro e o modo como essas práticas inscrevem o(s) discurso(s) de mineiridade sem marcá-los explicitamente. Depreendemos, assim, da ideia de Maingueneau que há inúmeros enunciados possíveis de serem produzidos a partir de certa posição enunciativa, o que, de certa forma, nos leva a formular a hipótese de discurso(s) de mineiridade ancorados e/ou constitutivos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Para chegarmos a essa noção, no entanto, foi preciso considerar que existem desdobramentos teóricos que a possibilitam. Nesse sentido, pensamos ser útil considerar uma formação discursiva de mineiridade, mais tarde repensada até que chegássemos à noção de imaginários sócio-discursivos de mineiridade sobre os quais nos ancoramos para a análise dos jornais selecionados. Conduziremos nosso trabalho, a partir de então, para essas considerações.

2.1 Algumas considerações sobre a obra de Pêcheux e Foucault: formações discursivas em termos de campos de saber e posicionamento ideológico

No percurso teórico deste trabalho, procuramos, como dissemos em nossas considerações iniciais, basear-nos na noção de imaginário sócio-discursivo (CHARAUDEAU, 2006) de mineiridade que atravessa o(s) discurso(s) dos jornais marianenses. No entanto, para que pudéssemos compreender as formulações do autor, foi preciso que apontássemos algumas discussões teóricas que passam pela obra de Foucault e Pêcheux.

É importante salientar, porém, que esse transcurso que perpassa as formações discursivas na dupla de autores supracitada foi a gênese da filiação teórica deste trabalho, já que contemplamos fortemente a possibilidade de uma formação discursiva da mineiridade. Entretanto, ao despertamos para as inúmeras possibilidades teórico-metodológicas, vimos diante de nós alternativas com as quais poderíamos lidar. Assim, decidimos nos demorar nas formações discursivas que se ancoram em Pêcheux e em Foucault com o objetivo de examinarmos sua (não) viabilidade na pesquisa e acabamos por modulá-la de modo que esta culminasse não em uma “relação de poder/coerção” ou em uma gama de “saberes” que ocorreria em concomitância com o(s) discurso(s) de mineiridade, mas em um fundamento imaginário que é a pedra angular desse(s) discurso(s).

Conforme o que postulamos acima sobre o discurso, o mesmo é uma forma de funcionamento da linguagem posta em uso em situações de comunicação e/ou enunciação por meio do qual certas *posturas* são explicitadas linguisticamente evocando sentidos. Dessa forma,

faz-se necessário que indiquemos seu andamento/funcionamento sob alguns aspectos teórico-metodológicos com o fim de analisá-lo. Foi nesse ponto que sentimos a necessidade de ancoragem do discurso em algo que o possibilitasse em relação à temática da mineiridade. Por isso, o conceito de formação discursiva nos pareceu inicialmente bastante útil e seguimos, como já dissemos, essa linha de pensamento.

Foucault e Pêcheux, como âncoras fundadoras da Análise do Discurso de linha francesa nos fornecem uma discussão bastante profícua em relação à noção de formação discursiva. Importante, porém, que antes que passemos a essa discussão, levemos em conta algumas especificidades dos autores de modo que compreendamos sua gênese heurística, suas leituras, compreensões e linhas de pensamento em relação ao discurso e formações discursivas. A linha foucaultiana e a linha pêcheutiana, assim, têm a mesma origem acadêmica, ou seja, foram alunos de Althusser, importante filósofo francês que rememorou o marxismo em uma leitura deveras marcante do materialismo histórico²⁹.

Assim, Foucault, como podemos ler em alguns autores, não se detém demorada e especificamente em questões da língua propriamente dita. Podemos ver em Gregolin (2006, p. 146):

Conforme já afirmei, não há em Foucault a preocupação em teorizar explicitamente os mecanismos da linguagem. Mas essa teorização se delineia a partir de suas reflexões sobre as relações históricas entre saber e poder, em temáticas mais vastas do que a constituição de um campo de “análise do discurso” em sentido estrito. (...) No entanto (...), em toda a sua obra as *práticas discursivas* ocupam um lugar central na construção tanto dos saberes, quanto dos poderes, quanto ainda da construção histórica das subjetividades.

Podemos, a partir deste excerto da autora, começar a delinear as preocupações foucaultianas em relação ao discurso e às práticas discursivas que se colocam em relação direta com o funcionamento da sociedade sem que seja levada radicalmente em consideração a língua e seu funcionamento. No entanto, é importantíssimo frisar que, ainda que a preocupação linguística esteja um pouco desfocada das postulações de Foucault, sua preocupação com o discurso e as práticas discursivas nos norteiam em relação à materialidade (linguística) sem a qual não existe prática discursiva.

²⁹ Gregolin (2006) traça um histórico bastante elucidativo sobre Althusser, Pêcheux e Foucault que nos auxilia na compreensão das questões teóricas, políticas e sociais que envolvem o triângulo filosófico.

Pêcheux, por outro lado, por dialogar com Saussure (bem como com Marx e Freud), “se concretiza na busca de construir a *análise do discurso*, e nela estão envolvidos a língua, os sujeitos e a História” (GREGOLIN, 2006, p. 53). Para a Gregolin, Pêcheux ainda se vale da aspiração de uma “teoria materialista do discurso”, o que começa a singularizar sua proposta em relação à proposta de Foucault. Por isso, a “tríplice aliança” de Pêcheux entre Saussure, Marx e Freud

acompanha um projeto teórico de refacções constantes e que visava à construção de uma *teoria materialista do discurso* aliada a um projeto político de intervenção na *luta de classes*, a partir da leitura althusseriana do marxismo-leninismo. Concebendo a teoria fortemente vinculada à prática política, Pêcheux tinha, ao mesmo tempo, uma busca metodológica que se materializa na tentativa de construir um método para a análise do discurso (a “análise automática”). (GREGOLIN, 2006, p. 53).

Se por um lado, Foucault se preocupa em apontar as relações das práticas discursivas com as reflexões históricas sobre o saber e o poder, por outro vemos Pêcheux preocupado com a luta de classes e com um método específico que objetivava analisar automaticamente o discurso. Dessa maneira, podemos vislumbrar, ainda um pouco distante, que Foucault se preocupa(va) mais com as questões que se vinculavam às noções de campo de saber no funcionamento da sociedade e Pêcheux se voltava mais para a luta de classes inspirada pela ideologia, ancorada em Marx e relida por Althusser. Aqui iniciamos, então o trilhar das singularidades e especificidades em relação à noção de formação discursiva em ambos os autores.

Sob a ótica de Gregolin (2006), podemos ainda compreender que as temáticas de Foucault “estão sempre articuladas a uma reflexão sobre discursos: pressupondo que as coisas não preexistem às práticas discursivas. Foucault entende que estas constituem e determinam os objetos” (GREGOLIN, 2006, p. 54). É interessante notar ainda uma observação que a autora faz em relação à obra de Foucault que muito nos auxiliará na compreensão das formações discursivas. Para ela, a história da qual trata a obra de Foucault “envolve o poder e a produção de saberes” (GREGOLIN, 2006, p.55). Esse tipo de reflexão nos interessa de perto neste trabalho porque as propostas de formação discursiva em Foucault e Pêcheux dão ancoragem à análise do discurso e nos auxiliam na medida em que possamos refletir sobre a maneira como os discursos acontecem. Assim, pensando nas duas linhas, passemos a refletir sobre a formação discursiva propriamente dita.

É interessante notar que o conceito de formação discursiva faz parte de muitas reflexões que visam a colaborar com os estudos discursivos especialmente de linha francesa, como é o nosso caso. Alguns trabalhos, inclusive, se preocupam em “recuperar” o conceito de formação discursiva já que este, de acordo com Baronas (2005, p. 732) “é abandonado no início dos anos oitenta na França”. Para Maingueneau e Charaudeau (2016, p. 240), corroborando essa questão, a noção de formação discursiva, por ter a dupla ancoragem em Foucault e em Pêcheux “conservou grande instabilidade”. Assim, notamos que estamos lidando com um conceito delicado, muito embora sua noção seja bastante útil.

Como pudemos notar, a formação discursiva tem dupla inscrição e sobre isso, Brandão (2002, p. 48) afirma que,

concebida por Foucault ao interrogar-se sobre as condições históricas e discursivas nas quais se constituem os sistemas de saber e, depois, elaborada por Pêcheux, a noção de formação discursiva representa na AD um lugar central da articulação entre língua e discurso.

Entrando de fato no que Maingueneau (2006) denomina “dupla paternidade” do termo formação discursiva, tomemo-lo em concomitância com Foucault, para quem

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2002, p. 43).

É interessante ressaltar que Foucault “procurava contornar as unidades tradicionais como ‘teoria’, ‘ideologia’, ‘ciência’, para designar conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras historicamente determinadas” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2016, p. 241). Cabe-nos ressaltar, em concomitância com a assertiva precedente de Charaudeau e Maingueneau (2016) que Foucault parece colocar no mesmo nível os campos de saber e a ideologia. Sobre esta a questão bem como sobre a noção de formação discursiva foucaultiana, lemos em Baronas (2011, p. 3):

Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. Dito de outro modo, para o filósofo francês o que garante a unidade de um discurso clínico, por exemplo,

não é a sua linearidade formal – sintática ou semântica -, mas algo comparável a uma diversidade de instâncias enunciativas simultâneas (protocolos de experiências, regulamentos administrativos, políticas de saúde pública, etc.).

Contudo, o fato de colocar a ideologia no mesmo patamar dos campos de saber é algo diverso da proposta de Pêcheux que tem na ideologia um ponto fundamental no conceito de formação discursiva. Sobre esse aspecto que distancia os dois pensadores, Indursky (2005) nos esclarece:

Para Foucault era preciso afastar a noção de *ideologia*, entre outras, no momento de fazer o exame dos enunciados e de decidir sobre seu pertencimento a uma formação discursiva. Já para Pêcheux, a ideologia é o critério primeiro a partir do qual pode-se pensar no pertencimento de um enunciado a uma FD bem como na individuação de uma FD (INDURSKY, 2003, p. 4).

Se adentrarmos um pouco mais na formulação de Foucault em relação à formação discursiva, nos defrontaremos com uma interessante análise feita por Baronas (2011) que nos declara:

Ao colocar em suspenso essas “sujeições antropológicas”, é possível descrever quais os atos discursivos que conquistaram sua liberdade condicionada, após terem passado por um interrogatório numa espécie de “polícia discursiva”, que se reativa a cada um dos discursos efetivamente ditos e, que determina aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito autorizado, com base num método aceito, se inserindo dessa maneira no verdadeiro de uma época. Não se trata, todavia, de qualquer ato discursivo: enunciados do cotidiano, por exemplo, mas de “atos discursivos sérios”, isto é, enunciados que manifestam uma incessante “vontade de verdade”. Esses enunciados sérios então se relacionam com enunciados do mesmo ou de outros tipos e são condicionados por um conjunto de regularidades internas, constituindo um sistema relativamente autônomo, denominado de formação discursiva.

E é nesse sistema que internamente se produz um conjunto de regras as quais definem a identidade e o sentido dos enunciados que o constituem. Em outros termos, é a própria formação discursiva como uma lei de série, princípio de dispersão e de repartição dos enunciados que define as regularidades que validam os seus enunciados constituintes (BARONAS, 2011, p. 2).

E ainda poderemos considerar, com o intuito de adentrarmos um pouco mais no conceito de formação discursiva sob a ótica de Foucault que

o que ele descreve como *formação discursiva* constitui grupos de enunciados, isto é, um conjunto de performances verbais que estão ligadas no nível dos enunciados. Isso supõe que se possa definir o regime geral a que obedecem seus objetos, a forma de dispersão que reparte regularmente aquilo de que falam, o sistema de seus referenciais; supõe, também, que se defina o regime geral ao qual obedecem os diferentes modos de enunciação, a distribuição possível das posições subjetivas e o sistema que os define e prescreve. Como se pode perceber, a conceituação tem caráter teórico-metodológico e institui o território da História como o campo das formações discursivas: nelas se encontram o discurso, o sujeito e o sentido (GREGOLIN, 2006, p. 90/1).

A noção de formação discursiva foucaultiana tem certa característica contraditória por tratar-se de sistemas de regularidade e dispersão ao mesmo tempo. Dessa forma, a noção nesse sentido é criticada por Maingueneau (2006) por seu caráter paradoxal. Entretanto, a noção de formação discursiva nos interessa em Foucault na medida em que é definida por uma regularidade se pensamos nos conjuntos de enunciados que podem se organizar em torno da temática do imaginário do ser mineiro. Muito embora possamos ver em Foucault uma tendência que se volta mais para os campos de saber, as disciplinas e ciências humanas, não nos parece(ria) vetado considerar um “saber” (sobre mineiridade) que se constrói por meio do que se pensa em relação à mineiridade.

A segunda “paternidade” do termo, como já sabemos, se dirige a Pêcheux que empresta o termo de Foucault e dá a ele um tratamento mais voltado às suas postulações teóricas. A formação discursiva da qual trata Pêcheux se volta mais para a articulação da posição no gênero e de seu funcionamento em um sentido relativamente coercitivo estando inserida mais no campo político/ideológico do que no campo de saber propriamente dito. Assim, Pêcheux traz à noção a luz do pensamento materialista-histórico. Para Pêcheux, a formação discursiva pode ser tomada sob a ótica do

que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Nesse sentido, entramos em um ponto que nos coloca mais próximos do que se pode dizer sobre o ser mineiro em certo grau de oposição à formulação foucaultiana. Isso no sentido de pensarmos que a formação discursiva da mineiridade consiste em um “saber” sobre a mesma. Para Pêcheux, no entanto, as formações discursivas, determinando de alguma maneira o que

pode e deve ser dito, passam a ser parte integrante do funcionamento do discurso respaldadas pela ideologia. Para o autor,

é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamamos de *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PECHEUX, 1995, p. 160) – grifos do autor.

Além disso, se tomarmos como parte do funcionamento dos processos discursivos os gêneros textuais mencionados pelo autor, entenderemos, dessa maneira, que “o discurso não pode ser ‘articulado’ senão por meio de um gênero do discurso; e é preciso, então, pensar a relação entre ‘posição’, de uma parte, e ‘arenga’, ‘sermão’ etc., de outra parte” (MAINGUENEAU, 2006, p. 12). Assim, ainda de acordo com Maingueneau (2006), o gênero discursivo, neste caso, é um lugar de manifestação de “alguma coisa”. Para o autor,

os textos de gêneros diversos que se encontram assim reunidos são unificados em um nível superior por um foco único que os faz convergir: atrás da diversidade dos gêneros e dos posicionamentos que dizem respeito aos textos do *corpus* assim construído, encontra-se a onipresença de um “racismo” [o autor usa o discurso racista como exemplo] inconsciente que governa a fala dos interlocutores (MAINGUENEAU, 2006, p. 17).

Neste caso, não nos parece impedida uma reflexão que aponte para uma “mineiridade” pré-construída/onipresente que controlaria de certo modo as práticas discursivas da mídia impressa marianense em relação às construções discursivas para as quais estamos tentando apontar neste trabalho. Neste ponto começamos nosso percurso em direção aos imaginários sócio-discursivos de mineiridade, sobre os quais, pincelamos algumas questões em nossa introdução no sentido de mostrar o caminho que pretendíamos seguir. Dessa forma, se desejarmos pensar na imagem do povo mineiro, é preciso notar que nem tudo é passível de ser creditado a ele visto que existe um imaginário, algo “onipresente”, pré-construído, em que tal discurso se apoia ou mesmo que é constitutivo desse discurso.

Contudo, Pêcheux persevera na noção de ideologia como ponto crucial na formação discursiva, sem no entanto, se demorar nos tipos de texto que cita. Por isso, insistindo ainda um pouco mais sobre a importância da ideologia como esteio das formações discursivas para o teórico, podemos ressaltar que ainda que exista certa pretensão de “transparência da linguagem”

sendo que o real sentido se dá em relação ao posicionamento ideológico do sujeito do discurso. Assim, para Pêcheux (1995, p. 160/1),

poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* (no sentido definido mais acima) nas quais essas posições se inscrevem.

(...)

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas – grifos do autor.

Para o pensador, é por meio do todo complexo das formações discursivas que os sentidos se dão nos discursos e por isso essa filiação de Pêcheux também evoca, na noção de formação discursiva, certo grau de assujeitamento do indivíduo que só pode realizar o discurso estando inscrito sob seus parâmetros.

Somos, assim, levados a examinar as propriedades discursivas da forma-sujeito do “ego-imaginário”, como “sujeito do discurso”. Já observamos que o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 1995, p. 163).

Por isso, o pensador se refere a uma “aparência de autonomia” do sujeito que enuncia. Se considerarmos então que a ideologia, por meio de um ego-imaginário, traça os dizeres do sujeito, estaremos necessariamente compreendendo a ótica de Pêcheux em relação às formações discursivas, ou seja, elas determinam o que pode e o que deve ser dito em relação a algo em concomitância com os posicionamentos políticos e/ou ideológicos dos sujeitos do discurso. Além disso, compreenderemos que as formações discursivas determinam o sentido daquilo que é dito. Assim, esse tipo de funcionamento do discurso nos interessaria nesta pesquisa na medida de sugerirmos uma *formação discursiva da mineiridade*. Por outro lado, o “obstáculo” em que nos deparamos na pesquisa reside na questão ideológica já que não se pode precisar até que

ponto julgaríamos a noção de mineiridade como uma ideologia. Isso se dá porque, muito embora a noção de ideologia seja em geral tida como “o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1980, p. 69), Pêcheux, filósofo materialista, ancora-se em Althusser que se delonga em uma teoria alicerçada no materialismo/marxismo no que tange à ideologia fazendo com que esta seja examinada no tocante à luta de classes. Assim, nessa visão materialista, a ideologia é a atuação no papel social do sujeito que se dá sob a “representação imaginária das suas condições de existência reais” (idem) sob o resguardo da luta de classes. E não somente representação imaginária de suas condições reais já que “uma ideologia existe sempre num aparelho, e na sua prática ou suas práticas” (ALTHUSSER, 1980, p. 84)³⁰ e sob o funcionamento desses aparelhos ideológicos. Sendo assim, ao colocarmos a noção de ideologia nesses parâmetros materialistas, sob a noção de ideologia dominante coercitiva e de luta de classes, pisamos um terreno que não sabemos ser rijo o suficiente em relação à mineiridade e seus desdobramentos (discursivos). Poderíamos indagar assim, como uma noção que se ancora em cultura popular, comportamento e pertencimento de um povo a essa cultura pode ser observada e analisada sob essa ótica de luta e de dominância.

Porém, ainda sobre a formação discursiva, de acordo com Maingueneau (2006), se pudéssemos adotar uma perspectiva mais pragmática sobre o que o termo pode nos oferecer em se tratando de mineiridade, poderíamos pensar em discurso(s) de mineiridade, como vimos insistindo, sob a ótica de analistas e sob os parâmetros de Maingueneau (2006) para quem

unidades como “o discurso racista”, “o discurso colonial”, “o discurso patronal”, por exemplo, não podem ser delimitadas por outras fronteiras senão aquelas estabelecidas pelo pesquisador; e elas devem ser especificadas historicamente (MAINGUENEAU, 2006, p. 16).

Assim, se a ideologia não nos “atende” nos moldes da luta de classe, o termo *formação discursiva* no sentido de uma unidade no tocante à mineiridade parece esboçar melhor o que pretendemos. Ainda assim, é importante nos concentrarmos no que consiste(m) esse(s) discursos(s) de mineiridade, empreendimento no qual investimos no primeiro capítulo deste trabalho sob uma ótica expositiva do que é atribuído ao ser mineiro sem que, no entanto, estejamos sob a perspectiva que tem como ponto nevrálgico a ideologia. Isso porque vemos que

³⁰ De modo bastante sucinto, com o intuito de fazer-nos ser compreendidos em relação ao andamento de nossa linha de pensamento, “Os Aparelhos Ideológicos do Estado” consistem em instituições constitutivas da sociedade (como família, escola, igreja, etc.) que se ocupam de funcionar por meio da propagação das ideologias dominantes. Essa teoria está ancorada na obra de Althusser, intitulada “Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado”, que se encontra na seção de bibliografia deste trabalho.

“na Análise do discurso dos anos 60-70, a ideologia é um conceito central” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2016, p. 267) ancorado nos moldes materialistas de Althusser, porém, “desde os anos 80, o termo ‘ideologia’ perdeu terreno para outras expressões” (idem) que colaboram com *corpora* que se assemelham ao nosso.

É por isso que, ainda que não abandonemos a noção de que o discurso se ancora em algo ou mesmo de que este é constitutivo de “algo” que coloca a sociedade em funcionamento sentimos a necessidade de revisar os moldes desta pesquisa e trouxemos a noção de imaginário sócio-discursivo. Assim, iniciamos nossa trajetória rumo à noção dos imaginários que poderiam ser constitutivos do(s) discurso(s) de mineiridade sobre os quais tratamos em nossas análises.

2.2 Da instituição imaginária da sociedade aos imaginários sócio-discursivos: uma perspectiva sobre o imaginário de mineiridade

Nossa trajetória até os imaginários sócio-discursivos nos levou a indagar algumas questões sobre o próprio imaginário. Em nossas buscas sobre o assunto, rememoramos a noção de imaginário de Cornelius Castoriadis, filósofo francês de origem grega. O autor enxerga a sociedade sob a ótica dos imaginários que se constituem devido aos funcionamentos simbólicos. Assim, ele insiste que é o imaginário que tece o mundo e o sujeito se faz como tal somente por meio do imaginário. Para o filósofo, o imaginário não é uma imagem de alguma coisa, não se espelha em algo como se houvesse um modelo de realidade que serviria de ponto de partida para o imaginário. Antes, criticando as formulações correntes em sua época, o pensador sugere que o imaginário é uma “criação incessante”. Assim, vemos em Castoriadis (1982, p. 13):

O imaginário não é a partir da imagem do espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho”, e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação *ex nihilo*. Aqueles que falam de “imaginário” compreendendo por isso o “espetacular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem *de* alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem *de*. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos.

Nesse sentido, o que podemos depreender de sua formulação é que o imaginário não é a invenção de alguma coisa baseada em realidade (se é que podemos assim denominar as

atividades da sociedade). Antes, o imaginário é a origem da própria “realidade” significada por meio deste, o mundo de significações que dá sentido às questões da vida em sociedade. Nesse aspecto, o que podemos pensar em relação ao discurso pode estar perfeitamente ligado a essa noção. O discurso, enquanto produção social sendo constitutivo do funcionamento da sociedade, é “produto” dos imaginários bem como o próprio funcionamento da sociedade o é.

Sob a ótica de que a sociedade funciona constitutivamente em relação aos imaginários e aos símbolos (sendo estes influenciados por aqueles de maneira decisiva), o autor reflete sobre alguns de seus funcionamentos. Tomando como exemplo a religião, o autor afirma que existe um imaginário central que, enquanto instituição cerca-se de sanções (CASTORIADIS, 1982 – ver a primeira abordagem do autor). Essas sanções, por sua vez, dão o tom das sociedades em amplos sentidos. Ou seja, o imaginário é a porta de entrada para o estudo da sociedade. Assim, “a instituição da sociedade é toda vez instituição de um magma de significações imaginárias sociais, que podemos e devemos denominar um *mundo de significações*” (CASTORIADIS, 1982, p. 404), mundo este que se dá em vários níveis, como o religioso, político e/ou cultural. O filósofo reflete ainda sobre a leitura materialista-histórica da sociedade capitalista classificando certos aspectos da sociedade (capitalista) como imaginários e julgando que o materialismo histórico compreende o imaginário como fruto do social em sua esfera sobrenatural, cultural, etc. Por analogia, começamos a considerar traços de um imaginário social de mineiridade, pois ser mineiro estaria vinculado a vários níveis sociais, desde o próprio local de nascimento até as diversas coletividades dadas em níveis políticos, culturais, religiosos, etc dentro do território do estado podendo alcançar o nível nacional em alguns casos como podemos ver em eventos históricos, dos quais a Inconfidência Mineira e a Revolução de 1930 são exemplos clássicos que podem ser observados em nosso objeto. Dessa maneira, mineiridade e seus elementos estariam associados ao próprio funcionamento da sociedade mineira e/ou nacional em suas diferentes esferas.

Dando continuidade a esse paralelo entre mineiridade e imaginário, seria interessante tomar o imaginário de mineiridade como constitutivo/base do funcionamento da sociedade mineira dado discursivamente, pensando sobre os funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade nos jornais pesquisados (e/ou a própria construção discursiva da mineiridade nesse objeto). Um caso bastante interessante que nos remete ao imaginário do mineiro culto e patriota é o caso de *O Germinal* quando este foi “empastelado”, ou seja, impedido de funcionar³¹. Na

³¹ Por meio da leitura dos próprios textos citados aqui, entendemos que a motivação do empastelamento foi política.

edição de 9 de março de 1935³², o jornal, utilizando-se de notícias publicadas em outros jornais, acusa a interrupção de suas publicações de ato criminoso, e sob o título “Férias Forçadas”. Republica textos de outros veículos de comunicação que noticiavam seu impedimento mostrando que outros jornais também discordavam do ocorrido. Os textos, como veremos a seguir, valem-se do imaginário do mineiro culto, civilizado, cristão, temperante, tradicional e político para repelir o empastelamento. Notemos a seguir toda desaprovação e crítica que sofre o impedimento da circulação do jornal com motivações que se relacionam de perto com o imaginário de mineiridade:

- No texto do jornal *Folha de Minas*, em que a data de publicação original não é citada, lemos:

Relatam os três [telegramas recebidos em Belo Horizonte advindos de Mariana], com maior ou menor vibração, o mesmo facto, que parece incompreensível em terras de Minas Geraes. Trata-se, apenas, do empastelamento, ocorrido em Marianna, na calada da noite, do jornal “Germinal”, por causa de confusas e violentas lutas municipaes.

(...)

Nunca, porém, provavelmente, terá assistido o burgo ilustre, em que viveu, sofreu e cantou Alphonsus de Guimarães, a um espetáculo tão genuinamente anti-mineiro como este que acaba de agitar escandalosamente o seu ambiente escolhido. Imagino que Marianna se deve ter sentido transportada, subitamente, numa noite de pesadelo, para fora das nossas fronteiras, feitas de compreensão discreta e acomodação inteligente, de puro respeito intelectual, para alguma região adusta calcinada, de onde falta da história e a presença de uma barbara incultura tenham transformado a cidade em acampamentos turbulentos, as opiniões em alucinações desvairadas, os gestos em esgares epilépticos, a voz pousada em berro sem significação.

Minas não é isto, nem nunca o foi. Transformar o Estado que é, exatamente, o modelo do equilíbrio brasileiro, numa amplificação de Madagascar ou numa

³² Vide anexo 6. Note que os textos que noticiam o empastelamento (e opinam sobre o mesmo) são republicados na própria capa do jornal, o que denota sua importância, e são dispostos um ao lado do outro. É importante salientar que os textos e seus dados foram retirados do próprio jornal *O Germinal* sem que tivéssemos contato com os mesmos em suas publicações originais. Temos nesse episódio, uma matéria de capa que, além de legitimar o descontentamento em decorrência do empastelamento, ainda é colocada em evidência pelo próprio fato de encontrar-se na capa/primeira página do jornal. É interessante notar que *O Germinal* republica tais textos com o intuito de demonstrar quão inadequado foi o impedimento de sua circulação/publicação, já que todos os textos criticam a atitude de modo veemente, valendo-se de ideais de mineiridade numa tentativa de autenticação de seu repúdio ao empastelamento. Esse tipo de acontecimento só nos reforça a questão de a sociedade ter seu funcionamento imbricado com os imaginários.

redução da China, é uma tarefa pouco convidativa, e pouco nobre. Mas, cremos que a Revolução, embora com esforço, tem conseguido leval-a brilhantemente (FOLHA DE MINAS, Belo Horizonte *In*: O GERMINAL, 9 de março de 1935, p. 1).

Notemos que num primeiro momento narra o texto o empastelamento do jornal e, logo após, sob a égide do que se entende por ser mineiro, repudia o ato. Interessante ressaltar que a ação de impedimento da circulação de um jornal é qualificada como “anti-mineira”, ou seja, o tolhimento do jornal está em franca antítese em relação ao ideal de liberdade (de expressão) escudado pelo imaginário de mineiridade. Além disso, poderíamos traçar essa “anti-mineiridade” em oposição ao que o texto mostra como ideal (de mineiridade) já que Minas Gerais é o estado “modelo de equilíbrio brasileiro”, onde residem a “acomodação inteligente”, “puro respeito intelectual”, onde não se encontram, em oposição a essas qualidades, a “bárbara incultura” e nem a “falta de história”, tampouco seria bom para Minas Gerais ser transformada em uma “amplificação de Madagascar” ou numa “redução da China”, nada paradigmáticos em comparação com os ideais de mineiridade. Nesse sentido, o imaginário de mineiridade tece o funcionamento “ideal” da sociedade mineira por meio de um discurso de mineiridade, posto em funcionamento na língua por meio da notícia. Vemos, assim, o imaginário como ponto central da sociedade mineira, de seu modelo de funcionamento e do(s) discurso(s) de mineiridade.

- No texto do jornal *O Domingo*, de 13 de Janeiro de 1933 em que lemos:

Pois Marianna, a piedosa cidade de trinta igrejas e dos tresentos altares; com a sua cultura christã e com as suas imensas responsabilidades na formação espiritual do século; Marianna, onde ainda não morreu o éco da voz apostólica de D. Silvério Gomes Pimenta, e onde viveu e floriu aquelle sementeiro de bondade e de doçura, o Santo; Marianna, com suas tradições e as suas comendas catholicas, acaba de espatifar *O Germinal*, folha política ali publicada há mais de 30 annos.

Manhuassú está vingada³³. Mas essa prática de empastelar jornaes de idéias e de opiniões, numa Republica democratica e em pleno século de Marconi e de Dumont, parece tão longe da civilização, como Marianna deve estar distante da villa do Ribeirão do Carmo... (O DOMINGO, Manhuaçu, 13 de janeiro de 1933; *In*: O GERMINAL, 9 de março de 1935, p. 1).

³³ Apesar de repudiar a prática do empastelamento de jornais, o jornal da cidade de Manhuaçu-MG afirma em sua publicação que houve empastelamento de jornais de cunho político na cidade e é por isso que vemos o enunciado “Manhuassú está vingada”.

No texto supracitado, conseguimos observar vários elementos do imaginário de mineiridade no ato de repúdio ao empastelamento de *O Germinal*. Mariana, por meio de seu catolicismo imanente, deveria ensinar ideais cristãos (nesse sentido sempre interpretados como necessidades para o bom andamento da sociedade mineira) sob os parâmetros que são denominados pelo jornal como responsabilidade da cidade na “formação espiritual do século” e na conservação das tradições religiosas. No excerto, podemos compreender também que o catolicismo está presente não somente no que se refere à questão dos ensinamentos e perpetuações destes na sociedade mineira, mas como na própria pessoa de D. Silvério, que é o próprio ideal católico e exemplo a ser seguido. De igual forma, podemos ver o elemento da valorização da democracia e das questões políticas em um claro posicionamento contra o impedimento da circulação do jornal *O Germinal*. Isso demonstra que Mariana se distanciava, assim, dos ideais políticos (de mineiridade) já que se opunha aos mesmos impedindo a circulação de ideias e opiniões diversas (sobre isso, podemos ler que Mariana estava distante de sua origem, a Vila do Ribeirão do Carmo).

- No texto do jornal *Estado de Minas*, datado de 17 de janeiro³⁴ em que podemos ver:

O empastelamento de um jornal é, em Minas, um caso singularíssimo, e pode-se até contar pelos dedos, no decurso de nossa história.

As paixões políticas felizmente não assumem entre nós as dimensões que acarretam gestos de tal vandalismo.

Não poderia, pois, deixar de causar a mais penosa impressão, como de facto causou, o empastelamento de “O Germinal”, e impressão tanto mais penosa quando se pondera que se deu, na velha cidade de Marianna, precisamente um dos centros de que mais se desvanece a gente mineira.

Marianna constitue, com efeito, um dos mais antigos núcleos de nossa civilização, e guarda, entre os seus muros, o tesouro de nossas melhores tradições de amor ao trabalho e de cultura política.

(...)

O povo mineiro, pela sua cultura, pela sua índole e pela sua responsabilidade perante o país, repele veementemente os rasgos de brutalidade que só se explicam, se se explicam, com a sobrevivência do que houve de peor no decantado espirito revolucionário, que o sr. Antonio Carlos tão felizmente adjectivou de nocivo, na sua oração de brinde ao Presidente da Republica, por

³⁴ O ano não é citado, mas acreditamos ser 1933 já que se trata da mesma notícia do jornal *O Domingo*.

ocasião das homenagens prestadas ao sr. Valladares (O ESTADO DE MINAS, 17 de janeiro. *In*: O GERMINAL, 9 de março de 1935, p. 1).

Nesse texto, podemos ver a desaprovação do ato de empastelamento do jornal *O Germinal* com a justificativa de que esse é um ato de vandalismo que quase nunca ocorreu no estado de Minas Gerais mesmo em face de suas paixões políticas. Por isso, o impedimento da circulação do jornal causou uma má impressão que não corresponde ao que se espera do mineiro uma vez que Mariana é uma cidade tradicional, que guarda o “amor ao trabalho” e a “cultura política”, elementos claros do imaginário de mineiridade. O jornal, por meio de sua construção discursiva, age em nome do povo mineiro, repelindo o ato que qualifica de brutal.

Neste último e nos outros textos supracitados, podemos observar a ancoragem desses atos de negação, de rejeição e de desaprovação que acontecem discursivamente quanto ao empastelamento de *O Germinal* nos elementos do imaginário de mineiridade que, por sua vez, se constitui por um imaginário “central” que é a forma como a sociedade mineira deve(ria) funcionar. Em outras palavras, sob esse imaginário constituído de ideais de mineiridade, os jornais agem e justificam suas ações repudiando o empastelamento. Assim, para Castoriadis (1982), o imaginário não se separa da “realidade” em uma sociedade e é ele que dá as significações para a mesma.

Quanto ao “real” do mundo humano, não é somente enquanto objeto possível de conhecimento, é de maneira imanente, no seu ser em si e para si, que ele é categorizado pela estruturação social o imaginário que este significa; relações entre indivíduos e grupos, comportamentos, motivações, não são somente *incompreensíveis* para nós, são *impossíveis em si mesmos* fora deste imaginário (CASTORIADIS, 1982, p.193).

Por isso, nosso exemplo do empastelamento do jornal e, não somente isso, dos “atos” que produzem um discurso em oposição ao fato nos são elucidativos já que jamais compreenderíamos tais acontecimentos da sociedade mineira se antes não estivéssemos ancorados à categoria do imaginário de mineiridade que lhes dá sentido. Parece que estamos aqui lidando com um jogo de autenticação do ser mineiro que visa a “responder” a algo/alguém de maneira opositiva valendo-se dos ideais mineiros e tocando de fato num ponto que nos interessa bastante na perspectiva de Castoriadis, o de que as sociedades só fazem sentido sob a perspectiva dos imaginários:

Até aqui toda sociedade tentou dar uma resposta a algumas perguntas fundamentais: quem somos nós, como coletividade? Quem somos nós uns para os outros? Onde e em que somos nós? Que queremos, que desejamos, o que nos falta? A sociedade deve definir sua “identidade”; sua articulação; o mundo, suas relações com ele e com os objetos que contém; suas necessidades e seus desejos. Sem a “resposta” a essas “perguntas”; sem essas “definições” não existe mundo humano, nem sociedade e nem cultura – porque tudo permaneceria caos indiferenciado. O papel das significações imaginárias é o de fornecer uma resposta a essas perguntas, resposta que, evidentemente, nem a “realidade” nem a “racionalidade” podem fornecer. (...)

É claro que quando falamos de “perguntas”, de “respostas”, de “definições”, falamos metaforicamente. Não se trata de perguntas e de respostas colocadas explicitamente e as definições não são dadas na linguagem. As perguntas não são nem mesmo feitas previamente às respostas. A sociedade se constitui fazendo emergir uma resposta de fato a essas perguntas em sua vida, em sua atividade. É no *fazer* de cada coletividade que surge como sentido encarnado a resposta a essas perguntas, é esse fazer social que só se deixa compreender como resposta a perguntas que ele próprio coloca implicitamente (CASTORIADIS, 1982, p. 177).

Assim, se vislumbrarmos a sociedade mineira por meio do exemplo que demos em relação ao empastelamento do jornal, insistimos que o modo de agir e pensar da coletividade mineira só faz sentido quando se traçam questões imaginárias que corroboram o fazer e o ser da identidade mineira. Daí a importância de considerarmos esses “porquês” e essas respostas, pois os sentidos só se dão no âmbito das significações imaginárias. Essas significações, portanto, nos permitem compreender por meio do sentido que lhe é dado, o próprio funcionamento da sociedade. Esse funcionamento, em nosso caso, se dá por meio do(s) discurso(s) de mineiridade construídos nos jornais marianenses que são, por sua vez, constitutivos da sociedade mineira como um todo, ressaltando que os jornais demonstram posicionamentos específicos em relação não somente a questões de mineiridade, mas em termos políticos, ideológicos, culturais e sociais ancorados no ideal do ser mineiro. Assim, para o autor sob a ótica das significações imaginárias,

a sociedade institui cada vez o mundo como seu mundo ou seu mundo como o mundo, e dizer que ela institui um mundo de significações, que ele se institui instituindo o mundo de significações que é o seu e correlativamente ao qual somente um mundo existe e pode existir para ela. (...) A sociedade faz ser um

mundo de significações e *é* ela própria por referência a um tal mundo. Correlativamente nada pode ser para a sociedade, se não está referido ao mundo de significações, tudo o que aparece *é* logo tomado nesse mundo – e já só pode aparecer sendo tomado nesse mundo. (...) E só correlativamente a este mundo de significações cada vez instituído, *é* que podemos refletir sobre a questão (...): o que *é* a “unidade” e a “identidade”, isto *é*, a *sociedade* de uma sociedade, e o que *é* que unifica uma sociedade (CASTORIADIS, 1982, p. 404).

Fica, então, a pergunta que nos leva à importância da significação da mineiridade enquanto imaginário que constitui/ancora o(s) discurso(s) de mineiridade: o que *é* a sociedade mineira senão uma coletividade que se constitui pelo imaginário de mineiridade? Por isso, *é* importante aqui pensarmos, de acordo com o autor, não somente em ancoragem do(s) discurso(s) de mineiridade dos jornais marianenses nos imaginários de mineiridade, mas compreender que a própria ancoragem *é* parte constitutiva da sociedade mineira em se tratando de imaginários. Longamente o autor insiste em refletir sobre os imaginários como constitutivos da sociedade e sem os quais nenhum funcionamento dela pode ter sentido. Para ele, essas significações “não são o que os indivíduos se representam consciente ou inconscientemente, ou aquilo que eles pensam. Elas são aquilo, mediante e a partir do que os indivíduos são formados como indivíduos sociais” (CASTORIADIS, 1982, p. 411). Por isso, insiste na questão de o imaginário não estar ligado à imagem de alguma coisa, antes ele mesmo movimentava a sociedade dando a ela as significações que conhecemos.

O mundo das significações tem que ser pensado, não como uma réplica irreal de um mundo real; não como um outro nome para o sistema hierárquico de “conceitos”; não como formado pelo que, das representações individuais, *é* “exprimível” (...). Temos que pensá-lo como posição primeira, inauguram irreduzível do social-histórico e do imaginário social tal como se manifesta cada vez numa sociedade dada (CASTORIADIS, 1982, p. 413).

Como vemos, toda significação imaginária dá sentido à sociedade e tece seu funcionamento de alguma maneira. *É* claro que esse funcionamento passa não somente pelos fazeres sociais e pelas instituições da sociedade, mas pela linguagem na esfera discursiva. Por isso, tentamos modalizar nosso pensamento em relação ao imaginário (de mineiridade) nos moldes deste trabalho ocupando-nos em analisar a construção discursiva da mineiridade que se dá nos jornais impressos marianenses. *E* essa noção de Castoriadis nos parece bastante adequada se a fizermos dialogar com as noções de imaginário sócio-discursivo que estamos propondo em nosso percurso teórico uma vez que os imaginários sócio-discursivos colocam em

funcionamento o(s) discurso(s). Os levantamentos de Charaudeau (2006) que compreendem que as relações sociais com a “realidade”, passam por interpretações das quais dependem as práticas discursivas em sociedade e “constituem *maneiras de ver* (discriminar e classificar) e de *julgar* (atribuir um valor) o mundo, mediante *discursos* que engendram *saberes*” (CHARAUDEAU, 2006, p. 197) nos ajudam a dialogar com a noção de significações imaginárias. Assim, se para Castoriadis, a sociedade funciona na(s)/por meio da(s) significações imaginárias, para Charaudeau (2006), os imaginários sócio-discursivos colocam em funcionamento o(s) discurso(s). Dessa maneira, para este último todas essas interpretações em relação à vida em sociedade podem ser organizadas por meio da linguagem. Essa organização das interpretações, que acontece discursivamente forja os saberes que estão ligados à cientificidade sendo, portanto “incontestáveis” (saberes de conhecimento) e a valores (saberes de crença) que se ordenam resultando no que o autor chama de “sistemas de pensamento” que ancoram os imaginários sócio-discursivos.

No entanto, para chegar a essa noção, o autor perpassa por algumas formulações importantes que dão base ao seu sistema de compreensão dos imaginários sócio-discursivos. O *propósito* do ato discursivo é o ponto de partida da formulação do autor. De acordo com sua formulação, “o propósito é aquilo de que se fala, o projeto que se tem em mente ao tomar a palavra; o que é afinal, proposto” (CHARAUDEAU, 2008, p. 187). O objetivo, então, do ato discursivo, que pode ser o de persuadir, influenciar, seduzir, seria inócuo na visão de Charaudeau (2008) se não significado pela visão de mundo dos interlocutores. Portanto, pensar em significação, evoca a necessidade de tipificá-la e/ou classificá-la. Por isso, o autor atesta que cada sociedade confere princípios de valores por meio de sua experiência e isso ocorre e/ou pode ser verificado por meio da linguagem. Nesta concepção, o que acontece em sociedade está tematizado, problematizado e sobre isso se toma um posicionamento naquilo que se fala. E uma característica extremamente importante é lembrada por Charaudeau: o fato de que o sujeito não enuncia sozinho. De acordo com o teórico,

o sujeito que fala não é totalmente livre para tematizar seu discurso. Ele depende, como já foi dito, da situação de comunicação na qual se encontra quando fala e que impõe, a ele e a seu interlocutor, certo número de restrições do qual faz parte o processo comunicativo. (...) O sujeito que fala, se é verdade que quer comunicar-se com seu interlocutor ou seu auditório, deve considerar o campo temático que é determinado pela situação na qual comunica (CHARAUDEAU, 2008, p. 188/9).

O autor revela que todo discurso tem um propósito. Assim, o propósito do discurso político, por exemplo, se relaciona com tudo o que se preocupa com a organização da sociedade. E isso acontece por meio das significações que são dadas à realidade, o que, de acordo com nossa postulação, dialoga com a noção de imaginário abordada acima (de Castoriadis) na qual são as significações imaginárias que colocam a sociedade em funcionamento dando sentido a ela. Para Charaudeau, no entanto, uma observação que nos interessa de perto neste trabalho se destaca: o fato de essas questões em relação ao funcionamento da sociedade se darem no nível da linguagem bem como o fato de sua proposição estar voltada a esse nível.

Para propor a noção de imaginário sócio-discursivo, à vista disso, o autor, constrói um percurso teórico por meio da noção de ideologia, para a qual, distingue duas posições: a que opõe real e produções discursivas que “explicam” o real, demonstrando por meio destas últimas uma consciência social locada sob os discursos dominantes e, portanto, alienada (isso constituiria uma ideologia dominante) e a outra que questiona se o real não seria ele mesmo simbólico trazendo, assim, à tona a hipótese de que o próprio real seria uma representação social e que os processos de ideologização produzem simbolização. O autor usa, portanto, a noção de representação social³⁵ (fenômeno cognitivo coletivo) como ancoradouro para sua formulação. Para ele, que usa três dimensões sob essa perspectiva voltadas para o estudo discursivo, os sujeitos sociais se dão nas e pelas representações i) porque se encontram em práticas sociais que atribuem valores ao mundo por meio das experiências e das construções discursivas que procuram dar sentido a esse mundo e, segundo o que descreve, “é aqui que as representações sociais comportam uma tripla dimensão: cognitiva (organização mental da percepção), simbólica (interpretação do real) e ideológica (atribuição de valores que desempenham o papel de normas societárias)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 195); ii) os sujeitos (individuais ou coletivos) sugerem um elo social que partilha representações e, finalmente iii) interpretam a realidade por meio de simbolizações e significações. Portanto, voltado à linguagem numa abordagem discursiva, o autor formula a hipótese

³⁵ De acordo com a professora Denise Jodelet, as representações sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais” (JODELET, 2001, p. 22). O conceito de representações sociais, visto como sistema de interpretações da sociedade parece dialogar plausivelmente com a noção de imaginários visto que se vale de uma forma de conhecimento coletivo partilhado que contribui para a elaboração da “realidade” no modo como as sociedades a concebem.

de que essas representações constituem *maneiras de ver* (discriminar e classificar) e de *julgar* (atribuir um valor) o mundo, mediante *discursos* que engendram *saberes*, sendo que é com esses últimos que se elaboram sistemas de pensamento, misturas de conhecimento, de julgamento e de afeto.

Nessa perspectiva, os saberes não são categorias abstratas da mente, mas *maneiras de dizer* configuradas pela e dependentes da linguagem que ao mesmo tempo contribuem para constituir sistemas de pensamento (CHARAUDEAU, 2006, p. 197) – grifos do autor.

Os saberes, que estruturam as representações no mundo (e em nosso caso também nos voltamos a uma forma de significação deste) destarte, são constituídos, na perspectiva do autor, pelos saberes de conhecimento e pelos saberes de crença. Os saberes de conhecimento são aqueles que estão externos ao homem, saberes incontestáveis como os saberes científicos, por exemplo. O autor denomina o fundamento desses saberes como *razão científica*. Por isso, os saberes de conhecimento engendram discursos impessoais, ou em outras palavras, “verdades” tidas como indubitáveis. É importante destacar, porém, que o autor menciona o fato de esses saberes estarem também associados com questões culturais, mas o imprescindível é compreender que esses saberes são incontestáveis do ponto de vista da sociedade e dos discursos. Os saberes de crença, por outro lado, estão mais voltados ao julgamento e à atribuição de valores em relação ao mundo.

Os saberes de crenças são procedentes de um movimento de avaliação, findo o qual o sujeito determina seu julgamento a respeito dos fatos. Agora é o sujeito que vai ao mundo e não este que se impõe àquele. Deve-se, portanto, admitir a existência de vários julgamentos possíveis. O sujeito que fala faz sua escolha segundo uma lógica do necessário e do verossímil, na qual pode intervir tanto a razão quanto a emoção. E já que existem vários julgamentos sobre o mundo, eles são objeto de confrontação ou de divisão. Todo juízo de crenças está fundado sobre uma partilha, pois se pode dizer que ele tem também uma função identitária (CHARAUDEAU, 2006, p. 198).

Para Charaudeau, os saberes de crença e os saberes de conhecimento classificam e dão julgamento ao mundo/sociedade ordenando sistemas de pensamento que objetivam explicar o mundo e o ser humano por meio de teorias, doutrinas e ideologias. Embora o autor não vise a aprofundar-se na questão de descrever esses três funcionamentos que se dão por vias discursivas, acreditamos ser importante mencionar algumas questões em relação às ideologias uma vez que nosso trabalho se preocupa com a mineiridade e sua relação com as formações

discursivas. Em Charaudeau (2006) encontramos uma breve reflexão sobre ideologia em que a mesma é denominada como “um *processo de ideologização* que constrói um conjunto de crenças mais ou menos teorizadas sobre a atividade social e que tem por efeito discriminar as identidades sociais” (CHARAUDEAU, 2006, p. 201). Se detivéssemos nossa leitura somente nesse aspecto de sua reflexão, seria-nos muito pertinente pensar em uma ideologia da mineiridade, sob a qual a identidade mineira fosse discriminada/fundada. No entanto, o autor continua colocando em pauta a noção de poder e as relações de poder que acontecem por meio da ideologia. Não estando diretamente ligado às noções de ideologia marcadas por Althusser, um pouco mais “radicais” no que diz respeito à dominância por meio do poder no sentido de estarem marcadas por uma (re)leitura do materialismo histórico, ainda assim, entende a ideologia como ponto importante nas relações de poder em sociedade. Para o autor,

o poder é um estado de fato que resulta de uma conquista e é exercido em uma relação de dominação variável, mas que a todo momento pode encontrar um possível contra-poder. A ideologia é um sistema de pensamento mais ou menos fechado sobre ele próprio e que é construído em torno de valores de um grupo social que se impõe (CHARAUDEAU, 2006, p. 201).

Assim, em nossa proposta de trabalho, acreditamos que, quando entra em jogo o tópico do poder sobre outro ou sobre algo seria necessário que nos aprofundássemos consideravelmente no tema da mineiridade de modo a julgá-la como ideologia (tanto na formulação de Althusser que inspirou a noção de formação discursiva em Pêcheux quanto em Charaudeau que a considera de maneira mais flexível). Isso se dá, em nosso ponto de vista porque, muito embora na noção de mineiridade possam estar envolvidos jogos de poder, seria arriscado tomá-la como constitutiva tão e somente de jogos de poder. Acreditamos que o imaginário de mineiridade seja um fator mais voltado à cultura da sociedade mineira tendo em consideração o ser mineiro sendo materializado discursivamente em diversas modalidades da sociedade de Minas Gerais, incluindo as publicações jornalísticas de Mariana-MG. Assim, da mesma forma como Charaudeau (2006) se distancia da descrição da ideologia no que diz respeito aos discursos políticos, tenderemos a nos distanciar desse modelo com o intuito de, como já mencionamos outras vezes nesta pesquisa, nos aproximarmos de fato da noção de imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

Retomando os saberes de crença que nos interessam de modo mais próximo neste percurso, vemos que o autor procura deter-se neles, pois “se configuram em diversos ‘imaginários sócio-discursivos’” (CHARAUDEAU, 2006, p. 202). Para o escritor,

à medida que esses saberes (...) constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos em “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sócio-discursivos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 203).

Visando chegar à noção de imaginário sócio-discursivo, o autor menciona a obra de Castoriadis, na qual nos detivemos em alguma extensão, com o intuito de reforçar os imaginários sociais. Contudo, foca em dois pontos com os quais estamos compatibilizados, a saber o fato de que “o imaginário social é um universo de significações fundador da identidade de grupo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 204) e a noção de que o imaginário “é da ordem do verossímil, isto é, do que sempre é possivelmente verdadeiro” (idem), acrescentando, assim, à formulação de Castoriadis a noção de que todo imaginário é um *imaginário de verdade*, ou seja, relaciona-se com a interação do homem com o mundo e as significações que aquele dá a este sempre sob uma crença que esta(ria) ancorada em uma “verdade” (também da ordem do imaginário).

Todas essas observações sobre os imaginários sociais são integradas em Charaudeau (2006) à escola francesa de análise do discurso, pois o teórico compreende que esses imaginários são *materializados* no e por meio do discurso. Dessa forma, chega, então, aos imaginários sócio-discursivos, pois “os grupos sociais produzem discursos de configuração diversa que dão sentido a essas materializações” (CHARAUDEAU, 2006, p. 206) sustentadas pelo que o autor denomina *racionalizações discursivas*. Essa materialização racionalizada discursivamente da qual trata o autor pode ser depreendida em diferentes funcionamentos do discurso sobre os quais pretendemos discorrer com o intuito de apontar para como eles ocorrem e podem ser demonstrados como estratégias de posicionamento nos jornais pesquisados. Apontamos ainda para como esses funcionamentos nos auxiliam na medida em que objetivamos compreender a construção discursiva dos jornais marianenses estudados a partir de elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

Neste trabalho, é importante frisar que os imaginários sócio-discursivos “dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (CHARAUDEAU, 2006, p. 206). Por isso essa noção nos interessa, não somente no campo dos imaginários sociais,

mas na sua forma e materialização discursiva, que é o cerne desta pesquisa. Pensar na mineiridade como um imaginário sócio-discursivo nos ampara no sentido de compreender tal noção como uma significação coletiva do ser mineiro, (com)partilhada pelo povo por meio de discursos (os jornais são riquíssimas fontes deles). O autor ainda afirma que os imaginários sócio-discursivos são frequentemente utilizados no discurso político para fins de persuasão e esse objetivo da modalização discursiva é importante, não no sentido do discurso político (muito embora saibamos que os jornais marianenses estão atravessados pelo discurso político disseminado nos seus gêneros textuais), mas no sentido geral de construir um discurso “convicente” que se justifique por meio do imaginário sócio-discursivo da mineiridade. Dessa maneira, é interessante notar que os textos jornalísticos marianenses estão atravessados por esse imaginário sócio-discursivo de mineiridade com o intuito de ancorar seu(s) discurso(s) em um *imaginário de verdade*.

Retomemos como exemplo o empastelamento do jornal sobre o qual abordamos acima: por meio de um imaginário sobre o ser mineiro, *O Germinal* republica textos de outros jornais atestando que o ato de impedi-lo de circular em dado momento foi *anti-mineiro*. Assim, a terra amante da liberdade, deveria ter na liberdade de imprensa um de seus lemas, de acordo com o que pudemos notar. Da mesma forma acontece com praticamente todos os exemplos que mencionamos ou procuramos analisar nesta pesquisa, pois em todos os aspectos, as publicações destacadas são atravessadas pelo imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

Antes, porém, sentimos a necessidade de discutir brevemente, ainda sob os parâmetros do que adotamos nesta pesquisa em relação ao(s) discurso(s) (de mineiridade), o universo e o campo discursivo com vistas à reflexão sobre os gêneros discursivos mais recorrentes no campo jornalístico, especialmente no que se refere ao nosso objeto de análise. Assim, antes que recorramos aos funcionamentos desses discursos, abriremos uma breve seção para tratar dos gêneros discursivos.

2.3 Campo, universo e espaço discursivos: uma breve abordagem sobre o campo discursivo jornalístico e os gêneros mais recorrentes nos jornais marianenses estudados

Como estão imbricadas com a noção de (inter)discurso, vimos a importância de rememorar brevemente aqui a percepção de universo discursivo e seus dois desdobramentos (campo e espaço discursivos), nos moldes de Maingueneau (1993) em se tratando do tema dos jornais marianenses. Para o autor mencionado, o interdiscurso deve ser contemplado na recorrência do universo, do campo e do espaço discursivos. Isso porque os discursos são

atravessados por outros discursos em uma relação de coexistência que dá primazia ao interdiscurso. É importante ressaltar, porém, que todas essas noções parecem se encontrar em um mesmo itinerário teórico tendo sido mencionadas, aliás, nesta pesquisa com o intuito teórico-metodológico de conduzir o trabalho aos funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade que atravessa(m) os diferentes gêneros discursivos dos jornais marianenses. Assim, procuramos partir do universo discursivo com vistas a chegar no espaço discursivo e seus gêneros recorrentes demonstrando ao final que tais gêneros são materializados em funcionamentos discursivos específicos que, por sua vez, são analisados na última parte deste trabalho. Uma observação válida no que diz respeito ao universo, campo e espaço discursivos é que Maingueneau (1993) trabalha em sua obra com a noção de formação discursiva. De nossa parte, todavia, colocamos de viés o termo no sentido de direcioná-lo para os imaginários sócio-discursivos e isso nos é outorgado por meio do próprio autor que reitera sua posição em entrevista na qual aborda o tema das formações discursivas:

Eu propus restringir o emprego dessa noção a certas “unidades”; assim, quando falamos de “discurso patronal”, “discurso racista”, “discurso da publicidade para as mulheres”, etc., o termo formação discursiva seria útil. De fato, trata-se de *corpora* que transpassam os gêneros ou os tipos de discurso, e que o pesquisador pode constituir bastante livremente em função de suas hipóteses de pesquisa. Em contrapartida, eu não acredito esteja bem claro utilizar a noção de formação discursiva para designar um gênero de discurso ou para um posicionamento em um campo discursivo (um movimento literário, um partido político, etc.). Mas ao fim das contas, é um problema de terminologia: cada um pode empregar “formação discursiva” como bem entende, com a condição de que haja uma proposta bem clara de definição (MAINGUENEAU, 2003, p. 1).

Considerando, portanto essa “outorga” no que diz respeito à nossa maneira de abordar o tema das formações discursivas direcionando-o e repensando-o sob a temática da mineiridade em sua esfera de imaginário, e ainda acreditando que nossa proposta de formação discursiva foi clara no que diz respeito à nossa definição e os porquês de sua recurvação em direção aos imaginários, não nos parece justificável abandonar os termos universo, campo e espaço discursivos somente porque têm em seu âmago a terminologia “formação discursiva”. Ora, se o próprio autor a toma de maneira tão pragmática e clara, por que reduziríamos essas noções em decorrência de uma flutuação terminológica? Assim, com fins didáticos, propomos esses três conceitos a partir de então sem nos apegarmos à noção de formação discursiva em si, mas

entendendo esses conceitos sob a lógica do imaginário sócio-discursivo que ancora e/ou é constitutivo do(s) discurso(s) de mineiridade. Com vistas a tornar mais esclarecedora a leitura, procuraremos destacar o termo nas citações que se seguem para que nosso leitor possa tomá-lo da forma como sugerimos neste momento específico de nosso percurso teórico.

Contemplemos num primeiro momento o “universo discursivo” que, de acordo com Maingueneau (1993, p. 116) consiste no “conjunto de *formações discursivas* de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura” – grifo nosso. Ora, em uma conjuntura social, podemos considerar nosso universo discursivo nos moldes de uma sociedade na qual circulam e se (cor)relacionam discursos de diversas ancoragens e dentre eles, o(s) discurso(s) de mineiridade. Corroborando essa noção, Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 91), afirmam que o universo discursivo é “o conjunto dos discursos que interagem em uma dada conjuntura”. Portanto, para que o analista tenha a oportunidade de vitalizar seu trabalho, o recorte dos campos discursivos sob o abrigo do universo discursivo é necessário, pois seria demasiado abrangente preparar *corpora* levando em consideração o universo discursivo como um todo. Nossa pesquisa chega, então, à necessidade de “denominar” um campo a ser explorado e fizemos esse recorte, como já mencionamos anteriormente, no que se refere aos jornais e, mais especificamente, aos jornais marianenses.

Assim, vemos em Maingueneau (1993, p. 116) a noção de campo discursivo como “um conjunto de *formações discursivas* que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição em dada região” – grifo nosso. Embora a noção de campo discursivo religioso, político, literário e outros seja, para Maingueneau (1993) bastante vaga, cremos estar inseridos em nosso trabalho em um campo discursivo que acomoda todas essas características, estando mais especificamente sob o escudo do campo discursivo jornalístico e, ainda mais estritamente, do campo discursivo dos jornais impressos marianenses. Contribuindo ainda mais para essa noção que visa a demarcar ainda mais a pesquisa, “o pesquisador deve construir seu campo, ou seja, tomar um conjunto de decisões” (CHARAUDEAU e MMAINGUENEAU, 2016, p. 91) no sentido de conduzir a pesquisa. Em nosso caso, o campo discursivo, como já mencionamos, está sob o abrigo dos jornais impressos marianenses, mas não somente isso. Estamos nos direcionando para o espaço discursivo que se dá nos jornais *Voz de Marianna*, *O Cruzeiro* e *O Germinal*.

Para Maingueneau (1993, p. 117), ainda, “o ‘espaço discursivo’ delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas *formações discursivas* que, supõe-se mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” – grifo nosso. Assim, consideremos como espaço discursivo os jornais supracitados tendo como

foco de análise, sua construção discursiva a partir de elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade que atravessam esse campo de discurso e seus diferentes gêneros. Poderíamos pensar aqui que diversos discursos e imaginários podem atravessar os jornais marianenses juntamente com o imaginário sócio-discursivo de mineiridade e, dessa forma, nossa pesquisa se delimita em ocupar-se de apreender desses discursos os elementos de mineiridade que nos interessam.

Se continuarmos na lógica de que o espaço discursivo de nossa pesquisa se dá por meio dos gêneros recorrentes nos jornais marianenses, ao tomarmos Maingueneau (2006) também como parte de nossa fundamentação teórica, procuraremos traçar um paralelo entre sua obra supra citada e esta última uma vez que nosso espaço discursivo é atravessado pelo imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Notemos, ainda, que os tipos de discurso estão voltados a setores da sociedade em suas subdivisões (publicidade, administração, política, etc.) e esses tipos de discurso “englobam *gêneros de discurso*, entendidos como dispositivos sócio-históricos de comunicação” (MAINGUENEAU, 2006, p. 14/15). Assim, para o autor, “a noção de tipo de discurso é heterogênea; trata-se de um princípio de agrupamento de gêneros” (idem). Maingueneau (2006) ainda se remete à relação entre tipo e gênero do discurso como recíproca, uma vez que são interdependentes, e ainda chama a atenção para as duas lógicas do agrupamento de gêneros: a do aparelho institucional e a do posicionamento. Para o autor,

com efeito, não é a mesma coisa falar de “discurso hospitalar” e de “discurso comunista”. O “discurso hospitalar” consiste na interação dos diversos gêneros de discurso em um mesmo aparelho, no caso, o hospital (reuniões de trabalho, consultas, receitas, etc.). O “discurso do partido x”, por outro lado, consiste na diversidade dos gêneros de discurso produzidos por um posicionamento determinado no interior do *campo* político (jornal cotidiano, panfletos, programas eleitorais etc.). No primeiro caso, estamos em uma lógica de *funcionamento* do aparelho. No segundo, em uma ótica de *luta ideológica*, de delimitação de um território simbólico contra outros posicionamentos; os gêneros aí se agrupam, então, em dois níveis: o nível do posicionamento e o do campo ao qual esse posicionamento concerne (MAINGUENEAU, 2006, p. 15).

De acordo com Maingueneau (2006), os registros linguísticos têm bases enunciativas e de estruturas textuais enquanto os registros vistos sob a ótica de critérios funcionais têm, como o próprio nome diz, preocupação com a função (de linguagem) dos diferentes textos. Assim, a noção de gênero de discurso, por si só não é tão simples. Podemos ler em Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 251) que

para definir essa noção, ora leva-se em conta, de modo preferencial, a *ancoragem social* do discurso, ora sua *natureza comunicacional*, ora as *regularidades composicionais* dos textos, ora as *características formas* dos textos produzidos. Pode-se pensar que esses diferentes aspectos estão ligados, o que cria, aliás, afinidades em torno de duas orientações principais: aquela que está mais voltada para os textos, justificando a denominação “gêneros de texto”, e a mais voltada para as condições de produção do discurso, que justifica a denominação “gêneros do discurso” – os grifos são dos autores.

Em nossa pesquisa, ambas as orientações são pertinentes já que, embora estejamos voltados mais para as condições de produção do(s) discurso(s) de mineiridade no que se refere aos elementos do imaginário sócio-discursivo que identificamos no decorrer de nossas análises por meio de diferentes funcionamentos desse(s) discurso(s), a noção de gênero mais voltada para aspectos “concretos” no sentido de que entrevejamos editoriais, notícias e outros gêneros típicos dos campo discursivo jornalístico são atravessados por esses imaginários. Assim, um editorial que vise a demonstrar o posicionamento do jornal como um todo, por exemplo, pode apresentar em sua construção elementos do imaginário de mineiridade. Notícias que visam a legitimar certos aspectos da sociedade mineira também são igualmente atravessadas pelo imaginário de mineiridade. Outros textos dedicados à memória da cidade, poemas publicados e tantos outros gêneros recorrentes no nosso campo discursivo jornalístico marianense são igualmente ricos nesses elementos. Como dissemos, nossa pesquisa não se volta estritamente à abordagem do campo discursivo jornalístico e seus gêneros, mas essa observação se faz importante porque afinal esses textos específicos são o sustentáculo de nossa pesquisa. Em outras palavras, nosso foco maior é analisar a construção discursiva dos jornais marianenses em concomitância com os imaginários sócio-discursivos de mineiridade, contudo, o fato de essa construção discursiva ser materializada em gêneros nos convida a mencionar tal fato. Dessa maneira, nosso foco não consiste em classificar esses gêneros, porém saltar essa observação seria incômodo uma vez que todo(s) o(s) discurso(s) de mineiridade que perpassa(m) os jornais estudados só se tornam possíveis na medida em que são possibilitados por um gênero. Essa assertiva é corroborada por Charaudeau (2004, p. 17) que, abordando uma regularidade mais abstrata³⁶ dos textos, afirma que os gêneros “devem ser considerados como condições de construção do discurso que o sujeito falante disporia para organizar sua intenção discursiva”. No entanto, é preciso cuidado para que não incorramos no problema de classificar os gêneros

³⁶ Este termo é utilizado pelo autor no que se refere à “armadura” do texto (o autor cita Jean Michel Adam nesse aspecto) no tocante à organização textual quer seja narrativa, descritiva, argumentativa e etc. bem como se utiliza de sua própria formulação que denomina “modos de organização do discurso”.

por meio de marcas como o emprego de expressões, certos “clichês” linguísticos, conectores, etc. dada à heterogeneidade dessa noção e principalmente porque não estamos voltados neste momento de nossa pesquisa a regras estabelecidas pelos falantes/usuários dos gêneros. Antes falamos do lugar de analistas do discurso, para quem interessam as condições situacionais desses textos (MAINGUENEAU, 2004).

Abordar a temática dos gêneros discursivos nos interessa, assim, na direção de apontar exatamente o que procuramos dizer anteriormente: o imaginário sócio-discursivo de mineiridade é materializado discursivamente nos jornais estudados em gêneros diversos que constituem os mesmos enquanto “instituições” midiáticas marianenses. Dessa maneira, se tomarmos como ponto de partida a “situação de comunicação” em que se inscrevem os jornais dentro do domínio da comunicação da mídia marianense, poderemos iniciar nossa trajetória rumo a uma observação em relação aos gêneros de modo a compreendê-los dentro de seu papel social. Isso seguindo sempre na direção de demonstrar que todos esses textos procuram, de alguma maneira, legitimar o que dizem (e especialmente no tocante a este trabalho) por meio de recorrências ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Sendo assim, seguindo a linha de Maingueneau (2004, p. 45) para quem

a categoria *gênero de discurso* é mais comumente definida a partir de critérios situacionais: ela designa, de fato, dispositivos de comunicação sócio-historicamente definidos e elaborados, de modo geral (...). Assim, fala-se de “gêneros de discurso” tendo por base um jornal, uma conversação, um programa de televisão, uma dissertação, etc. os gêneros em questão, são, assim, normalmente caracterizados por parâmetros tais como os papéis dos participantes, suas finalidades, seu *médium*, seu enquadramento espaço-temporal, o tipo de organização textual que eles implicam, etc. – grifos do autor.

Falar que os gêneros discursivos são significativamente alusivos a situações de comunicação e acrescentar a essa formulação o fato de que isso concerne aos critérios situacionais, no entanto, nos conduz a uma importante observação em relação aos jornais: o fato de serem os jornais marianenses necessariamente dispositivos de comunicação na sociedade mineira e, mais precisamente no que se refere à Mariana-MG e o fato de, por meio deles, tipos de textos diversificados circularem nessa sociedade disseminando de certa maneira o(s) discurso(s) de mineiridade que englobam elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade. A variedade desses textos, conseqüentemente, nos leva a considerá-los como tipos de organização textual que visam a alcançar os leitores dos jornais e disseminar seus “ideais”

(trazendo esta percepção para nosso interesse, poderemos falar em disseminação dos ideais de mineiridade, ou legitimação das ideias de um texto jornalístico por meio de elementos do imaginário de mineiridade).

Assim, quando vemos, por exemplo, em *O Cruzeiro* de 24 de fevereiro de 1933, a notícia da mudança de nome da cidade de Palmyra para Santos Dumont³⁷ exaltando os feitos do aviador mineiro, ou ainda o bicentenário do nascimento de Aleijadinho no mesmo jornal datado de 19 de setembro de 1930³⁸ demonstrando o grande valor do artista na sociedade mineira, percebemos que, organizados em forma de notícia, matéria e/ou biografia, os textos são atravessados pelo imaginário de mineiridade com o intuito de reivindicar a relevância de tais informações enaltecendo a importância do ser mineiro como fator preponderante na linha editorial do referido jornal. Outra observação importante que se faz necessária neste momento de nossa abordagem é o fato de que as notícias, embora possam ser “classificadas” assim por veicularem uma informação, têm construções discursivas e/ou textuais um pouco difusas das que usualmente encontramos em jornais contemporâneos. É preciso levar em consideração que os jornais são relativamente antigos e o modo de organização textual segue os padrões estabelecidos e/ou valorizados na época. Assim, vemos nesses textos/notícias a exaltação de Santos Dumont e de Aleijadinho como importantes ícones da sociedade mineira e que remetem respectivamente aos feitos da aviação no século XX e à importância da arte barroca em Minas Gerais em um estilo que nos remete (vale mencionar de relance) até mesmo ao gênero epidítico aristotélico dadas às suas tendências à exaltação.

Da mesma forma, em geral, as capas/primeiras páginas³⁹ das edições examinadas de *Voz de Marianna* trazem sempre imagens e textos divididos em colunas que dão certa identidade ao jornal. Em alguma extensão, poderia parecer inabitual chamar a capa de um jornal de gênero discursivo, porém, nas edições de *Voz de Marianna* elas nos chamam a atenção devido sua diagramação mais ou menos padronizada com fotos e/ou imagens que remetem diretamente ao imaginário de mineiridade. Assim, como vemos em *Voz de Marianna* de abril de 1987⁴⁰, que aliás já foi mencionado na seção sobre os elementos de mineiridade como paradigmática em relação à noção do ser mineiro, a imagem da capela do Seminário, onde hoje se situa o Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP, dedicado à Nossa Senhora da Boa Morte, é um dos

³⁷ Sobre isso, abordaremos adiante no capítulo 3, mais especificamente na seção sobre os nomes próprios e seu vínculo com a memória.

³⁸ Vide Anexo 2.

³⁹ Ver anexos 1 e 5. Embora não tenhamos mencionado todos os exemplos que encontramos no percurso da exploração dos jornais, trazemos aqui algumas capas sugestivas para análise.

⁴⁰ Ver anexo 1.

“complementos” dessa linha identitária notória do jornal e, em uma delimitação mais aproximada, da própria coluna de abertura da edição, um reforço do imaginário de mineiridade materializado discursivamente na coluna. A imagem denota a importância do monumento para Mariana-MG evocando certa memória histórica da cidade dada à importância simbólica do Seminário e de sua capela. Assim vemos em muitas outras capas/primeiras páginas do jornal *Voz de Marianna*. Elementos que ilustram o imaginário de mineiridade podem ser encontrados em muitos e diversos exemplares das diferentes edições que nos dispomos a analisar neste trabalho. Elementos como a bandeira do Brasil bem como imagens que remontam ao imaginário de mineiridade podem ser demonstrados a todo momento no manuseio do objeto de pesquisa.

Essas capas/primeiras páginas com seus textos de abertura, que denominamos aqui colunas e/ou artigos/matérias de capa, estão dispostas com imagens que visam a chamar a atenção do leitor para o jornal bem como, do modo que já mencionamos, corroborar as postulações discursivas materializadas nesses textos. Não se trata aqui de nos preocuparmos com a diagramação do jornal propriamente dita e nem com a disposição dos elementos da capa de acordo com o que chama a atenção do leitor como aponta Collaro (2000)⁴¹ em sua preocupação com a zona visual da página, mas de apontar para elementos “extra-discursivos” que nos guiam a uma compreensão geral do jornal e de seus múltiplos gêneros como é o caso da capa/primeira página que se desdobra em outros gêneros, das notícias, das colunas e dos editoriais que são amplamente atravessados pelo imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

Todas essas postulações que colocamos em nosso trabalho corroboram a formulação de Maingueneau (2011, p. 61) para quem os gêneros de discurso são “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. Assim, desdobrando sua formulação nesse sentido, podemos compreender que, para que os textos mencionados anteriormente possam existir, é preciso que existam condições para tanto. A notícia só pode ocorrer (no caso desta pesquisa) porque o jornal em que se encontra é uma “instituição” que a legitima e a faz existir. Uma coluna, um artigo têm as mesmas prerrogativas de existência. E não somente isso deve ser levado em consideração, mas a formulação do autor ainda nos atenta para o fato de que esses textos que constituem gêneros estão sob a égide do campo/tipo jornalístico (MAINGUENEAU, 2011, p. 61). Embora isso possa parecer bastante

⁴¹ Antonio Celso Collaro é autor de um livro intitulado “Projeto Gráfico: teoria e prática da diagramação”. Na obra, dentre diversos assuntos concernentes à diagramação de jornais e revistas, o autor discorre sobre a zona visual da página (de jornal) desdobrando-a em quatro pontos levando em consideração a atenção do leitor. Os quatro pontos consistem em i) zona óptica primária (parte superior esquerda da página), onde os olhos do leitor passam primeiro; ii) zona terminal (parte inferior direita da página), para onde o leitor normalmente se dirige após a atenção à zona óptica primária; iii) os cantos superior direito e inferior esquerdo como duas zonas mortas em que a atenção do leitor não é chamada naturalmente (COLLARO, 2000, p. 164).

notório, essa observação pode auxiliar no sentido de que o(s) discurso(s) (de mineiridade) se materializa(m) organizando linguística e discursivamente certos padrões mais ou menos pré-concebidos que dão base para que possam ser “classificados” em diferentes gêneros. Numa perspectiva bakhtiniana, Maingueneau (2011) aponta para a importância do (re)conhecimento dessas “regras” que ancoram os gêneros de modo que os enunciadores conheçam e saibam ordinariamente o que esperar, como reconhecer e como (re)produzir os diferentes gêneros discursivos. Somando a essa perspectiva, o autor ainda atesta que

todo gênero de discurso está associado a uma certa *organização textual* que cabe à linguística textual estudar. Dominar um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modelos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores. Esses modos de organização podem ser objeto de uma aprendizagem: a dissertação, as anotações de síntese, etc., se ensinam; outros gêneros, na realidade, a maioria, são aprendidos por impregnação (MAINGUENEAU, 2011, p. 68).

É elementar que o autor esteja aplicando sua formulação não somente a textos jornalísticos como é o caso deste trabalho, mas também a textos de gêneros rotineiros, daí a observação de que muitos gêneros são aprendidos por impregnação. No entanto, verificar que os gêneros são organizados textualmente com marcas específicas ou próprias deles (embora o autor reconheça que essas marcas não sejam necessariamente distintivas) e que é preciso haver uma consciência dos gêneros com o fim de reconhecê-los e utilizá-los leva o leitor a ser um “parceiro” do enunciador, outra observação do autor. Assim, em um jornal, quando o leitor observa, por exemplo, a titulação de uma coluna como “editorial”, ainda que não tenha compreensão prévia do que o gênero propõe, acaba por compreender que é uma área reservada ao editor e que ali se manifesta a linha social, ideológica, política, etc. do jornal. Os editoriais de *Voz de Marianna*, por exemplo, nos ajudam a corroborar essa assertiva. Como um jornal essencialmente mineiro, seus editoriais são atravessados por diversos elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade que visam a legitimar de alguma maneira os posicionamentos identitários do jornal e suas ancoragens. Um dos editoriais que nos chamam a atenção no sentido de demonstrar claramente elementos do imaginário de mineiridade e da memória da cidade de Mariana-MG encontra-se na edição de julho de 1987 em que as montanhas, os sinos, construções marianenses e costumes mineiros/marianenses são mencionados ali no sentido de levar o leitor a compreender a importância da memória da cidade. Mencionando especificamente o que podemos encontrar no editorial, vemos:

O bronze dos sinos ecoa nas colinas o bimbalar festivo da chegada de Dom Frei Manuel da Cruz ou a ressonância triste da partida de Dom Silvério...

As montanhas guardam em seus vales estes sons outrora ouvidos e mantêm-se vivas entre nós as emoções deste tempo que os ventos do passado trazem à tona para ocultar rumores de máquinas que rasgam o chão. (...) Pulsa em cada célula do corpo marianense a idade áurea na história gravada (...) e sempre buscamos o contato com esta memória, este coração mineiro onde se concentra toda a lembrança de inesquecíveis tempos idos (VOZ DE MARIANNA, julho de 1987, p. 2).

O editorial se delonga em elementos do imaginário de mineiridade e demonstra claramente o posicionamento em relação à valorização do ser mineiro. Editoriais são textos que expressam a opinião do veículo que os publica, dessa maneira, os editoriais do jornal mencionado estão permeados de elementos que demonstram que o jornal é um típico jornal mineiro e se envaidece por isso.

Nesta breve seção, buscamos demonstrar elementarmente que os gêneros discursivos são constitutivos dos jornais marianenses. Nosso foco, como já mencionamos, nunca foi discorrer detalhadamente sobre os gêneros discursivos, mas demonstrar que estes são modos de construção textual que possibilitam a materialização discursiva do imaginário de mineiridade por meio do(s) discurso(s) de mineiridade ali demonstrados. Assim, como vemos que os jornais são constituídos desses diferentes gêneros, também verificamos que estes últimos são organizados por elementos textuais, mas não somente isso. São nos diferentes gêneros de discurso que se apresentam os diferentes funcionamentos discursivos que nos ancoram nesta pesquisa.

Com esse pensamento e sob essa perspectiva, organizaremos, por conseguinte, nosso trabalho em três principais ancoragens teórico-metodológicas que compreendemos fazerem funcionar o(s) discurso(s) de mineiridade na medida em que esses se fundamentam sobre e/ou são constitutivos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Esses funcionamentos discursivos nos auxiliam a compreender como os imaginários podem ser materializados discursivamente nos gêneros sob diferentes aparatos discursivos. Procurando traçar um percurso que vai do nível lexical inserido na perspectiva discursiva até o nível frasal, partimos dos nomes próprios como difusores da memória discursiva ancorada no imaginário de mineiridade, passamos pelas fórmulas discursivas e finalmente, selecionamos exemplos no âmbito frasal como as aforizações, sobreasseverações, particitações e destacabilidade. Nos jornais marianenses analisados, sob todas essas três perspectivas discursivas, encontram-se

elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade e, embora cada uma delas tenha por ancoragem um autor específico que, por sua vez, tece suas teses sob variadas égides teórico-metodológicas, trilhamos ainda o caminho de uma mesma escola teórica, com princípios e fundamentos unidos num único propósito: a análise do discurso. Esclarecidos esses pontos, as três ancoragens teórico-metodológicas sobre as quais pretendemos discorrer são:

1 – Nomes próprios como lugares de memória: nesse aspecto do funcionamento dos discursos em nosso objeto de pesquisa, podemos compreender como a utilização de nomes próprios que remetem ao imaginário do ser mineiro aparecem nos jornais marianenses de modo a evocarem elementos do imaginário de mineiridade sobre os quais estudamos neste trabalho;

2 – Fórmulas discursivas: expressões recorrentes na mídia que se cristalizam com o uso e se tornam referentes sociais pela maneira como são postas socialmente e porque estão incluídas no funcionamento discursivo da mídia impressa marianense evocando sentimentos e relação de contato íntimo com os aspectos de mineiridade;

3 – Particitação, sobreasseveração, aforização e destacabilidade: esses funcionamentos do discurso postos em relação de equivalência, dadas às suas características funcionais, nos levaram a compreender como enunciados “prontos” ou consolidados no universo discursivo tais como provérbios e frases destacadas, por exemplo, têm seus sentidos “aplicados” e/ou voltados para as intenções dos locutores. Analisamos esse aspecto do funcionamento do(s) discurso(s) nos jornais marianenses sob a luz do imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

É importante também que salientemos que todo o capítulo que tratou de aspectos de mineiridade nos ancora em relação ao que se atribui ao ser mineiro, dando-nos assim, embasamento teórico que alicerça o que chamamos de imaginário sócio-discursivo materializado discursivamente nos jornais analisados por meio de seus variados gêneros de discurso. Assim, esses três funcionamentos do(s) discurso(s) dos jornais marianenses demonstram fenômenos linguageiros indicadores do imaginário sócio-discursivo de mineiridade que, por sua vez, está na base dos posicionamentos identitários dos jornais.

Dadas essas informações, passemos, então aos funcionamentos do discurso acima mencionados.

CAPÍTULO 3

**OS FUNCIONAMENTOS DO(S) DISCURSO(S) DE MINEIRIDADE: UMA
ABORDAGEM SOBRE NOMES PRÓPRIOS, FÓRMULAS DISCURSIVAS E
DESTACABILIDADE NAS ESFERAS DE PARTICIPAÇÃO,
SOBREASSEVERAÇÃO E AFORIZAÇÃO**

3 OS FUNCIONAMENTOS DO(S) DISCURSO(S) DE MINEIRIDADE: UMA ABORDAGEM SOBRE NOMES PRÓPRIOS, FÓRMULAS DISCURSIVAS E DESTACABILIDADE NAS ESFERAS DE PARTICIPAÇÃO, SOBRESASSEVERAÇÃO E AFORIZAÇÃO

Como vimos insistindo em nossa pesquisa, o(s) discurso(s) de mineiridade ancorados e/ou constitutivos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade podem ser apreendidos nos jornais marianenses sob diferentes aspectos teórico-discursivos que pretendemos apontar neste capítulo. Para nós, os três jornais perpassados durante o percurso desta pesquisa nos auxiliaram no sentido de demonstrar que esses discursos têm seu funcionamento dado em diversos níveis. Nossa intenção é demonstrá-los por meio, primeiramente, dos nomes próprios como lugares de memória, das fórmulas discursivas e, finalmente, refletir sobre os processos de destacabilidade que podem ser percebidos nas esferas da sobreasseveração, da participação e da aforização.

A partir de então, nossa pesquisa passará a demonstrar essas categorias teórico-metodológicas ancoradas, antes de tudo, nas tendências da análise do discurso de linha francófona sob a égide de diferentes autores que, como já mencionamos acima, embora fundamentem suas abordagens em variados aspectos se comparados entre si, percebe-se poderem dialogar visto que estão sob o abrigo de uma mesma escola teórica. É preciso considerar essa tendência na leitura deste capítulo especialmente nas análises do funcionamento do(s) discurso(s) de mineiridade que pudemos indicar por meio dos jornais marianenses analisados.

Outro aspecto de menção importante é que, em cada seção deste capítulo, procuramos utilizar exemplos advindos dos três jornais pesquisados embora alguns tenham sido mais produtivos em certos funcionamentos do que outros. Dessa maneira, a feição metodológica deste capítulo no que se refere aos funcionamentos discursivos e aos jornais pesquisados se dá na medida em que procuramos demonstrar ao leitor que cada categoria conta com, pelo menos, uma menção a cada jornal analisado importando frisar, todavia, que outros exemplos também podem ser observados em nosso objeto de análise e que não esgotamos as possibilidades neste trabalho vistos serem diversas.

Consideradas essas menções importantes sobre o capítulo que ora se inicia, passemos para os funcionamentos do(s) discurso(s) de mineiridade.

3.1 Nome próprio como lugar de memória discursiva: considerações sobre nomes de mineiros de destaque nos jornais marianenses

Para que possamos entender um pouco mais sobre os funcionamentos dos discursos dos jornais marianenses que se apoiam e/ou são constitutivos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade, entendemos que é muito importante considerar a relevância dos nomes próprios como lugares de preservação da memória. Esse funcionamento do discurso tem sido estudado por Marie-Anne Paveau e em nosso percurso cremos ser bastante pertinente considerar seus apontamentos, com o fim de compreender como os nomes mencionados na mídia rememoram ícones de mineiridade, materializando discursivamente, assim, o imaginário sócio-discursivo de mineiridade no(s) discurso(s) estudados. É importante, no entanto, frisar que, para a autora, a memória convocada pelo uso dos nomes no(s) discurso(s) está alicerçada no funcionamento cognitivo da coletividade⁴². Dessa forma, em sua perspectiva, não estamos limitados ao estudo do discurso exclusivamente falando, mas à maneira como o(s) discurso(s) funciona(m) e onde se ancora(m) para isso, levando em consideração os funcionamentos cognitivos coletivos. Embora em nossa perspectiva o imaginário sócio-discursivo de mineiridade nos fundamente teoricamente sobre a temática da “mineiridade” em relação às práticas discursivas da mídia impressa marianense, é bastante produtivo compreender a formulação da autora sob sua ótica, que relaciona o aparecimento dos nomes e suas significações na coletividade com a cognição social por meio da memória, pois “a cognição social permite, de fato, repensar de modo refrescante a velha noção de contexto, agora multidisponível e utilizada para tudo o que parece situar-se em torno ou fora do discurso e ter uma ligação de influência sobre ele” (PAVEAU, 2007, p. 324). Para ela, a “amarração” do(s) discurso(s) se dá na relação da cognição em uma relação de “continuidade entre representações internas e externas”, já que “de fato, os pré-discursos se situam (...) tanto ‘na cabeça’ quanto nos ambientes exteriores” (idem).

Assim, podemos tomar inicialmente a assertiva de que o nome próprio pode ser visto como designador por estar carregado de significados. Considerando a abordagem de Paveau (2007, p. 326) segundo a qual o nome é “portador de sentido e de valores identitários, culturais e ideológicos instáveis e relativos” (denominado “designador brando”), a autora propõe que a Análise do Discurso considere o conceito de memória discursiva sob a perspectiva da cognição

⁴² Ressaltamos que a autora passa pela importância das produções discursivo-cognitivas individuais que estão em relação de continuum com as produções sociais em coletividade (PAVEAU, 2007, p. 320). Para nós, no entanto, é importante salientar que todas as práticas discursivas, quer sejam individuais, quer sejam coletivas/engajadas em interações sociais, estão ancoradas (especialmente se considerarmos os jornais marianenses) nos quadros pré-discursivos (encontrados na perspectiva teórico-metodológica da autora) que se vinculam, ao nosso entender, com o imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

distribuída. Passando pela invenção do conceito de memória (inter)discursiva, a autora propõe que

a memória discursiva é, com efeito, um conceito que propõe, ao mesmo tempo, um desenvolvimento, um aprofundamento e quase uma alternativa àquela de formação discursiva, e que visa a ancorar a análise do discurso na história, integrando os tempos (curtos, médios ou longos) da memória no estudo da materialidade linguageira (PAVEAU, 2005, p. 2).

Nesse sentido, sem que entremos em muitos detalhes, é importante acentuar que a autora se fundamenta na noção de memória coletiva em vez do conceito de formação discursiva com a intenção de introduzir em suas reflexões a importância da cognição na propagação e preservação da memória, aspectos que encontramos em suas postulações sobre o nome próprio como designador brando. Para a autora,

a memória no discurso (...), sob sua forma discursiva ou interdiscursiva, está, com efeito, estreitamente ligada às condições sócio-históricas e cognitivas de produção dos discursos, aos dados extra-discursivos e, sobretudo, pré-discursivos que participam da elaboração e da circulação das produções verbais de sujeitos social e culturalmente situados. Trata-se de uma memória coletiva (idem).

Nesse ponto de vista, é possível começar a compreender o contorno do que a autora pretende construir em se tratando de nomes próprios: por circularem coletivamente e, dessa forma, adquirirem significados, os nomes evocam/fazem materializarem-se discursivamente questões memoriais por estarem constitutivamente unidos às condições sociais, históricas e cognitivas das práticas discursivas. Neste aspecto especificamente, reside grande parte do caminho que procuramos trilhar neste trabalho, já que podemos encontrar nomes que evocam sentidos memoriais nos jornais marianenses, nomes estes que nos auxiliam na compreensão da construção discursiva do imaginário sócio-discursivo de mineiridade na mídia impressa que estudamos. Assim, podemos citar como um exemplo paradigmático desta noção, o jornal *O Germinal* e sua relação de importância com o nome de D. Silvério Gomes Pimenta, importante figura religiosa mineira:

Completo-se a 29 do mês p. findo o nono aniversário da morte, sempre lembrada e sempre sentida, de extraordinário e insigne prelado D. Silvério Gomes Pimenta.

Este nome, dos mais ilustres e respeitáveis de toda Minas, vive indelével na memória não só de quantos o conheceram através de suas obras mas ainda de

todos que lhe sentimos de perto as flâmulas sublimes das excelsas virtudes e incomparável saber (O GERMINAL, 9 de setembro de 1931, p. 1).

No excerto, podemos notar o nome do prelado/arcebispo D. Silvério Gomes Pimenta em concomitância com o que sublinhamos acima: seu nome evoca sentimentos e memórias de seus feitos e a importância destes na sociedade mineira. Não é por acaso que o jornal afirma que o nome do religioso é um dos “mais ilustres e respeitáveis de toda Minas” vivendo “indelével na memória” do povo mineiro. Aqui começamos a vislumbrar que a categoria dos nomes está em pé de igualdade em seu aspecto de relevância a outras categorias que fazem funcionar o(s) discurso(s) de mineiridade. Por ser um importante católico, que marcou a origem do arcebispado da cidade, podemos nos reportar ao imaginário do mineiro que valoriza a religiosidade (em especial católica) no qual o discurso neste caso se apoia integralmente. O próprio jornal descreve não somente a pessoa do prelado/arcebispo, mas a importância de seu nome, aludindo a questões que nos remetem ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade, no que se refere à valorização da memória mineira.

Explorando um pouco mais o que Marie Anne-Paveau tem a nos acrescentar em relação aos nomes e sua relevância nos estudos do discurso, podemos ressaltar o conceito de distribuição em que a autora considera que “existem vários saberes e crenças, em suma, pensamentos e concepções, mas eles estão sempre articulados com o mundo exterior (...) e não somente encapsulados nos módulos internos (PAVEAU, 2005, p. 4). Assim, as significações são dadas por meio da articulação dos sujeitos com a sociedade, num processo que a autora denomina

processo de transmissão sincrônica e diacrônica de quadros pré-discursivos coletivos, esses últimos (conhecimentos enciclopédicos, crenças, emoções, percepções) sendo distribuídos de maneira colaboradora entre os agentes humanos e não-humanos graças aos organizadores psíquicos internos, mas igualmente externos (PAVEAU, 2005, p. 5).

Dessa forma, se retomarmos o excerto de *O Germinal* em que o nome de D. Silvério Gomes Pimenta é rememorado mesmo após anos de sua morte e carregado de adjetivos elogiosos, podemos compreender que as emoções evocadas pelos feitos do religioso estão intimamente ligadas ao seu nome. Por isso, compreendemos que, ao abrir espaço para a lembrança do aniversário de sua morte, o jornal não somente se posiciona em relação à relevância dos seus feitos, mas demonstra um dos atributos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade, a saber, a religiosidade católica, como constitutivo desse posicionamento discursivo, transmitindo, assim, os quadros pré-discursivos no que tange ao prelado/arcebispo.

Os quadros pré-discursivos apontados pela autora nos direcionam aos feitos do religioso bem como à religiosidade católica num continuum de valorização do nome do prelado/arcebispo que significa, além dos atributos já mencionados aqui, a própria ascensão de Mariana-MG à arquidiocese, na medida em que estava no exercício de seu bispado na cidade quando a ascensão ocorreu.

Segundo a formulação de Paveau, os nomes podem ser assim designados, pois ela se baseia em reflexões que consideram os aspectos cognitivos sociais como parte das “condições de produção” dos discursos vinculando-os a uma memória. Dessa forma, a autora amplia os conceitos de contexto e condições de produção levando em conta que os aspectos da cognição estão presentes nas produções e práticas discursivas. Acentuando que há duas abordagens dos estudos cognitivos, a autora aponta que a cognição “clássica”, ou seja, a individual e interna, não dá conta de demonstrar como esses funcionamentos discursivos se dão. Para ela, explicar a formulação não paradigmática da cognição constituída por aspectos interacionais é útil em análise do discurso, uma vez que aponta para um detalhamento teórico que auxilia na compreensão dos processos discursivos. É aqui que evoca a cognição social em termos de análise do discurso interligando-a aos pré-construídos⁴³. Segundo a autora,

é, sobretudo, o pré-constructo que está na origem da minha reflexão e todas as formas desses discursos ou representações “de antes”, isto é, antes de transposição em discurso que impregnam explícita ou implicitamente todas as nossas produções verbais: verdadeira floresta terminológica em que se misturam saberes compartilhados, conhecimentos enciclopédicos, postulados silenciosos, estereótipos, quadros, scripts, *frames* etc. (PAVEAU, 2007, p. 314).

De acordo com Paveau, entendemos que a importância da referência à noção de pré-construído é “o fato de que o pré-constructo (...) não depende da materialidade discursiva, e por isso não pode ser identificado como um conjunto de discursos concretamente proferidos, embora sendo linguisticamente passíveis de análise” (PAVEAU, 2007, p. 317). Sendo assim, não nos parece vedada a possibilidade de articulá-lo com o que a autora chama de pré-discursos, definidos como

⁴³ Repassando rapidamente pela noção de pré-construído em análise do discurso, podemos compreendê-la de modo elementar como “aquilo que remete a uma construção anterior e exterior” (BRANDÃO, 2002, p. 48) e que, articula-se com a materialização linguística/discursiva.

um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm papel institucional na produção e interpretação do sentido em um discurso. São quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção discursiva (...). Os pré-discursos não são sequências discursivas identificáveis (discursos que teriam sido produzidos antes, o que os aproximaria do discurso relatado e do dialogismo), mas quadros prévios tácitos, assinalados nos discursos atuais por um certo número de fenômenos (PAVEAU, 2007, p. 318).

Para nós, as noções de pré-discurso e pré-construído sobre as quais a autora disserta são compatíveis com o imaginário sócio-discursivo de mineiridade sobre os quais cremos que o(s) discurso(s) da mídia impressa marianense se apoia(m) e por meio dos quais se constitui/constituem. São crenças, saberes, dentre outras especificidades sociais nas quais se ancora toda uma construção discursiva. Essas especificidades que nos preocupamos em mencionar não são materializadas senão no universo (inter)discursivo. Por isso, aqui importamos pensar em quadros prévios tácitos que dariam aos nomes utilizados nos jornais marianenses toda uma carga significativa apoiada no que chamamos acima de imaginário sócio-discursivo de mineiridade constitutivo de um “‘reino de significações’ prévias” (PAVEAU, 2007, p. 325) cuja memória discursiva é requerida no processo de transmissão desses pré-discursos. A autora ainda preocupa-se, ao vincular os aspectos memoriais aos discursos por meio da cognição social, em denominar essa memória como “memória cognitivo-discursiva”. De acordo com o que postula, podemos ler:

Reconhecimento, laços de memória, emoções: eis aqui rapidamente esboçado o retrato de nossa memória cognitivo-discursiva. Reconhecemos facilmente que essa forma de “reconstrução”, longe de ser uma estéril e mecânica aplicação de elementos linguageiros pré-formatados, ou uma re-coleção de lembranças embalsamadas, é um verdadeiro modo de configuração do mundo no discurso (PAVEAU, 2005, p. 7).

Em outro momento em que relembra o aniversário de nascimento de D. Silvério, *O Germinal* ainda nos pode exemplificar discursivamente que o nome próprio pode evocar esses elementos pré-discursivos que se relacionam de perto com memória, emoções e reconhecimento por meio do seguinte excerto:

A funda admiração que sempre nos mereceu o inegalável prelado, cujo nome temam por título estas linhas, não nos permite esquecer, sem embargo dos annos volvidos, a data em que lhe festejava o anniversário de seu nascimento. (...)

As suas obras de benemerência, os seus feitos reveladores de entranhado amor à humanidade, gravaram no coração de todos o seu augusto nome. E assim o dia 12 de janeiro será entre nós sempre venerado, como se veneram os dias santificados (O GERMINAL, 24 de janeiro de 1932, p. 1).

Como podemos perceber, o jornal se vale de muitos adjetivos que afirma serem convocados pelo nome do prelado/arcebispo. Os feitos de D. Silvério também são rememorados como atos de amor que gravaram no coração do povo o nome do religioso. Nesse sentido, podemos compreender que os valores cristãos/católicos tão intimamente ligados ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade relembram o nome de D. Silvério sob os apontamentos teóricos de Paveau (2005) em relação às questões de memória. Neste caso, emoções e laços afetivos com o prelado/arcebispo bem como com elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade nos fazem relacionar a abordagem da autora com os usos do nome do religioso feitos pelo jornal.

Assim, podemos compreender que a abordagem postulada pela autora em relação aos usos de nomes próprios bem como a memória que eles evocam na mídia impressa marianense parece-nos fecunda neste trabalho. Para a autora, o nome próprio tem “capacidade de indicar vários referentes ao mesmo tempo, sem que se possa identificá-los sempre e atribuir-lhes uma ordem de prioridade” (PAVEAU, 2007, p. 327). É por isso que podemos entender que eles invocam os pré-construídos e transmitem os pré-discursos associados a eles. Por esse ângulo, como pudemos perceber com os exemplos que já mencionamos, os jornais marianenses parecem ser bastante produtivos, pois há muitos nomes que são (re)lembrados e rememorados invocando o sentimento de ser mineiro, ou, para sermos mais teóricos, aludindo ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade. *O Germinal* nos parece bastante recheado de exemplos em que os nomes próprios são parte constitutiva do(s) discurso(s) de mineiridade. Na edição de 15 de dezembro de 1932, podemos ver a notícia da mudança de nome de uma das cidades mineiras que ocorreu por ocasião da morte de um ilustre mineiro: Santos Dumont. Como podemos ver na notícia, o mineiro Santos Dumont foi motivo de orgulho por seus feitos com o vôo do 14-Bis descrito da seguinte maneira em *O Germinal* em notícia sobre sua morte:

Este feito do glorioso mineiro, que foi motivo de pasmo dos que presenciaram, lá na pátria das luzes, encheu-nos, a nós brasileiros de justo orgulho. Foi a

abertura promissora da navegação aérea, que o saudoso compatriota sonhara vir beneficiar a humanidade.

O gênio, que surgiu nas montanhas de mineiras, revelou aos franceses e ao mundo a possibilidade da travessia do espaço, sobre as asas de poderosas machinas velozes, vencedoras de largas distâncias. (O GERMINAL, 15 de dezembro de 1932, p. 4).

Por meio deste excerto, podemos perceber que Santos Dumont é visto pelo jornal como importante personalidade que, antes de evocar os aspectos de mineiridade, desperta o orgulho do ser mineiro por motivo de seu destaque na Europa. Além disso, reforça ainda a importância do avião por meio de seu nascimento em terras mineiras, lembradas no sintagma nominal “as montanhas mineiras”. Assim, por ocasião de sua morte, o jornal noticia que o município de Palmyra teria seu nome convertido em “Santos Dumont” em homenagem ao mineiro ilustre. Assim lemos,

O desaparecimento de Santos Dumont, do sábio descobridor da navegação aérea, abalou não somente a pátria de seu nascimento, mas ainda o mundo e sobretudo a França, que o acolhera e glorificara, em vida.

Muitas homenagens lhe têm sido merecidamente prestadas, entre as quaes figura singular e notável, a do povo e autoridades de Palmyra, berço do immortal Albert Santos Dumont, que numa prova de clavado civismo e veneração do maior de seus conterrâneos, pleitearam em bôa hora e conseguiram do Presidente Olegário Maciel a mudança para Santos Dumont, do nome da cidade de Palmyra.

Se já não estivesse indelével no coração de todos o nome do ilustre morto, ligado como está a uma das mais notáveis invenções do nosso século, tornalo-ia imperecível entre os brasileiros a magnífica lembrança do povo de Palmyra, lembrança que um nobre gesto do povo de Minas a seu glorioso filho, que tão alto elevou o nome de sua Pátria (O GERMINAL, 15 de dezembro de 1932, p. 4).

No excerto, lemos a notícia de que o município até então chamado Palmyra teria seu nome convertido em “Santos Dumont” por ocasião da importância do avião no decorrer da história. Santos Dumont é um nome que evoca certo sentimento de orgulho não somente por ter sido um brasileiro ilustre, mas porque, ao lado disso, é um *mineiro ilustre*. Corroborando essa assertiva, o jornal o descreve como “glorioso mineiro que foi motivo de pasmo dos que o presenciaram lá na pátria das luzes”, também o denomina “gênio, que surgiu nas montanhas de

Minas”, “imortal Alberto Santos Dumont”, “ilustre morto” etc. sendo que todas essas designações ao nome de Santos Dumont evocam não somente seus feitos na história da aviação, mas despertam o sentimento do orgulho do ser mineiro sob aspectos que se relacionam com o imaginário sócio-discursivo de mineiridade (chamamos a atenção especialmente para o aparecimento da expressão “montanhas de Minas” que remonta à geografia acidentada do estado). É importante salientar também que essa passagem ocorreu no ano da morte de Santos Dumont, o que nos remete à valorização dos mortos, constitutiva dos jornais marianenses uma vez que vemos frequentemente matérias que rememoram o aniversário de morte de muitos mineiros de destaque.

A mudança de nome da cidade de Palmyra para Santos Dumont também foi noticiada por *O Cruzeiro*, em que podemos ver igualmente um tratamento de respeito ao nome de Santos Dumont como importante personalidade à época:

Merece, entretanto registro especial, pela expressiva eloquência, do gesto, a significativa lembrança do povo da antiga cidade de Palmyra, no Estado de Minas Geraes, plantada nas fraldas da Mantiqueira em cujo azulino infindo de suas montanhas – grandes como foi Santos Dumont – veio à luz do dia a glória cuja perda a humanidade hoje deplora. O povo de Palmyra e suas autoridades, em empolgante movimento cívico, tão logo conhecido o rude golpe que feriu, num repente o Brasil, solicitou, por intermédio do seu Prefeito Jacques Gabriel Pansardi, ao Presidente Olegário Maciel, a mudança do nome de Palmyra para Santos – Dumont, no que foram prontamente atendidos (...).

Assim, o nome do glorioso patricio nosso, preside hoje, como um nome tutelar, a grande actividade do povo sandumonense, sem dúvida, legitimamente orgulhoso, como nós, da existência fecunda do gênio maior do século XX.

Foi, não há dúvida, essa homenagem melhor que a gente montanhesa poderia prestar á memória immortal de ALBERTO SANTOS DUMONT (O CRUZEIRO, 24 de fevereiro de 1933, p. 2).

Aqui podemos notar que, além de ser noticiada a mudança de nome da cidade, o excerto combina a notícia com elementos que se relacionam de perto com os aspectos do imaginário de mineiridade. A mudança de nome da cidade está aqui intimamente ligada aos ideais e aos elementos que fazem evocar esse imaginário, ou, como poderíamos denominar na abordagem de Paveau (2007), os pré-discursos e/ou quadros pré-discursivos. Podemos ver nas expressões como “fraldas da Mantiqueira”, “azulino infindo de suas montanhas” e “gente montanhesa”

clara menção aos aspectos que constroem o imaginário sobre o qual nos referimos. O nome de Santos Dumont e toda a sua trajetória podem ser facilmente depreendidos quando a notícia associa a mudança de nome da cidade à memória do aviator. Podemos notar que os “significados” atribuídos ao nome de Santos Dumont são bastante positivos devido às descrições e forma elogiosa como a notícia é veiculada. Assim, para nós, o nome de Santos Dumont nesses exemplares de *O Germinal* e de *O Cruzeiro* se aplicam à categoria de nome como designador brando de Paveau (2007), porque deles podemos ver derivados valores que podem ser atribuídos a um imaginário, um pré-construído sobre qual o discurso da importância de Santos Dumont, como mineiro destacável, se apoia e se constitui, a saber os aspectos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

O jornal *Voz de Marianna* também nos remonta ao uso do nome próprio como designador brando. Na edição de outubro de 1987 foi publicado um poema em alusão ao poeta Carlos Drummond de Andrade⁴⁴. No poema, Drummond é descrito como um importante mineiro e sua morte é lamentada. Transcrevemos na íntegra o poema de modo que possamos acompanhar sua construção discursiva e a maneira como elementos do imaginário sócio-discursivo são aludidos por meio do mesmo:

DRUMMOND!

Você partiu!/ Você vivia!.../ Vivia em tudo/ nas ondas do mar/ no sol brilhando/ nas estrelas iluminando./ Mas, você partiu.../ Você está distante sorrindo/ Vendo que todos choram./ Por quê?/ Por que você partiu?/ Você não é mais o mesmo Drummond/ Mas sua poesia será eterna/ Você que cantou a sua Itabira em versos e prosas./ Você que em 18 de agosto nos deixou indo para junto de Deus compor versos/ Mas como você mesmo disse: “Quero a paz das estepes/ a paz dos descampados/ a paz do Pico de Itabira./Agora serei eterno”/ Saudades DRUMMOND (VOZ DE MARIANNA, outubro de 1987, p. 7).

Além de chamar a atenção para um poeta de destaque que nasceu em Minas Gerais e, por isso, evocar o sentimento de orgulho de ser mineiro, o poema ainda chama a atenção para o local de nascimento do poeta em que podemos ver a valorização do estado de Minas Gerais e, além disso, podemos ver, logo abaixo que a autora do poema cita uma das produções do poeta

⁴⁴ Carlos Drummond de Andrade foi importante poeta brasileiro nascido em Itabira – MG no dia 31 de outubro de 1902 e faleceu aos 84 anos no Rio de Janeiro-RJ no dia 17 de agosto de 1987. Foi um dos mais importantes representantes do Modernismo no Brasil e foi, além de poeta, contista e cronista. (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Acesso em: 20 jan. 2017).

sobre sua cidade natal. Da mesma maneira, ainda destacamos o fato de o poema aludir à morte do poeta, tomando a fé cristã/católica como fundamento quando afirma que o poeta foi “para junto de Deus compor versos”. Ainda podemos ressaltar que o título do poema, o nome do poeta em tom de exclamação, dado ao sinal de pontuação, além de estar em letras maiúsculas que denotam sua evidência, também nos remete à rede de significações requerida nesse nome próprio e acreditamos ser aqui que repousa certa aplicação do referencial teórico de Paveau (2007) que assume o nome como designador brando, dotado de significações que se ancoram em saberes compartilhados sobre mineiridade.

Ademais desses textos citados até então com evidência nos nomes próprios como designadores de mineiridade, é importante mencionar, ainda que de relance, a importância de nomes como Tiradentes, Tancredo Neves e Aleijadinho que acompanham as produções discursivas da mídia impressa marianense por meio dos seus jornais e que nos evidenciam a importância desses nomes que corroboram o imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Para além desses nomes, ainda pudemos ver, no decorrer de nossa pesquisa, menções a Alphonsus de Guimaraens, à própria cidade de Mariana como depositária da memória de mineiridade, Monsenhor Horta, Arthur Bernardes, Antonio Carlos, Olegário Maciel, Dom Silvério, Dom Frei Manoel da Cruz (primeiro bispo de Minas Gerais) e tantos outros nomes citados nos jornais que estão diretamente vinculados com o imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Parece-nos, dessa maneira, bastante ilustrativo, ademais de tais nomes, utilizar com mais detalhamento as publicações de *O Germinal* (a respeito de D. Silvério, prelado/arcebispo de Mariana-MG e Santos Dumont) e de *O Cruzeiro* (na notícia sobre a mudança de nome da cidade de Palmyra) e de *Voz de Marianna* (no poema publicado sobre Drummond) como exemplos de nomes utilizados como designadores que evocam uma memória discursiva e que, além disso, “transportam” um imaginário de mineiridade num “reino de significações prévias” que não necessariamente estaria materializado discursivamente (não obstante esteja), confirmando a hipótese de Paveau (2007) no que diz respeito aos “pré-discursos como quadros anteriores, transmitidos de discurso em discurso através do tempo” (PAVEAU, 2007, p. 325). Nas ilustrações que utilizamos em relação à categoria dos nomes como designadores brandos, pudemos compreender, então, que as reflexões da autora sobre os nomes e seu elo com os quadros pré-discursivos nos podem servir de fundamento para os apontamentos que procuramos fazer neste trabalho. Por isso, esses quadros pré-discursivos que relacionamos com o imaginário sócio-discursivo de mineiridade, de acordo com a autora, “são quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (...), mas estão distribuídos no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção

discursiva” (PAVEAU, 2007, p. 318), o que nos autoriza a pensar que os nomes que apontamos neste trabalho representam e materializam discursivamente esses saberes e crenças especialmente no que se refere ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

3.2 A categoria das fórmulas: uma estratégia discursiva na construção do(s) discurso(s) de mineiridade nos jornais marianenses

A noção de fórmula tem sido explorada discursivamente no sentido de se relacionar a pequenas frases, *slogans*, sintagmas e termos que são tomados e retomados no discurso com o intento de compreender o espaço midiático e a organização das relações de opinião e poder. Tendo caráter interdiscursivo, “uma fórmula se caracteriza por seu uso maciço e repetitivo, sua circulação em um espaço público em uma conjuntura dada” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2016, p. 244). De acordo ainda com os mesmos autores, a fórmula se remete a um “sintagma nominal ou uma colocação de caráter neológico, que remete a uma noção, tendo exercido, no plano ideológico, um papel fundador e ativo em certa situação histórica” (idem). Para que tenhamos uma perspectiva mais pragmática do que se pode compreender por esse funcionamento do discurso, podemos citar alguns exemplos aleatórios como é o caso da fórmula “desenvolvimento sustentável”. Outras nos parecem vir à tona como é o caso de “globalização” e “ideologia de gênero”, para citar alguns exemplos contemporâneos, amplamente utilizadas no espaço midiático e que guardam em si algumas características específicas sobre as quais falaremos a seguir.

Nos jornais marianenses, encontramos expressões como “ideais de liberdade” e “democracia”, por exemplo, que podem de igual maneira ilustrar de alguma forma a categoria das fórmulas⁴⁵. Alguns sintagmas nominais que aparecem nos jornais nos chamam a atenção, mais precisamente, por seu caráter cristalizado (uma das características da fórmula discursiva sobre as quais falaremos ainda nesta seção) e procuraremos refletir sobre os mesmos. Assim, nesta seção do presente trabalho, pretendemos nos apoiar em Krieg-Planque (2010) com o fim de embasar-nos teoricamente em relação à noção de fórmula.

Krieg-Planque (2010) descreve a constituição das fórmulas em quatro elementos básicos (o caráter cristalizado, o caráter discursivo, o caráter de referente social e, aliado a este último, o caráter polêmico). No entanto, para que possamos introduzir essa noção, é interessante

⁴⁵ Embora conheçamos que as fórmulas de acordo com Krieg-Planque (2010) possuam quatro características elementares, nos baseamos nos propósitos da própria autora que situa a fórmula como uma categoria não inerte em que uma sequência possa ser denominada mais ou menos fórmula dependendo de suas peculiaridades, por isso, dado seu caráter claramente solidificado, esses sintagmas nos dão pistas de que há possibilidades formulaicas em nosso objeto de pesquisa.

reivindicar o que Voss (2011, p. 23) afirma em relação a essa prática nas construções discursivas. Para o autor,

de fato, se a fórmula evoca alguma coisa para todos os locutores de uma comunidade, é papel do analista verificar esse funcionamento de lugar comum que a fórmula exerce e, posteriormente, checar as incidências mais locais dos sentidos que se diferenciam segundo a circulação da fórmula em lugares mais específicos.

Assim sendo, é imprescindível para o analista compreender os estatutos da fórmula de modo que possa identificar seu acontecimento no universo discursivo. Para Krieg-Planque (2010)

por *fórmula*, designamos um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 9).

É por isso que num primeiro momento, podemos tomar os sintagmas “ideais de liberdade” e “democracia” como possibilidades de fórmulas em alguma extensão na mídia marianense. Se pensarmos, por exemplo, que os “ideais de liberdade” estão intimamente ligados ao imaginário do caráter libertário e ao comportamento do mineiro enquanto cidadão e enquanto ícone político de defesa da democracia, acabamos por entender que existe em alguma dimensão uma questão política cristalizada pelo termo. O mesmo pode-se dizer do termo “democracia”, já que um dos personagens mais importantes em relação à volta do regime democrático no Brasil foi o mineiro Tancredo Neves. Voltaremos a seguir a abordar esses sintagmas amparados por Krieg-Planque. Antes, no entanto, é preciso nos voltarmos para outros sintagmas nominais que despontam nos jornais pesquisados como é o caso de “velha cidade” (em referência à cidade de Mariana-MG e que evoca toda uma memória ancorada nos elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade) e “montanhas de Minas” - e seus desdobramentos - (que se refere à geografia do estado tendo, portanto, traços de importância memorial e social), por exemplo. Uma vez tendo caráter cristalizado, esses sintagmas nominais nos chamam a atenção visto carregar em si um dos caracteres da fórmula de acordo com Krieg-Planque, a saber, sua cristalização.

Apontando mais precisamente para os jornais marianenses, tomemos aqui alguns excertos que nos despertaram o interesse em relação ao seu caráter sintagmático e que, poderiam, portanto, configurar em alguma medida, uma possibilidade formulaica. Assim

temos: “Há quatro anos, D. Silvério fechou os olhos para esta vida na **velha cidade** de Mariana, que ele amou com carinho de pae e donde nunca o puderam tirar senão para visitar sua diocese” (O GERMINAL, 9 de setembro de 1931, p. 4) – grifo nosso. Outro excerto que nos despertou o interesse foi o seguinte: “era necessário que uma voz se levantasse dentro das **sagradas montanhas na velha cidade mater**, para completar essa harmonia de adesões sinceras” (O CRUZEIRO, 24 de fevereiro de 1933, p. 1) – grifo nosso. E ainda, em *O Germinal*, em matéria de capa/primeira página sobre Alphonsus de Guimaraens⁴⁶, encontramos:

De Alphonsus de Guimaraens, podemos afirmar: - foi um grande poeta, uma voz nóbre, uma alma cheia de música, um raro cantor, uma rara poesia. O Císne de Mântua talvez não o igualasse em sentimentos tão nóbres e tão altos como os do solitário cantôr místico da **velha cidade** (O GERMINAL, 30 de junho de 1953, p. 1) – grifo nosso.

Também notamos esse caráter sintagmático e cristalizado em *Voz de Marianna*, onde um poema, intitulado “Lembranças de Mariana” é publicado e trata da memória da cidade, citando seu caráter montanhês da cidade. Assim vemos em parte do poema: “É como se o tempo/ Não tivesse passando/ E tu fosses ainda/ Aquela mesma menina/ Nascida no ventre sagrado/ Das **montanhas de Minas**” (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 2) – grifo nosso.

Todos esses excertos em cuja construção discursiva podemos encontrar elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade se relacionam de certa maneira com o estatuto sintagmático das expressões que destacamos. Esses sintagmas guardam em si o estatuto cristalizado que nos remete ao funcionamento do(s) discurso(s) de mineiridade nos jornais marianenses por meio da categoria das fórmulas. No entanto, é preciso desenvolver um pouco mais o conceito de fórmula para que possamos levar em conta essas expressões de modo que tenhamos uma visão minimamente conveniente sobre essas expressões. Por isso, tendo a fórmula, como apontam Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 245), caráter discursivo “dá lugar a um número significativo de transformações e de variações parafrásticas”, tendo em vista que a fórmula circula com o apoio de certos **usos que lhe dão um caráter conflituoso ou problemático**, e com o apoio de acontecimentos ou de outros discursos que motivam sua utilização, que dão razões aos locutores para recorrerem a ela de uma maneira ou de outra. A ideia de que uma palavra possa “cair de paraquedas” nos discursos só poderia ser mantida se se

⁴⁶ Alphonsus de Guimaraens foi importante poeta mineiro, nascido em Ouro Preto - MG e um dos maiores representantes do Simbolismo no Brasil. Sua poesia leva consigo a religiosidade, especialmente católica. (ALPHONSUS DE GUIMARAENS. In: EBIOGRAFIA. Disponível em: https://www.ebiografia.com/alphonsus_guimaraens)

admitisse que existe também, em terra firme, no universo discursivo e axiológico do momento, um dispositivo pronto a acolhê-la e, se se pode dizer, a sua espera (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 43) – grifo nosso.

Por essa razão, embora não descartemos por completo as possibilidades formulaicas das expressões mencionadas acima, é preciso que haja estudos muito específicos ao apontá-las como fórmulas no sentido estrito da expressão, especialmente nos moldes de Krieg-Planque por consequência da importância que a autora dá ao elemento problemático/polêmico em sua abordagem. Nossa intenção aqui é compreender que existem reais características que podem (ou não) fazer com que vejamos tais sintagmas nominais relacionados ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade como fórmulas em alguns sentidos, como é o caso de quando frisamos de acordo com Krieg-Planque (2010) que, em se tratando de fórmulas, uma expressão começa a ser compreendida como tal quando significa alguma coisa para todos ao mesmo tempo. Porém, chamar a atenção para o fato de que a autora vincula esse caráter de referente social da fórmula à polêmica é essencial visto que nos sintagmas apontados vemos referência ao caráter memorial, sócio-histórico e geográfico de Mariana – MG e do próprio estado de Minas Gerais não tendo, no entanto, estatuto polêmico visivelmente envolvido. É nesse momento que a obra da autora intitulada “A noção de ‘fórmula’ em Análise do Discurso” se volta para o caráter polêmico de forma veemente já que trata de termos como “xenofobia”, por exemplo, o que nos leva a questionar tais sintagmas nominais em relação a serem genuinamente fórmulas especialmente sob a perspectiva de Krieg-Planque.

Essas reflexões sobre as propriedades da fórmula, no entanto, não nos levam a questionar sua eflorescência nos jornais marianenses uma vez que observamos a ocorrência de sintagmas como “ideais de liberdade” e o próprio substantivo “democracia” como estratégia de construção discursiva na mídia marianense. Assim, faz-se importante um exame mais criterioso com o fim de verificar suas (im)possibilidades formulaicas. Parece-nos, à vista disso, relevante lembrar que nos apoiamos em uma perspectiva do discurso que se constrói sobre o imaginário sócio-discursivo de mineiridade e que as fórmulas das quais trataremos neste trabalho evocam esse imaginário sendo, portanto, estratégias na construção discursiva da mineiridade da mídia marianense.

De acordo com Krieg-Planque (2010), depreende-se da fórmula sua circulação em sociedade que se une ao sentido que evoca no(s) discurso(s). Assim, se considerarmos que as fórmulas “não caem de paraquedas” nos discursos, a ideia de que circulam no universo sócio-discursivo soa bastante compreensível, visto que “invalidam a ideia de que os discursos são fechados em si mesmos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 54). A autora assevera que “colocar a

ênfase na circulação das fórmulas é sublinhar a abertura necessária de qualquer fala” (idem), ou seja, há dialogismo nessas operações que fazem funcionar o(s) discurso(s). Considerada essa questão da circulação de fórmulas, tomemos como exemplo o editorial de *Voz de Mariana* intitulado “*Vox Populi Vox Dei*”⁴⁷. Nele, o substantivo “democracia” aparece de forma veemente. Ali, “democracia” vem carregado de sentido e evoca a situação histórica da volta do governo democrático no Brasil e a escrita da nova Constituição que rege(ria) o país.

Como é normalmente conhecido, o termo “democracia” remonta à ideia de que o governo deve representar a maioria da população. É

importante salientar que o termo “democracia” passa a circular de forma (re)corrente no contexto midiático brasileiro em meados dos anos 80, quando há transição do período que representa o fim da ditadura militar para o regime governamental democrático. Nesse contexto, o elemento linguístico “democracia”, ao ser veiculado pela grande mídia, evoca uma série de acontecimentos históricos: o fim da ditadura, representado pela liberdade de expressão, o direito ao voto, o direito de ir e vir, e outros (SOUZA, 2011, p. 148).

Atentando para esses apontamentos sobre o termo, fica bastante claro em nossa pesquisa que dadas todas as características históricas sob as quais se encontrava o Brasil à época da publicação do editorial em questão, podemos compreender que “democracia” nesse contexto guarda em si referências às propriedades da fórmula das quais se ocupa o trabalho de Krieg-Planque. Aliás, é oportuno lembrar também aqui que o enunciado latino que testifica que “a voz do povo é a voz de Deus” condensa em si uma descrição da fórmula “democracia” que é exaustivamente abordada no editorial.

Por ver-se cristalizada e por significar à coletividade algo extremamente importante denotando seu caráter discursivo, adotamos neste trabalho a perspectiva de que a expressão “democracia” é uma das fórmulas que se sobressaem em nosso objeto de pesquisa. Isso, porém, não é suficiente se considerarmos que Krieg-Planque nos fornece ainda um estudo detalhado das quatro propriedades da fórmula. É importante salientar, entretanto, que o objetivo principal desta fase de nossa pesquisa consiste em apontar possibilidades formulaicas em nosso trabalho e focarmos nas quatro características que possam fazer delas mais ou menos fórmulas sempre apoiada nos apontamentos de Krieg-Planque. Ainda sobre isso, é interessante salientar que o

⁴⁷ A leitura do editorial que se encontra no anexo 7, além de útil para a análise feita nesta seção, também será útil na seção que reservamos ao funcionamento discursivo na categoria da destacabilidade, mais especificamente para o elemento da aforização.

caráter cristalizado (ainda que levemos em conta certas variantes dos sintagmas apontados) e as ocorrências desses elementos linguísticos postos em relação direta com os acontecimentos históricos foram os primeiros passos para que pudéssemos pensar nas possibilidades formulaicas dos termos.

Como a atenção da pesquisa foi voltada num primeiro momento para o caráter cristalizado de certos sintagmas que se repetem ao longo das publicações dos jornais pesquisados, vamos, a partir de agora, refletir sobre essa questão com vistas ao apontamento dessa característica nas expressões observadas. Assim, sobre o caráter cristalizado da fórmula, de acordo com a postulação da autora, “entendemos com isso que ela é sustentada por uma forma significante relativamente estável” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 61). Assim, a fórmula pode se apresentar como unidade lexical simples ou complexa tendendo sempre à cristalização (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 62). A autora também propõe alguns exemplos de fórmula. Para as definidas como unidade lexical simples, usa exemplos como “Perestróica”, “imigração”, e em nosso caso podemos considerar, como já apontamos acima, “democracia”. Para unidades lexicais complexas (também denominadas “palavra lexical”, “sintagma lexical” ou “sintagma lexicalizado”), a autora usa “direitos humanos”, por exemplo. Os sintagmas lexicais, neste caso, tomam posição de unidade léxico-sintática, e nas unidades léxico-sintáticas, a estabilidade é dada pela cristalização. Em nossa pesquisa pudemos encontrar o sintagma “ideal mineiro de liberdade” que pode ilustrar esse aspecto da fórmula.

Por isso, podemos entender que o elemento linguístico “liberdade” parece bastante produtivo nos sintagmas em que encontramos possibilidades formulaicas nos jornais marianenses e, além disso, evoca o sentimento do ser mineiro – quer seja o imaginário sócio-discursivo de mineiridade – em que a construção discursiva se apoia. Dessa forma, sintagmas como “ideais de liberdade”, “bandeira da liberdade”, “ideal de liberdade mineiro” podem ser encontrados nos jornais como, por exemplo, neste editorial de *Voz de Marianna*:

Foi também um sombrio mês de abril que a liberdade foi vendida ao opressor, por uma dívida antiga. E lançou sobre a colônia aquela densa nuvem de medo, quando balançou na ponta da corda lusa o **ideal mineiro de liberdade**. (...) Também o mês de abril nos trouxe a ansiosa **vigília da liberdade**, quando todo o País viveu agarrado aos instrumentos cirúrgicos do Dr. Pinotti que tentava, a custo de nossa ciência limitada, salvar o **novo ideal mineiro de liberdade** reencarnado em Tancredo Neves (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 2).

Consideremos ainda o texto do mesmo jornal sobre o qual já discorremos no capítulo que alude ao tema das representações de mineiridade em que o vocábulo “liberdade” aparece em relação ao(s) discurso(s) de mineiridade: “Nasce sob os signos da paz e da liberdade”⁴⁸ (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p.1). E ainda o texto de *O Germinal* em que encontramos:

Agora, após o calar dos canhões e da fuzilaria, teremos sem duvida, o predomínio das conquistas populares em sua plenitude. Depois de se haverem banhado os campos pátrios do sangue generoso de seus filhos, teremos, certamente, a felicidade do Brasil, a compasso com o imenso sacrifício oferecido à causa santa da **liberdade** (O GERMINAL, 31 de outubro de 1930, p. 1).

Podemos perceber ao longo da leitura desses excertos que os jornais se posicionam em relação à “liberdade” que retoma parte importante/integrante do(s) discurso(s) de mineiridade. O que nos chama a atenção aqui é que o termo “liberdade”, além de evocar questões alusivas ao ser mineiro, ainda parece ser produtivo no surgimento de sintagmas mais complexos e que se relacionam diretamente com os elementos discursivos de mineiridade apoiando-se, dessa forma no que chamamos de imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Consideremos brevemente os momentos históricos em que se deram esses discursos sobre os quais já discorremos anteriormente: a Revolução de 1930 em *O Germinal* e a Constituinte de 1987/88 em *Voz de Marianna*. São dois acontecimentos históricos que se relacionam de perto com a produção desses sintagmas, o que parece aproximar essa representação de mineiridade a eventos que a invocam de alguma maneira, já que remontam a certa tensão na sociedade em que o posicionamento do ser mineiro em relação à “liberdade” seja “necessário”. Assim, se vemos esses sintagmas e esses vocábulos circulando em momentos de tensão, podemos entender que existe aqui uma característica de fórmula, pois em certa medida “cristalizam temas sociopolíticos e assumem funcionamento polêmico”, o que ocorre porque “significa alguma coisa – mas não a mesma coisa – para todos, ao mesmo tempo” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 15).

Tratando, então, de “liberdade”, dessa “liberdade” sobre a qual os jornais mineiros abordam, é preciso salientar que a mídia jornalística marianense tem sempre a tendência evidente de se posicionar ao lado da participação de Minas Gerais em eventos históricos sempre

⁴⁸ Rememorando que este texto alude ao surgimento do jornal *Voz de Marianna*, tendo sido o primeiro texto publicado pelo jornal em sua primeira edição.

exaltando seus feitos e evocando, assim, elementos do(s) discurso(s) de mineiridade com a finalidade de validar tal posicionamento. Isso nos demonstra que os usos do elemento linguístico “liberdade” nos permitem compreender seu caráter discursivo, já que “a fórmula não existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 81). Dessa maneira, ainda de acordo com a autora, “o caráter discursivo da fórmula é o que resulta, na sequência, de uma certa utilização” (idem) do termo que é posta em funcionamento no discurso. Para que sejamos mais claros em relação ao aspecto discursivo da fórmula, consideremos então que

as fórmulas (como expressões sintéticas, textos curtos) condensam uma massa de discursos, formulações que se equivalem ou não (do ponto de vista de seu tratamento semântico), o que significa enunciar sentenças, sintagmas que carregam significações prévias e múltiplas (às vezes contraditórias) e marcam um posicionamento (MIQUELETTI, 2011, p. 69).

Em relação aos elementos constitutivos da fórmula, é possível notar, a partir dessas considerações, seus aspectos discursivo e referente social, na medida em que os termos destacados nos jornais se encontram necessariamente em uma construção discursiva que se insere no plano da sociedade mineira e brasileira. Assim, ao se reportar ao caráter de referente social da fórmula, Krieg-Planque (2010) adere à linha de que há significações múltiplas e às vezes contraditórias para as fórmulas. De acordo com a autora,

como referente social, a fórmula é um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento. Consideremos o óbvio: para que esse signo evoque alguma coisa para todos, é necessário que ele seja conhecido por todos (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 92).

Para a autora, o fato de haver significações múltiplas a uma expressão cristalizada no tocante ao seu significante coloca necessariamente a fórmula em um funcionamento discursivo que levanta polêmica em alguma extensão. Dessa forma, o caráter polêmico da fórmula,

é indissociável do fato de que ela constitui um referente social: é porque há um denominador comum um território partilhado, que há polêmica (...). A fórmula é portadora de questões sociopolíticas. (...) É porque constitui um problema, porque põe em jogo a existência das pessoas, porque é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais, que a fórmula é objeto de polêmicas (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100).

A autora ainda reforça a importância de que o termo seja conhecido por todos, ao afirmar que isso

implica também que esse signo seja atestado em tipos variados de discurso, tanto orais quanto escritos, especializados e leigos. Certas palavras e expressões dos vocabulários especializados, mesmo partilhando algumas características da fórmula (caráter polêmico e função de referente comum, mas só no seio de uma comunidade de práticas de saber), só são fórmulas se saem de seu domínio para invadir o corpo social (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 95).

Considerando essas observações e tomando a posição da autora quando afirma que a fórmula precisa sair do domínio de sua *formação discursiva*, sendo posta, então no universo discursivo, podemos considerar que termos como “liberdade” e “democracia” podem ser tomados como fórmulas nos jornais marianenses uma vez que circulam em diferentes domínios da sociedade e por serem constitutivos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade e todo o seu funcionamento discursivo.

Se continuarmos considerando o editorial de *Voz de Marianna* que se posiciona em relação ao que chama de liberdade, poderemos perceber certa inquietação em relação ao termo. Ao valorizar a “verdadeira” liberdade, coloca em pauta os “tipos” de liberdade em diferentes sentidos dados em pelo menos quatro pontos numa espécie de polêmica que rememora acontecimentos históricos dados em abril:

1 - o descobrimento do Brasil e o tolhimento da liberdade dos índios em relação à chegada do mundo civilizado. Sobre isso, o editorial questiona: “E onde foi a liberdade? Aquela liberdade selvagem, dourada pelo Deus Sol tropical das Américas? Quanto isso custaria? Algumas contas coloridas e quinquilharias diversas...” (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 2). É possível enxergar aqui uma crítica ao sistema colonial da chegada dos portugueses ao Brasil em relação à liberdade que os índios tinham. Essa liberdade apontada pelo editorial parece aludir ao tema da religiosidade católica em oposição à religião indígena haja vista a menção ao “Deus Sol” bem como ao “método” dos colonizadores para alcançarem seus objetivos.

2 – a Inconfidência Mineira e a repressão da conspiração por parte da coroa portuguesa, sobre os quais podemos observar o posicionamento do jornal no seguinte excerto: “Foi também um sombrio mês de abril que a liberdade foi vendida ao opressor, por uma dívida antiga. E lançou sobre a colônia aquela densa nuvem de medo quando balançou na ponta da corda lusa o ideal mineiro de liberdade” (idem). O ideal mineiro de liberdade neste caso se refere à pessoa de Tiradentes. Em outras palavras, Tiradentes, como ícone de representação de mineiridade é o próprio “ideal mineiro de liberdade”.

3 – O descobrimento do Brasil e sua relação com a libertação pregada pela fé católica. De acordo com o editorial, “nunca podemos esquecer que este país nasceu em um domingo de Páscoa, data magna da libertação para a cristandade, desde o Antigo Testamento. E assim, como na História Cristã, a Páscoa sempre representou vitoriosas comemorações” (idem). O enunciador retoma o acontecimento histórico do descobrimento do Brasil e o alia à liberdade do pecado adquirida, segundo a fé cristã/católica, por meio da ressurreição de Cristo. Percebe-se que o enunciador se utiliza desses dois acontecimentos históricos para ancorar seus ideais de um país livre que seria construído por meio da Constituição, que estava sendo redigida na época.

4 – o estado de saúde de Tancredo Neves e seu papel na transição do governo militar para o regime democrático e de voto popular. Em relação a isso, podemos observar o seguinte excerto, já mencionado acima:

Também o mês de abril nos trouxe a ansiosa e desesperadora vigília da liberdade, quando todo o país viveu agarrado aos instrumentos cirúrgicos do Dr. Pinotti que tentava, a custo de nossa ciência limitada, salvar o novo ideal de liberdade mineiro reencarnado em Tancredo Neves (idem).

Podemos ver aqui que Tancredo Neves é comparado a Tiradentes e chamado de reencarnação deste último, sendo, portanto, compreensível o sintagma “novo ideal mineiro de liberdade”. Assim, podemos entender que Tancredo Neves, de acordo com o texto em questão, equipara-se a Tiradentes no tocante à significação emblemática sob a ótica do imaginário/discurso(s) de mineiridade no edital em questão.

Esses quatro sentidos do termo liberdade que rememoram diferentes momentos da história brasileira e de Minas Gerais podem nos dar pistas do caráter de referente social dessa expressão bem conhecida em relação aos elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Assim, podemos (re)afirmar que “a fórmula, enquanto referente social, é um signo que evoca alguma coisa para todos em um dado momento. Ela é conhecida na medida em que designa alguma coisa. A fórmula refere: ela remete ao mundo” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 98). Essa é uma das razões pelas quais sugerimos que o termo “liberdade” parece produtivo em relação à categoria das fórmulas que se aproximam do imaginário sócio-discursivo de mineiridade, que funcionam como referente social e reforçam seu caráter polêmico, já que podemos perceber valores que criticam a opressão vivida nos referidos momentos históricos. Ainda sobre esse aspecto polêmico, chamamos a atenção para a maneira como o jornal constrói discursivamente certo questionamento a respeito da “liberdade”:

Que nossa liberdade não tenha preço. A que esperamos, não custaria apenas algumas arrobas de ouro que Portugal arrecadaria na Derrama. Não seria compensada com algumas arrobas atiradas às margens do Ipiranga pelos soldados de Pedro I; não seria aceita como endosso uma assinatura trêmula com uma pena de ouro, assumindo a tradução de medo e insegurança, acima dos ideais de respeito aos direitos humanos. Quanto custa a nossa liberdade? A vida de um alferes, ou a agonia de um povo? O sacrifício de uma nação? Quanto custa o nosso direito de sermos uma nação que floresce entre as demais, com seu brilho peculiar? Quanto nos custa este direito de brilhar? Lutamos agora para que a nossa liberdade e soberania não sejam vendidas por 100 bilhões de uma moeda verde que não conhecemos e que devemos a não sei quem (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p.2).

Considerando todos esses apontamentos encontrados no editorial, entendemos que o termo “liberdade” inscreve-se em um caráter polêmico (chamamos ainda a atenção para o questionamento sobre o preço da liberdade como constitutivo desse caráter). Podemos ainda corroborar essa assertiva com uma menção ao próprio editorial que declara com expectativa:

E em um abril de futuro, quem sabe vamos comemorar nossa total liberdade? Liberdade conquistada e não aquela que nos é vendida enlatada, com rótulo colorido, mas que no fundo é apenas alienante libertinagem que nos faz ainda mais passivos e dependentes. Algum dia teremos a liberdade de sermos nós mesmos. Nossa cabeça será livre de todos esses bombardeios ideológicos, de todas estas falsas demagogias e poderemos pensar em fazer deste País livre, de homens livres (VOZ DE MARIANNA, abril de 1987, p. 2).

É possível entender que o jornal se posiciona em relação a uma “liberdade ideal” que deve ser demandada pelo leitor. O jornal ainda continua:

E aí, neste dia jubilar, hastearmos, é claro a bandeira de Minas, que em Virgílio encontrou a frase que estava na garganta do povo, sem ser pronunciada. No dia em que comemorarmos a nossa libertação, os ventos livres desta terra soprarão o branco retangular que ostenta os dizeres: “Liberdade, ainda que tardia!” (idem)

Assim, pudemos notar não somente em relação ao termo “liberdade”, mas também, corroborando as noções de fórmula, o termo “democracia”

uma série de usos particulares, por meio dos quais a sequência assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é retomada, comentada, para

funcionar no modo ‘normal’ das sequências que nomeiam pacificamente e que usamos sem mesmo nos dar conta delas (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 82).

Essas palavras ‘ordinárias’ são colocadas no centro de um acontecimento discursivo e passam a ter caráter polêmico, o que as possibilita a passar para a condição de fórmula. Assim, a unidade linguística “liberdade” pode ser utilizada em qualquer segmento discursivo, mas adquire o caráter de fórmula quando é repetida e retomada pela mídia marianense. Para a autora, a proferição dessas palavras e/ou sequências torna-se “objeto de comentário – e motivo para a ação” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 84), o que podemos perceber de modo tangível nos jornais mencionados. Dessa forma, ainda que o acontecimento discursivo, ou o momento histórico, entre no esquecimento, a fórmula deixará traços nas memórias (idem). Se aplicarmos a acepção de Krieg-Planque (2010) afirmando que as fórmulas são objeto de discussão porque estão inscritas na história e em questões sociais, poderemos, enfim, pactuar com suas postulações e adotá-las em nosso trabalho. E ainda: se levarmos em conta todos esses aspectos mencionados pela autora, compreenderemos uma certa dimensão memorial da fórmula. Isso ocorre porque o uso da fórmula está sempre associado ao discurso – parece óbvio -, ligada e apoiada inevitavelmente, em nosso caso, no imaginário sócio-discursivo de mineiridade sempre repassado, fazendo emergir, dessa maneira, o(s) discurso(s) de mineiridade que buscamos nos jornais.

3.3 Uma reflexão sob o ponto de vista da destacabilidade, da particitação, da sobreasseveração e da aforização nos jornais marianenses

O fato de haveremos trabalhado até então com categorias que se valem do nível lexical e sintagmático (nominal) em seu emprego discursivo nos conclama a partir para o nível frasal com o objetivo de observar como os elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade se dão nesse aspecto. Assim, tomemos Maingueneau (2008) como ponto de partida.

Ao se reportar aos usos da citação, Maingueneau (2008) ocupa-se em fundir duas palavras para conceber um sistema denominado “particitação”. Essa fusão considera as palavras “participação” e “citação”. Esta última, em seus usos, de acordo com o autor, considera dois planos: o plano dos procedimentos e o plano dos lugares. No plano dos procedimentos, é interessante considerarmos que os critérios observados podem ser desde enunciativos até mesmo sintáticos, tipográficos, etc. Por outro lado, o plano dos lugares nos interessa de perto nesta pesquisa, pois diz respeito aos gêneros (que inclui o jornal, a imprensa e suas publicações) e os posicionamentos. Se nesta pesquisa o tema da mineiridade em sua esfera sócio-discursiva

é considerado nos jornais marianenses, a postulação de Maingueneau (2008) parece ser bastante produtiva, na medida em que no percurso da exploração do acervo nos demos conta dos processos de citação que são utilizados como estratégia da construção discursiva do imaginário de mineiridade. Assim, considerando a formulação do autor, podemos com confiança tomá-la como parte do escopo teórico deste trabalho.

Para Maingueneau (2008, p. 93)

a “participação” difere da citação prototípica, daquilo que geralmente vem ao espírito quando se fala de “discurso citado”: corte de um fragmento, explicitação de sua fonte, inserção em uma situação de comunicação de caso pensado em outra situação (com todos os problemas associados ao conflito de localização dêitica entre os dois espaços), **distância variável entre o mundo do discurso que cita e o mundo do discurso citado em função da estratégia de modalização que o relator adota** – grifo nosso.

Esta última parte do excerto é relevante, pois, como podemos perceber em certos pontos dos jornais explorados nesta pesquisa, as citações parecem se fundir com a construção dos textos como se o leitor do jornal estivesse em plena harmonia com os enunciados de modo que a “fonte” original fosse tacitamente conhecida de todos, o que se difere basicamente da citação prototípica. Assim, de acordo com o autor, alguns pontos são considerados relevantes no sistema de participação:

- O enunciado citado é memorizável e autônomo, por natureza ou por destaque de um texto.
- Pretende ser reconhecido como citação pelos destinatários, sem que o locutor citante indique sua fonte, e mesmo sem que ele afirme estar efetuando uma citação com ajuda de um verbo *dicendi* introdutor, de uma incisa, etc. O caráter de citação é marcado apenas por um desnível interno à enunciação, que pode ser marcado no plano gráfico, fonético, paralinguístico. (...)
- Pertence a um *thesaurus* verbal de contornos vagos, indissociável de uma comunidade que, precisamente, se define de forma privilegiada pela partilha de tal *thesaurus*. Por sua enunciação, o locutor citante pressupõe pragmaticamente que ele próprio e seu alocutário são membros dessa comunidade, que são tomados numa relação de tipo especular: o locutor cita o que poderia/deveria ser dito pelo alocutário e, depois, por qualquer membro da comunidade que age de maneira plenamente conforme esse pertencimento.
- Esse *thesaurus* e a comunidade correspondente implicam um *hiperenunciador*, que lhes dá sua unidade e cuja autoridade garante menos a

verdade do enunciado – no sentido estrito de uma adequação a um estado de coisas do mundo – e mais sua validade, sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade (MAINGUENEAU, 2014, p. 69 e 70).

Esses pontos indicados pelo autor facilitam de certa forma a visão dos jornais considerados neste trabalho e para que possamos ver como isso ocorre na mídia impressa marianense, em texto de abertura dedicado ao mês de novembro com suas datas de feriados nacionais que rememoram santos e mortos, o jornal *Voz de Marianna* aborda a importância da república e da democracia, fazendo uso duas vezes do fenômeno discursivo apontado por Maingueneau. De acordo com o que podemos ver na publicação sobre o “Dia de Todos os Santos”, comemorado ao dia 1 de novembro,

não é apenas a lembrança e o exemplo de um determinado santo que nos ajuda e orienta no nosso caminho de bondade; é uma comunidade inteira que nos induz a nos conscientizarmos do que é bom e do que é mau e a seguir a trilha que leva à **paz entre os homens de boa vontade** (VOZ DE MARIANNA, novembro de 1977, p. 1) - grifo nosso.

No excerto supracitado, percebemos claramente a presença de parte do discurso bíblico/cristão que narra a história da natividade. A passagem bíblica em que os anjos glorificam a Deus com a sentença “Paz na terra aos homens de boa vontade” pode ser encontrada no livro bíblico de Lucas, mais precisamente no capítulo 2, em que anjos aparecem para pastores de ovelha que trabalhavam e anunciam o nascimento do Cristo⁴⁹. Assim, ao notarmos a relação entre os dois textos (bíblico e jornalístico), nos remetemos ao que Maingueneau aponta como “adesão do locutor ao enunciado citado”, levando-nos a considerar ainda a formulação do autor que considera um “tesouro” de textos que circulam em determinada comunidade e que demonstram que os enunciatóres e seus alocutários são membros dessa comunidade. Nesse excerto, podemos notar a presença do texto bíblico e sua imbricação com o texto jornalístico que nos leva a postular que o enunciatóres fez uso proposital do texto com o intuito de que o leitor do jornal compreenda a intertextualidade/interdiscursividade com o texto cristão fundador. A propósito, Maingueneau pondera sobre a questão da participação bíblica e o texto bíblico, utilizando um exemplo que se assemelha de certa maneira ao excerto do jornal

⁴⁹ O texto ao qual nos referimos aqui, como dito acima, encontra-se no livro sagrado dos cristãos, a Bíblia. Iremos transcrevê-lo com o intuito de colocar o leitor do trabalho a par do texto bíblico: “Havia, naquela mesma região, pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: É que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura. E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (BÍBLIA, Lucas, 2, 8-14).

selecionado. O texto utilizado por Maingueneau, diferentemente do nosso, traz em sua construção a presença de aspas sem a citação do autor esperando, assim, do leitor que compreenda a sentença como de autoria bíblica. Em nosso caso, todas as marcas gráficas foram suprimidas, mas o “verdadeiro cristão” deveria identificar o discurso bíblico presente no texto. Dessa forma, “a particitação implica diretamente o hiperenunciador” (MAINGUENEAU, 2008, p. 102), Deus e/ou o livro sagrado do cristianismo católico que autentica o discurso do jornal marianense, prática discursiva que “leva logicamente ao desaparecimento das marcas de discurso citado: cabe ao leitor reconhecê-lo” (idem).

O jornal apresenta também o fenômeno da particitação na publicação de um poema que alude a Carlos Drummond de Andrade por ocasião de sua morte, ocorrida em agosto de 1987. O poema de autoria de Santa Cruz foi publicado na edição de setembro de 1987 e traz consigo algumas expressões que caracterizam bem elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade. O que nos chama a atenção, no entanto, é que a particitação pode ser identificada em alguns trechos do poema. Diferentemente do excerto demonstrado acima, no poema, a particitação ocorre entre aspas sem, porém, citar formalmente as fontes primárias dos excertos:

E na palma da mão os caminhos tortuosos, estradas de terra
 Caminhos percorridos com fadiga...
 E nunca haveria de esquecer que “tinha uma pedra no caminho”
 (...)
 A paisagem sinuosa das montanhas das Gerais, infantis colinas
 Onde vive um povo forte e orgulhoso, com “oitenta por cento de ferro nas
 almas” – os Homens de Ferro de uma Minas mãe e amiga...
 O desabrochar da “Rosa do Povo” na alma de ferro e coração de ouro
 Encantou... Como o eco do som de um sino percorrendo vales esquecidos.
 Encantou a todos o silêncio da montanha que o menino trazia em seus olhos,
 e a sua presença forte e incorruptível a “penetrar surdamente no reino das
 palavras” trazendo de lá a rara pérola pela vida lapidada, verso morno entoado
 pela “Boca de Luar”... (VOZ DE MARIANNA, setembro de 1987, p. 4).

No poema, além de observarmos certa narrativa da vida do poeta com expressões que evocam o sentido da mineiridade, representando-a em sua construção discursiva, também podemos notar que os trechos entre aspas referem-se a suas obras sem que haja, no entanto, citação nos moldes formais e tradicionais. No caso supracitado, “o locutor recorreu a uma particitação: ele não deixa claro (...) que se trata de uma citação, nem, *a fortiori*, quem é seu autor” (MAINGUENEAU, 2014, p.71). Dessa forma, espera-se que o leitor reconheça que os trechos entre aspas são parte da obra de Drummond. Se traçarmos um paralelo com os escritos

de Maingueneau e o fenômeno observado e identificado como particitação, podemos ainda lembrar que

o locutor que cita mostra sua adesão ao enunciado citado, que pertence àquilo que se poderia denominar um tesouro de enunciados de contornos mais ou menos fluidos, indissociável de uma comunidade onde esses enunciados circulam e que, precisamente, se define de maneira privilegiada por compartilhar tal tesouro (MAINGUENEAU, 2008, p. 95).

Assim, corroborando a tese de Maingueneau, podemos compreender que aqui repousa certa recorrência a um tesouro em comum e inerente ao mundo sócio-discursivo do locutor e seu alocutário, neste caso, o jornal *Voz de Marianna* e seu leitor. É imprescindível que compreendamos, então, que o tesouro ao qual o locutor recorre e a compreensão do mesmo por seu alocutário, sem que haja necessariamente recorrência ao autor das sentenças entre aspas, constitui o acontecimento da particitação. Assim, até o presente momento podemos notar a presença de particitação bíblica/religiosa bem como uma particitação que poderíamos classificar como literária uma vez que os excertos foram retirados de obras literárias de importante poeta brasileiro

Parece ser interessante retomar aqui que as particitações das quais trata Maingueneau evocam a noção de hiperenunciador, já que a mesma tem relação estrita com citações cujo autor não é especificado, como pudemos ver na menção ao texto bíblico no primeiro exemplo e nos trechos entre aspas no poema. Para Maingueneau (2008, p. 108/9), o hiperenunciador se relaciona de perto com a particitação, pois

se na particitação não há autor citado, é porque se trata fundamentalmente de uma forma particular de enunciação, em que o acordo entre as duas instâncias é tal que se faz inútil a presença de outras marcas de adesão ao PDV⁵⁰. O hiperenunciador aparece como uma instância que, por um lado, garante a unidade e a validade da irredutível multiplicidade dos enunciados do tesouro e, por outro, confirma os membros da comunidade em sua identidade, pelo simples fato de eles manterem uma relação privilegiada com ele.

Dessa maneira, parece interessante notar que tanto na publicação sobre o mês de novembro quanto no poema que alude a Drummond, confirmamos que existe relação entre os membros da comunidade e os elementos utilizados nas particitações. Isto é, parece que tanto o

⁵⁰ Ponto de vista.

texto bíblico e a narrativa da natividade quanto a obra de Carlos Drummond de Andrade são parte inerente da comunidade mineira, que reforça o pertencimento à mesma e o sentimento do ser mineiro e/ou de mineiridade. Parece que encontramos aqui o que Maingueneau (2008, p. 109), menciona em sua obra: o “espírito de um grupo”, um “*ethos* mais ou menos especificado (...). Particitar um verso de um poeta célebre corresponde a mobilizar uma instância de hiperenunciação inominável, aquela que dá sustentação ao patrimônio artístico, cultural, etc. de uma comunidade”, o que nos leva a considerar fortemente que os elementos de mineiridade em sua esfera de orgulho de ser mineiro, de orgulho de renomado poeta mineiro, podem se encaixar nessas particitações de *Voz de Marianna*.

Recobrando o que foi mencionado em relação à particitação no sentido de que não se assemelha a citações prototípicas em virtude de não necessitar de alusão ao autor original e participar da construção discursiva como um enunciado passível de reconhecimento por ocasião do tesouro compartilhado entre quem particita e seu alocutário bem como lembrando que a mesma, por se identificar com o tesouro, demonstra pertencer à mesma comunidade, parece importante perseguir os passos de Maingueneau introduzindo fenômenos discursivos como é o caso da aforização, pois, de acordo com o autor, “as aforizações são candidatas ideais à particitação. De fato, a maior parte das particitações são aforizações” (MAINGUENEAU, 20014, p. 70). As aforizações são apenas uma das “estratégias” adotadas pela imprensa moderna com fins de construção discursiva e posicionamento diante dos temas sócio-discursivos. Se levarmos em consideração que as mídias atualmente fazem uso de diversos instrumentais para chamar a atenção de seus leitores, podemos considerar esses usos e estratégias com o fim de refletir se eles de fato acontecem na mídia marianense pesquisada, em especial se levarmos em consideração que nosso objeto de pesquisa é relativamente antigo se apreendermos como modelo as mídias hodiernas.

Se tomarmos, então, como ponto de partida a reflexão de Lara (2013), deveríamos procurar entender que as mídias estão sempre manipulando de alguma forma as informações, ainda que não propositalmente (a autora toma Charaudeau como base para suas assertivas) asseverando que

as mídias detém uma considerável “margem de manobra”, ao selecionar a informação a ser veiculada – afinal, escolher anunciar uma notícia é fazê-la existir – operando recortes nesse material (decidindo o que será ou não excluído, as “vozes” que serão agenciadas ou, ao contrário, silenciadas) e dando-lhe uma organização específica entre outras possíveis (LARA, 2013, p. 8).

Dessa forma, não somente publicam em suas propostas aquilo que lhes interessa, mas tratam os fatos com os quais entram em contato da maneira como lhes convém em acordo com seus posicionamentos e, em nosso caso, mais especificamente, sob os parâmetros do que se representa como imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Sendo assim, cumpre-nos pensar nas possíveis formas de destacabilidade, aforização e sobreasseveração que podem aparecer na mídia marianense com o intuito de reforçar e materializar (discursivamente) o imaginário sócio-discursivo de mineiridade e o sentimento do ser mineiro. A autora continua sua formulação traçando um percurso que vai da destacabilidade à noção de aforização já que para ela, “nas mídias, os enunciados destacados surgem, via de regra, como ‘pequenas frases’, isto é, enunciados curtos e propensos a retomadas” (LARA, 2013, p. 9). Podemos aqui traçar um paralelo com os tipos de enunciados discutidos por Maingueneau (2006): os destacados e os destacáveis. Para fins de organização neste momento de nossa pesquisa, podemos utilizar a própria compreensão de Lara (2013, p. 10), segundo a qual “não se devem confundir enunciados *destacáveis* (sobreasseverações) com enunciados *destacados* (aforizações)⁵¹, uma vez que estes não são necessariamente provenientes de sequências destacáveis”.

Para Maingueneau, a sobreasseveração consiste em “uma modulação da enunciação que formata um fragmento de texto como destacável, como candidato a uma ‘destextualização’” (MAINGUENEAU, 2011, p. 15), logo uma possível aforização. Para ilustrarmos, podemos pensar no exemplo do poema publicado em *Voz de Marianna* por ocasião da morte de Carlos Drummond de Andrade. Ali, como visto acima, encontramos o enunciado “tinha uma pedra no caminho” claramente “destextualizado” de sua fonte original e (re)colocado em outro texto, numa outra construção discursiva. Seria bastante interessante analisar o poema original com o fim de averiguar mais precisamente a possibilidade de sobreasseveração e/ou destacabilidade desse enunciado, já que é um enunciado deveras conhecido. Para nós, no entanto, vale lembrar que o fato de o mesmo haver sido particitado nos leva a considerar fortemente a possibilidade de que foi sobreasseverado (visto que deva existir um grau de realçamento da sentença) e, posteriormente, aforizado no jornal demonstrando a importância do poeta mineiro. Assim, ao tomarmos a sobreasseveração neste trabalho, a primeira coisa que podemos considerar em sua denominação é que para que a mesma ocorra, é necessário um grau de *realçamento*. De tal realçamento, posteriores “citações” poderão vir a ocorrer em fenômenos de particitação e/ou aforização.

⁵¹ Trataremos de aforização logo adiante.

De acordo com Maingueneau (2014, p. 13) “não basta constatar que certas frases foram destacadas de um texto: deve-se considerar também como elas se apresentavam antes do destaque”. Portanto é o texto fonte que nos apresenta como essas sentenças aparecem e são (re)utilizadas/(re)colocadas na construção do(s) discursos(s). Assim, em enunciados que podem ser “destextualizados” de seus textos de origem repousa uma

sensação de destacabilidade: trata-se de enunciados que se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações) (MAINGUENEAU, 2014, p. 14).

O Cruzeiro apresenta um caso bastante curioso em relação a enunciados em que repousa certa “sensação de destacabilidade”. O jornal, como pudemos perceber ao longo da pesquisa, insiste na relevância da Revolução de 1930 como marco histórico de engrandecimento de Minas Gerais e desenvolvimento do país. De acordo com seu posicionamento político em relação ao evento histórico e a respeito do estilo de governabilidade do país em matéria intitulada “Pátria nova”,

continuássemos naquela política rotineira, que felizmente acabou, e chegaríamos aos 50 anos de proclamada a república sem que o Brasil soubesse o que seja república. Agora podemos afirmar que a pátria remodelando-se começa a fase verdadeiramente republicana.

O levante popular de 3 de outubro com victorioso desfecho a 24 deixou-nos lisonjeira esperança.

Não era possível continuar ainda aquella situação precária em que sofria o povo ludibriado pelo belprazer dos seus governantes defensores do próprio interesse” (O CRUZEIRO, 6 de dezembro de 1930, p. 2).

No trecho acima, podemos notar que o jornal critica o sistema político anterior, afirmando que o mesmo não era republicano a despeito de a república já ter sido proclamada. Deprendemos da leitura que a atuação da Revolução de 1930 foi benéfica para o país. O fato de Minas Gerais ter participado da mesma nos leva a compreender o motivo pelo qual o jornal insiste em difundir a positividade do papel do estado no acontecimento histórico. Esses três parágrafos primeiros do texto publicado antecedem um excerto que fora destacado na capa/primeira página daquela edição⁵² e que pode nos servir de ilustração do fenômeno de sobreasseveração e destacabilidade:

⁵² Ver anexo 4.

Se é lícito engrandecer e cobrir de louros os nomes dos gloriosos defensores da legalidade combalida, por cuja restauração trabalharam com efficacia, a nós mineiros seja grato homenagear as invictas personalidades dos Drs. Arthur Bernardes⁵³, Antonio Carlos⁵⁴ e Olegario Maciel, cujos sentimentos patrióticos a nação não poderá jamais pôr em dúvida (O CRUZEIRO, 6 de dezembro de 1930, p. 2).

O enunciado acima parece se salientar, destacando-se dos demais visto que encontramos nele certa possibilidade de destextualização. Tanto sua destextualização é possível, que acontece na capa/primeira página do jornal tendo sido destacado de seu texto fonte (encontrado na segunda página) para aparecer “isoladamente” em forma de destaque do jornal. Se considerarmos os moldes que constituem a sobreasseveração de acordo com Maingueneau (2014, p. 15) que nos declara que “uma sequência ‘sobreasseverada’ é relativamente breve, portanto, memorizável, e constitui uma tomada de posição do enunciador sobre uma questão polêmica”, podemos tomar o enunciado supracitado como um modelo de sobreasseveração uma vez que: i) é uma sequência simples; ii) demonstra o posicionamento político do jornal em relação a um evento histórico.

Na sequência, alguns elementos do imaginário de mineiridade são evocados. Podemos perceber nomes que são carregados de significado político e importância sócio-política (Antonio Carlos e Olegário Maciel) que nos remetem ao posicionamento político – atributo do imaginário de mineiridade – e a própria descrição de Minas, como sendo liberal num enunciado destacado em local privilegiado no jornal. A publicação em voga nesse exemplo, como já dissemos, se dá justamente em um momento histórico de grande tensão: a revolução de 1930, da qual Minas Gerais foi um dos personagens mais influentes. O jornal posiciona-se claramente em favor dos acontecimentos da revolução durante a construção do texto de onde foi retirada a sequência destacada e a utilização da sequência em posição de destaque na primeira página nos parece ser uma estratégia com o objetivo de evocar no leitor a importância dos elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade por meio do destacamento, chamando a atenção para a publicação em geral.

Assim, para Maingueneau (2006, p. 79), a sobreasseveração

⁵³ Arthur Bernardes foi político, governador de Minas Gerais, senador e deputado pelo estado além de ter sido o 12º presidente do Brasil (ARTUR BERNARDES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016).

⁵⁴ Antonio Carlos foi político, governador do estado de Minas Gerais, senador, deputado e ministro no governo de Venceslau Braz. Natural de Barbacena-MG, atuou no âmbito político nessa região do estado e veio de uma família mineira tradicionalmente envolvida com questões políticas (ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016).

é relativamente breve, de estrutura pregnante no plano do significante e/ou do significado; está em posição relevante no texto ou em uma passagem do texto [geralmente no início ou no final do texto], de modo a lhe atribuir o estatuto de um condensado semântico, o produto de uma espécie de sedimentação da realização do discurso; é tal que sua temática deve estar em relação com o intuito do gênero de discurso, do texto em questão: trata-se de uma tomada de posição no interior de um conflito de valores; implica um tipo de amplificação da figura do enunciador, manifestada por um *ethos* apropriado.

Insistindo na maneira como a sentença em questão foi (re)colocada na capa/primeira página do jornal, podemos adotar ainda a visão de Maingueneau (2014, p. 18) que atesta que

a frase que é destacada de um texto pode muito bem permanecer em sua vizinhança. (...)

Na imprensa escrita, acontece frequentemente que na primeira página ou na capa se encontrem frases entre aspas cujo texto-fonte se encontra numa página interna. Neste caso, estamos (...) em uma lógica de destacamento “fraco”.

Mencionar aqui classificação do enunciado como destacamento fraco requer que conheçamos o que o autor explora em termos de destacamento forte. Convém atentar à característica mais evidente do destacamento fraco para que possamos entender o destacamento forte: no destacamento fraco, o enunciado permanece na “vizinhança” de seu texto de origem. Assim, “quando há destacamento ‘forte’, em regra geral, o texto-fonte não é acessível ao leitor ou ao ouvinte” (MAINGUENEAU, 2014, p. 19). Interessante notar que nos jornais pesquisados para a construção deste trabalho, vimos a presença de algumas “citações” que foram destacadas de seus textos originais sem que, no entanto, tenhamos acesso ao texto original. É possível que estejamos tratando de destacamentos fortes, nesse caso, pois para que uma sentença seja considerada como destacada nesse molde sem que tenhamos acesso imediato à mesma em seu texto original, não é necessário que seja “participada” (sem que o autor e/ou as circunstâncias da enunciação sejam especificadas) ou mesmo esteja na “vizinhança” de seus textos originais, como é o caso das sentenças de destacamento fraco. Maingueneau (2014) fornece uma série de amostras em que revistas e jornais impressos se utilizam de sentenças cujos autores e/ou circunstâncias são devidamente esclarecidas ao leitor sem que, no entanto, se trate de mostrar ao mesmo o (con)texto original do enunciado.

O caso ao qual nos referimos e que pode ilustrar essa observação de Maingueneau trata-se de uma sentença de Benedicto Valladares⁵⁵, dita em entrevista ao jornal *Estado de Minas*⁵⁶ e que é posta em destaque por *O Cruzeiro*⁵⁷ em sua capa/primeira página. No topo da página encontramos (em referência à nomeação do então novo prefeito de Mariana-MG):

A nomeação do actual prefeito de Marianna obedeceu ao desejo de servir áquella velha cidade, cujos interesses estão intimamente ligados ao Arcebispado, que lhe tem proporcionado innumerados benefícios. O prefeito Dr. JOSAPHAT MACEDO, é amigo de D. HELVÉCIO GOMES DE OLIVEIRA e estou certo de que fará uma administração á altura dos intuitos que o elevaram áquelle posto de confiança”. (Palavras do Exmo. Interventor, Dr. Benedicto Valladares, ditas em entrevista, ao “Estado de Minas”) (O CRUZEIRO, 19 de fevereiro de 1934, p. 1) – grifos do autor⁵⁸

O fato de o enunciado se encontrar em posição de destaque chama a atenção visto que a nomeação do prefeito da cidade ocorrida naqueles dias é notícia no jornal que vem (re)utilizando a sentença de Benedicto Valladares dita em entrevista em outro jornal com o fim de legitimar a importância da nomeação e da própria notícia que aborda o tema na edição. Além de servir de amostra para que ilustremos um destacamento forte (visto que não temos acesso imediato ao texto original), mostra que o jornal está ligado ao mundo político da época e se posiciona em relação ao mesmo. Também como exemplo desse tipo de sentença em destaque, salientamos ainda *O Cruzeiro* na edição de 19 de setembro de 1934⁵⁹ que destaca a sentença de Josaphat Macedo em discurso que saudava Benedicto Valladares na prefeitura em que vemos um caso típico de destacamento forte visto que o (con)texto original da proferição da sentença originalmente dizendo não está acessível ao leitor, mas a sentença foi destacada e nos serve de exemplo prototípico desse tipo de funcionamento do discurso na mídia impressa marianense:

Marianna desperta, graças ás benemerências do governo do Estado e ao patriotismo dos seus filhos; desperta da imaginação contemplativa para a trepidação da vida moderna; e será grande economicamente, como já o é pela

⁵⁵ Benedito Valadares Ribeiro foi importante político e governador de Minas Gerais de 1933 a 1945. Sucedeu Gustavo Capanema no governo do estado. (BENEDITO VALADARES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia foundation, 2015).

⁵⁶ A entrevista é mencionada na citação pelo jornal *O Cruzeiro*.

⁵⁷ Para compreender a disposição da sentença no arranjo da página de abertura do jornal, consulte o anexo 8.

⁵⁸ O trecho foi copiado exatamente como encontrado no jornal no que diz respeito às letras maiúsculas e aos sinais gráficos, a saber as aspas e os parêntesis. Como não temos acesso à entrevista original do jornal *Estado de Minas*, não conseguimos a informação sobre qual foi o veículo que destacou os nomes com letras maiúsculas. Ainda assim, o fato de estarem destacadas nos leva a considerar que tais nomes são importantes ícones que se referem à mineiridade, um religioso (D. Helvécio, primeiro arcebispo de Mariana-MG) e um político (Dr. Josaphat de Macedo, prefeito nomeado na década de 30). Ainda em tempo, podemos observar que o enunciado foi cuidadosamente selecionado/destacado de acordo com o interesse da publicação já que o jornal noticia a nomeação do então novo prefeito da cidade e se posiciona favoravelmente à mesma.

⁵⁹ Ver anexo 9.

sua cultura, pela fé, pela tradição, na sua história refarta de heroísmos – trecho do discurso do dr. Josaphat Macedo, na Prefeitura Municipal, saudando o exmo. Dr. Benedicto Valladares (O CRUZEIRO, 19 de setembro de 1934, p. 1)

Como podemos ver, este é um caso especial de destacamento forte em que podemos observar a presença de expressivos elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Além do caso típico do funcionamento discursivo do qual tratamos nesta seção, ainda podemos observar a menção à cultura da cidade de Mariana – MG em clara valorização à mesma bem como vislumbramos a menção à fé, à tradição e à história em uma dimensão memorial e laudativa em relação à região demonstrando com isso que os elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade são materializados discursivamente nesse funcionamento.

É interessante mencionarmos que os enunciados sobreasseverados em seus textos-fonte e os enunciados destacados nos remetem a outro funcionamento do discurso para o qual apontamos acima de modo bastante superficial e que nos ajuda a compreender a construção discursiva dos jornais marianenses. Trata-se da aforização (os próprios casos mencionados nos dois últimos exemplos podem ilustrar essa categoria também). Dessa maneira, se “por definição, sobreasseverar é antecipar um destacamento” (MAINGUENEAU, 2014, p. 16), somos levados a ponderar que uma das formas de se destacar um enunciado é fazendo uso da aforização.

A partir dessa ideia, passaremos a pensar na noção de aforização tal como tomada hoje pelos estudos discursivos de origem francesa. É preciso considerar, destarte, que um enunciado sobreasseverado pode ser aforizado (muito embora nem todas as aforizações foram sobreasseveradas em seus textos originais⁶⁰) e assim, a aforização, em termos de mídia impressa, é “um enunciado destacado de um texto que (...) transforma-se em título, subtítulo ou legenda de foto, com o objetivo maior de atrair o leitor para uma dada matéria ou publicação” (LARA, 2013, p. 7). Para a autora,

sobreasseverada ou não, a aforização pode sofrer – e frequentemente sofre – nos textos midiáticos deformações, malentendidos e deslizamentos de sentido (...). Isso mostra que a passagem de um fragmento de texto à aforização

⁶⁰ Sobre isso, podemos considerar ainda o que o autor menciona em relação à aforização e sua relação com a sobreasseveração: “Muitas frases célebres que circulam no âmbito da cultura não foram sobreasseveradas em seu texto fonte”. Assim, mesmo sem ter sido destacada em sua origem, uma expressão pode colocar em evidência uma sequência. O autor reserva ainda espaço para diferenciar alguns tipos de aforização: as aforizações destacadas por natureza e o conjunto heterogêneo de aforizações destacadas de um texto que possuem enquadramentos diferentes para orientar sua interpretação (MAINGUENEAU, 2011, p. 16).

modifica profundamente seu estatuto pragmático e, conseqüentemente sua interpretação (LARA, 2013, p. 10).

Embora a autora ateste corretamente que as aforizações podem modificar o sentido e a pragmática de um enunciado, cremos que nem sempre elas se direcionem nesse sentido (pelo menos em nosso objeto de pesquisa). Vale lembrar a “citação” de trecho da entrevista de Benedicto Valladares que mencionamos acima. Ali, embora o propósito da citação/aforização não seja destacar o enunciado simplesmente por destacá-lo, visto que o jornal noticia a nomeação de Josaphat Macedo à prefeitura de Mariana-MG demonstrando claro posicionamento político, entendemos que o uso do enunciado não modifica diretamente seu sentido e/ou sua interpretação. É claro, porém, que o fato de encontrar-se ali tal enunciado e não outro demonstra clara intenção de apoiar a nomeação do prefeito, com o intuito de “convencer” o leitor do mesmo, como já dissemos. O que estamos tentando dizer, no entanto, é que tal “citação” não está no molde de um “engodo” necessariamente, como podemos perceber em alguns casos da mídia atual (dos quais a autora trata justamente), mas encontramos ali uma frase “isolada”, posicionada propositalmente com objetivo claro e certa alteração pragmática já que as condições enunciativas são/podem ser diferentes no tocante ao texto original e na publicação do jornal. Sentenças ocorridas nesses moldes, podemos denominar aforizações.

Compreendemos a aforização, dessa forma, como um fragmento enunciativo retirado de seu texto-fonte ou texto de origem e utilizado em outro momento enunciativo ou mesmo como parte constitutiva do seu próprio texto de origem, de modo a chamar a atenção do destinatário. Assim, o fenômeno da aforização ou, como denominaria Maingueneau (2011), enunciação aforizante, parece bastante recorrente na mídia impressa e, mais especificamente, nos jornais impressos. Segundo Lara (2013, p. 7), o fenômeno da aforização “nos leva a formular a hipótese de que a aforização, em textos midiáticos, é um recurso para **manipular o leitor**, uma vez que os jornalistas, no processo de destacamento, podem – e frequentemente o fazem – alterar o que foi efetivamente dito no texto original” – grifo nosso. A possível manipulação do leitor, em nossa visão, se relaciona com a tomada de posição dos veículos jornalísticos bem como com a intenção do enunciador ao fazer uso desse funcionamento do discurso. Para que possamos ilustrar de modo simplificado, consideremos ainda o exemplo mencionado em relação à nomeação do prefeito de Mariana-MG: o enunciador (no caso, o jornal) demonstra claramente sua intenção de convencer o leitor de que a nomeação do prefeito seria boa para a cidade; para isso, faz uso de um enunciado retirado de uma entrevista dada a outro jornal (texto de origem) e o coloca em posição de destaque, evidenciando seu posicionamento político. Neste caso, cabe

retomarmos Lara (2013, p. 11) no que se refere aos papéis dos sujeitos da enunciação quando tratamos de aforização:

(...) as aforizações funcionam, no nível discursivo, como um poderoso recurso de que o enunciador se vale para persuadir o outro (enunciatário). Nunca é demais lembrar que enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis actanciais de destinador e de destinatário do objeto “discurso”. Assim, o enunciador coloca-se como destinador-manipulador, responsável pelos valores veiculados no discurso e capaz de levar o enunciatário – seu destinatário – a crer e a fazer.

Evocando em seu trabalho a noção enunciação aforizante, Maingueneau (2011) afirma que esta se diferencia pelo fato de guardar uma constituição mais pragmática em que um fragmento de enunciação e/ou uma frase pode ser utilizado/a em diferentes contextos sofrendo certa alteração de sentido (no caso supracitado, parece que a alteração de sentido não se deu de maneira evidente, mas a constituição pragmática da sentença aforizada parece ser de um tom bastante relevante – como já insistimos acima, a intenção do enunciador ao fazer uso desse funcionamento do discurso). Assim, é importante destacar que, para Maingueneau (2011, p. 17), a aforização não entra na lógica do gênero de discurso (muito embora faça parte desse gênero), antes “é preciso tomar consciência da *pretensão ilocutória* ligada à aforização, que é ser uma fala ‘ab-soluta’, sem contexto, convocada em um texto que, ele mesmo, não é ‘ab-soluto’”.

Ainda de acordo com Lara (2013) e com Maingueneau (2011), as aforizações podem ser compreendidas em duas extensões: as aforizações primárias, que seriam aquelas “desprovidas” de texto fonte, nas quais se encaixariam os provérbios, por exemplo; e as aforizações secundárias, nas quais se demoram os trabalhos dos autores, já que são mais utilizadas na mídia atual. Estas últimas seriam enunciados destacados, especialmente com destacamento fraco, que chamariam a atenção do leitor de alguma forma.

No editorial da edição de agosto de 1987 que está no anexo 7 deste trabalho, o jornal *Voz de Marianna* nos fornece um importante indício de que a aforização primária é utilizada como uma de suas ferramentas de construção discursiva. O ditado latino “*Vox Populi Vox Dei*” encontra-se no topo do texto, logo abaixo da palavra “editorial” que aparece em letras maiúsculas indicando que aquele provérbio é parte do editorial daquela edição. Como vimos, Maingueneau (2011) afirma que a aforização, e no caso em questão, o provérbio latino, não entra na lógica do gênero do discurso. O fato de haver sido colocado no topo do texto, entre aspas e com um sinal de exclamação indica que a aforização não se encaixa diretamente na

construção discursiva do editorial, mas ilustra e/ou engloba todo o conteúdo do mesmo. Como é importante mencionar, o editorial foi escrito à época da Constituinte⁶¹ dando-nos pistas de que tanto o editorial quanto o provérbio utilizado para “introduzi-lo” demonstram o posicionamento político do jornal em relação ao que acontecia no Brasil àquela época. Assim, afirma o jornal no texto em questão em clara tomada de posição em relação ao que esperava da Assembleia Constituinte: “Entramos em um período de redescoberta dos princípios de Democracia. Um conceito que nos acompanha desde a descoberta do Brasil sempre deturpado, sempre escondido em páginas de manuais esquecidos” (VOZ DE MARIANNA, agosto de 1987, p. 2). Para o jornal, então, a democracia até o momento em que enunciava não ocorria nos moldes considerados ideais, uma vez que aquele era um momento de redescoberta. Para o jornal,

O povo Brasileiro pouco a pouco vai descobrindo seus direitos, tomando consciência de seus passos, ampliando o seu ideal de Nação. E nesta reconquista de vez e voz, o povo, antes objetivo passivo da ação do governo, de seus desmandos e abusos, tornou-se ou vem tornando-se sujeito da ação de governar. Finalmente a ciência política no Brasil evolui o suficiente para adotar um sistema de governo onde a força do povo é a última palavra, é o voto decisivo em resolver seus problemas. **O povo é soberano ao decidir seu destino** (idem) – grifo nosso.

Nesse excerto, começamos ver que o jornal une o conceito de democracia ideal bem como a importância da conquista da democracia à participação popular nos assuntos governamentais. Embora o jornal articule a noção de participação popular nas questões de governo à “responsabilidade” do povo pelo político eleito, o que nos interessa aqui num primeiro momento é o enunciado destacado por nós, uma vez que o mesmo introduz a ideia do provérbio latino posto em destaque no editorial. Assim, quando unimos a democracia à soberania do povo abordada pelo editorial ao provérbio que significa “A voz do povo é a voz de Deus”, podemos entender que o jornal se utiliza de um hiperenunciador que autentica seu posicionamento em favor da soberania popular. Além disso, note como se constrói o último parágrafo do editorial, atentando especialmente à última sentença:

⁶¹ A Assembleia Nacional Constituinte de 1987, também referida como Assembleia Nacional Constituinte de 1988 ou como Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988, foi instalada no Congresso Nacional, em Brasília, a 1º de fevereiro de 1987, com a finalidade de elaborar uma Constituição democrática para o Brasil, após 21 anos sob regime militar. Os trabalhos da Constituinte foram encerrados em 22 de setembro de 1988, após a votação e aprovação do texto final da nova Constituição brasileira (ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017).

Que nós brasileiros saibamos nos preparar para exercer esta difícil tarefa de supervisores da máquina administrativa. Que tenhamos força e união na hora de cobrar de nossos representantes municipais, estaduais ou federais os serviços e obras que necessitamos e que tenhamos forças para punir aqueles que nos desagradam ou que se mostram contrários às nossas aspirações e interesses. Tenhamos alma coletiva, fortalecido conceito de Nação e, ombro a ombro, vamos lutar em defesa de nossos direitos. “Vox populi, Vox Dei!” – a voz do povo é a voz de Deus (VOZ DE MARIANNA, agosto de 1987, p. 2).

Nota-se que no fechamento do editorial, a responsabilidade do povo em escolher seus representantes governamentais bem como em supervisionar e requerer suas necessidades está diretamente vinculada à “alma coletiva”, ao “sentimento de nação” e à luta popular que acontece “ombro a ombro” numa clara convocação de coletividade e de sentimento de pertencimento a um povo. Assim, ao fechar o editorial com o provérbio, o jornal atesta a importância dessas ações de acordo com seu posicionamento. Além de mencionarmos essa possibilidade hermenêutica, também relembramos aqui as reflexões de Maingueneau (2014) que tratam de compreender os enunciados destacados como aqueles que condensam a ideia principal de um texto bem como normalmente aparecem como generalizações. Assim, podemos pensar que a “saliência desse fragmento é assegurada pelo fato de que se trata da última frase do texto, que condensa a tese defendida no artigo. Enunciado generalizante, propõe uma norma em tom ligeiramente solene” (MAINGUENEAU, 2014, p. 15), característica que podemos encontrar facilmente em *Vox populi Vox Dei*.

Ainda em relação ao enunciado latino de que estamos tratando, é importante mencionar que a temática da mineiridade pode não aparecer no enunciado de modo efetivamente clarificado, porém é possível convocá-la quando relembramos do mineiro como bom político e como um povo que se preocupa com as questões políticas no país que, de certa maneira evoca os ideais que materializam o imaginário sócio-discursivo de mineiridade ao vincular o provérbio àquilo que se espera do povo mineiro em termos políticos. Com isso, podemos reafirmar que o jornal se vale da aforização como estratégia de construção discursiva de sua mineiridade imanente quando se apoia nos elementos que favorecem os ideais democráticos e políticos que se constituem parte do imaginário de mineiridade. Ou seja, a voz de Deus (um valor que se supõe ser absoluto e detentor de benignidade - democracia) deve ser interpretada como a vontade do povo, por sua vez responsável por suas escolhas políticas. Dessa forma, os elementos discursivos, usualmente utilizados para reforçar a ideia na qual um discurso se apoia – e aqui nos remetemos aos ideais democráticos e políticos constitutivos do imaginário sócio-

discursivo de mineiridade - constroem com ele uma relação de unidade e concordância, remetendo a uma memória do que esse enunciado aforizante evoca. O sentido se dá por meio da própria aforização em articulação com a enunciação da qual ela constitui parte inerente. Não é possível, portanto, utilizar um provérbio que evoca determinada memória caso a temática discursiva em questão não o requeira. Assim, as aforizações destacadas por natureza

definem um modelo que deve se aplicar a um número indefinido de situações, a partir do momento em que essas situações são categorizadas como provenientes desse modelo. O destinatário é então forçado a buscar na situação que partilha com o locutor os elementos que supostamente teriam tornado possível a enunciação (MAINGUENEAU, 2011, p. 19).

Para Maingueneau (2011), as aforizações são parte do espaço midiático e os que entram em contato com esse espaço possuem saberes enciclopédicos para interpretá-las. Segundo o que postula o autor, “as aforizações participam do que poderíamos chamar de um ‘regime de atualidade’, o que significa dizer que são interpretáveis no interior do vasto interdiscurso do ‘o que se diz’, capaz de alimentar as conversas rotineiras, os fóruns na internet ou os debates televisivos em um dado momento” (MAINGUENEAU, 2011, p. 23). O provérbio do qual o editorial se serve vem carregado de uma memória que possibilita sua leitura apropriada ao texto, já que faz parte de um coletivo social em que “a aforização é sustentada por uma memória coletiva de longo prazo” (MAINGUENEAU, 2011, p. 24). Podemos então compreender que para Maingueneau (2011) a aforização é parte de um tesouro/thesauro comum entre os sujeitos sócio-discursivos que funciona em um regime memorial que se dá, dentre outras maneiras, por um enquadramento sapiencial.

Segundo o autor, “o enquadramento ‘sapiencial’ não inscreve a aforização em um acontecimento, mas a apreende como ponto de vista de um sujeito” (MAINGUENEAU, 2011, p. 24). Assim, dá-se em duas vertentes: a moralista e/ou a hermenêutica. No caso em questão, podemos considerar que o enquadramento dessa aforização se dá no nível hermenêutico em consideração ao que já mencionamos a esse respeito, mas o tom solene também pode ser apreendido ao observarmos a relevância sócio-histórica do momento em que o editorial foi escrito, bem como o modo como o mesmo valoriza os ideais de democracia amplamente advogados pelo jornal. Se considerarmos ainda a maneira como o provérbio foi posicionado no texto, com o intuito de condensar e/ou apreender todo o dito do editorial, entenderemos que

por meio do enquadramento ‘hermenêutico’, o destinatário deve depreender um sentido oculto, uma ‘mensagem’, que toca a própria identidade do intérprete. Como em toda situação hermenêutica, o enunciado restringe um sentido que não pode ser dado imediatamente, que exige um verdadeiro trabalho de interpretação. A autoridade de aforizador está, assim, respaldada na competência do destinatário, sobretudo quando ambos são membros de uma mesma comunidade restrita que se alimenta de um vasto Tesouro e que desenvolveu procedimentos de interpretação (MAINGUENEAU, 2011, p. 24/5).

E ainda segundo o autor, podemos enquadrar o caso do provérbio *Vox populi Vox Dei* em uma situação que requer certo trabalho de interpretação por parte do leitor visto que

o enquadramento hermenêutico tem como efeito aumentar consideravelmente o potencial semântico da aforização. Depreender a “mensagem” que a aforização deveria supostamente revelar tem um custo cognitivo elevado, e seu conteúdo nunca é totalmente certo (MAINGUENEAU, 2011, p. 25).

Visto que o provérbio *Vox Populi Vox Dei* requer certo trabalho de interpretação do leitor aumentando seu potencial semântico, o caso do editorial em questão torna-se paradigmático no que diz respeito ao funcionamento da aforização na mídia marianense. É um caso do qual podemos depreender boa parte dos atributos desse funcionamento discursivo e que ilustra como a mídia pode fazer uso de frases célebres de um tesouro coletivo com o objetivo de conferir autonomia/autoridade ao que diz e aos ideais que defende por meio de seu posicionamento discursivo.

Acreditamos que em aforizações desse tipo e especificamente nesse caso da mídia marianense, para rememorarmos a noção de hiperenunciador (da qual tratamos brevemente aqui), podemos pensar na utilização do provérbio como uma “verdade inquestionável”, uma aforização que confere e confirma tal verdade de modo que, valendo-se de uma frase amplamente divulgada, utilizada e conhecida da coletividade - e por consequência do leitor do jornal, destinatário maior do(s) discurso(s) veiculados ali – o jornal tenha a possibilidade de posicionar-se e esperar que o leitor adote os mesmos “princípios” sócio-discursivos de leitura da sociedade brasileira à época vigente. O jornal *Voz de Marianna* pode ser considerado paradigmático nesse aspecto visto que quase sempre está voltado para questões políticas em suas publicações, aborda a importância da história do estado de Minas Gerais bem como da memória da cidade de Mariana e está sempre se posicionando no tocante à situação política brasileira. Há sempre críticas ao sistema político imbricadas em suas publicações e pudemos

ver isso ao longo de nossas leituras até que pudéssemos eleger os textos sobre os quais discorreríamos na confecção desta dissertação. Acreditamos ser importante que abordemos esse aspecto do jornal para que nosso leitor depreenda de nossa escolha no tocante à publicação que ilustra o funcionamento da aforização uma amostra emblemática em relação à linha sócio-discursiva que o jornal persegue em suas publicações e que suscita em si as representações do imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

É importante também salientar que boa parte das características que se aplicam à forma de se construir um jornal impresso hoje em dia no tocante ao funcionamento das aforizações e de outros elementos que se correspondem com a mídia impressa contemporânea diferencia-se bastante do modo como as mesmas se apresentam nos jornais marianenses, incluindo nisso o *Voz de Marianna* e *O Cruzeiro*. Dessa forma, não encontramos nos jornais pesquisados fotos com legendas nos moldes de jornais atuais, tampouco legendas ou aforizações “clássicas” da mídia hodierna⁶². Trata-se de casos específicos em que os jornais tinham um “*design*” um pouco diferenciado se compararmos ao que vemos hoje. No entanto, as frases destacadas de personagens significativos da sociedade mineira, bem como o caso de aforização em forma de provérbio ilustram bem o funcionamento discursivo dos jornais especialmente se levarmos em consideração a construção discursiva dos jornais marianenses a partir de elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade, sobre a qual se debruça a relevância deste trabalho.

⁶² É oportuno lembrar aqui as postulações de Lara (2013) no tocante aos deslizamentos de sentido que as aforizações ocorridas por destacamento fraco podem ter em relação ao seu texto-fonte. Essa atividade midiática moderna parece não se aplicar em sua totalidade à mídia impressa marianense nas matrizes em que se encontram na mídia atual. É por isso que quando abordamos o assunto acima, chamamos a atenção para o fato de a autora se delongar em análises de veículos recentes, diferentemente das pretensões que tivemos neste trabalho ao focarmos em algumas especificidades de veículos comunicativos mais antigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos o desenvolvimento de nosso trabalho, de acordo com o que postulamos, os jornais são parte das práticas discursivas e constituem parte das especificidades da vida em sociedade que passam por imaginários sócio-discursivos que constituem e alicerçam os discursos. Assim, pudemos notar no percurso da pesquisa, que os jornais marianenses, em se tratando do(s) discurso(s) de mineiridade, ancoram-se em imaginários sócio-discursivos de mineiridade para que materializem esses discursos por meio de funcionamentos que tornam essa prática possível. Para que pudéssemos, no entanto, chegar a essa assertiva, foi necessário que trilhássemos as sendas do discurso na esfera dos estudos discursivos baseados na Análise do Discurso de origem francesa, bem como o fundamentássemos em suas práticas nos imaginários sócio-discursivos. No entanto, para chegarmos a esse ponto, procuramos repassar teoricamente por noções de discurso e formações discursivas discorrendo sobre as formulações foucaultiana e pecheutiana até chegarmos na noção de imaginário sócio-discursivo ancorada em Charaudeau (2006), de quem, aliás, adotamos uma perspectiva que não se fecha totalmente, mas, em sua heterogeneidade, considera aspectos diversos e considera que os imaginários são parte constitutiva do funcionamento do discurso.

Com vistas a alicerçar teoricamente de uma maneira um pouco mais consistente, a noção de imaginário foi desdobrada e trouxemos para este trabalho a formulação de Castoriadis (1982) que nos auxiliou no sentido de compreendermos como os imaginários podem ser apreendidos no funcionamento da sociedade. Assim, alicerçamos nossas reflexões nessa formulação e denominamos os imaginários sócio-discursivos que nos embasaram “imaginários sócio-discursivos de mineiridade” com vistas a traçarmos ancoragem teórico-metodológica viável para este trabalho.

O que nos possibilitou tal denominação, entretanto, foram as reflexões embasadas principalmente em Arruda (1990) e França (1998) que nos deram fundamentação teórica sobre especificidades da sociedade mineira nas quais se ancoram os imaginários mencionados. O capítulo inaugural que discorreu sobre aspectos de mineiridade teve o intuito, portanto, de contextualizar nosso leitor no que se refere à mineiridade e adotamos, assim, uma perspectiva de imaginário de mineiridade em que a construção discursiva da mídia marianense se apoia e da qual se constitui. Utilizamos durante a confecção desse capítulo (bem como em todos os outros) exemplos dos próprios jornais marianenses que ilustram os elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade de modo a demonstrar ao nosso leitor as possibilidades analíticas com as quais estávamos lidando durante a pesquisa.

Dessa forma, essa combinação de elementos teóricos nos autorizou pensar no(s) discurso(s) sobre mineiridade ancorados e/ou constitutivo desse imaginário nas seguintes esferas de funcionamento que partiram de uma abordagem lexical para uma consideração frasal:

1 – Nomes próprios como lugar de memória, na formulação de Paveau (2007 e 2005) em que refletimos sobre a carga semântica que nomes como Dom Silvério, Santos Dumont e Drummond têm em relação aos ideais de mineiridade. Nesse aspecto, analisamos excertos que nos autorizaram a concluir que os nomes próprios utilizados nas edições mencionadas são lugares de memória dos imaginários sócio-discursivos de mineiridade. Outros nomes também são mencionados de relance com o fim de mostrar ao leitor que as possibilidades não se esgotam somente nos nomes analisados, mas podem ser desdobradas e estendidas para maior compreensão dessa categoria do funcionamento discursivo dos jornais marianenses. Por esse funcionamento do discurso também entendemos que os nomes mencionados e analisados perpassam praticamente todas as edições dos jornais analisados em maior ou menor extensão demonstrando a importância dos mesmos no funcionamento da sociedade mineira e do(s) discurso(s) de mineiridade dos jornais marianenses.

2 – Fórmulas discursivas, na formulação de Krieg-Planque (2010 e 2011) em que pudemos refletir sobre os vocábulos i) “democracia” e “liberdade” como depositários de aspectos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade em seus funcionamentos discursivo, cristalizado, referente social e polêmico bem como ii) refletirmos sobre as possibilidades formulaicas dos sintagmas nominais “montanhas de Minas” e “velha cidade” que se referem respectivamente à geografia do Estado de Minas Gerais e todas as suas implicaturas (vegetação e vida montanhosa) e à memória da cidade de Mariana – MG que, embora não estejam ancorados em aspectos polêmicos nos moldes de Krieg-Planque ainda chamam a atenção por seu viés cristalizado. Embora não chegássemos à conclusão de que esses dois últimos sintagmas nominais fossem de fato considerados fórmulas sob o abrigo teórico-metodológico da autora, tomamos a decisão de demonstrá-los com o intuito de clarificar ao leitor que algumas expressões cristalizadas nos chamam a atenção nos jornais marianenses por estarem vinculados diretamente ao imaginário sócio-discursivo de mineiridade.

3 – Particitação, sobreasseveração, destacabilidade e aforização, na formulação de Maingueneau (2006), dentre outros autores que vieram a corroborar suas ideias, em que refletimos sobre enunciados destacados em forma de “citações” que auxiliaram na compreensão da materialização discursiva dos imaginários sócio-discursivos de mineiridade. Nesse aspecto, os jornais *O Cruzeiro* e *Voz de Marianna* se mostraram bastante produtivos e não se esgotam nos exemplos mencionados e analisados todas as possibilidades analíticas desses

funcionamentos do(s) discurso(s) dos jornais marianenses. Chamamos a atenção ainda para o fato de o jornal *O Germinal* não demonstrar de modo clarificante esses funcionamentos, embora acreditemos, que com exame ainda mais criterioso, possamos demonstrar em alguma medida essas categorias. No entanto, o fato de os funcionamentos em questão estarem clarividentes nos outros dois jornais nos levou ao exame mais crítico deles uma vez que as ilustrações dos elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade podem ser evidentemente depreendidas.

Declaramos que temos em mente e cremos que todos esses três funcionamentos do discurso, entretanto, não esgotam as possibilidades de funcionamentos discursivos para as quais ainda queremos apontar em possível e provável extensão da pesquisa, numa real possibilidade de continuá-la em outro nível acadêmico. Para este trabalho que ora se finda, todavia, é importante salientarmos que, de um modo ou de outro, todos os exemplos utilizados desde o primeiro até o último capítulo desta dissertação, estão repletos de elementos do imaginário de mineiridade que nos ancoraram em todo momento de modo que pudemos demonstrá-los e atingir nossa meta em relação ao objetivo principal desta pesquisa. Se considerarmos ainda a postulação de Maingueneau (2015) em que a sociedade contemporânea considera com elevada importância os estudos discursivos, abrimo-nos para o que o próprio autor denomina “janela para os processos de construção das identidades e do sentido social”. Assim, demos, neste trabalho, especial atenção ao aporte teórico em que nos baseamos, reforçando a importância da pesquisa para contribuição em relação à compreensão de funcionamentos da sociedade, a saber, as materializações discursivas de imaginários.

Sobre o *corpus* de análise, ao pesquisarmos o acervo dos jornais, deparamo-nos com títulos que carregam em si elementos da sociedade em que os jornais se inserem, a saber, a sociedade mineira marianense. Assim, os títulos estudados se preocupam em noticiar e aludir a temas de interesse da sociedade em questão. Por isso, os títulos eleitos como *corpus* de análise foram bastante elucidativos do ponto de vista dos funcionamentos dos discursos sobre os quais abordamos bem como sob o ponto de vista do imaginário sócio-discursivo de mineiridade. Sobre esses jornais, é importante salientar que guardam em si elementos constitutivos da sociedade mineira e de seus imaginários bem como se inscrevem em uma categoria de jornais mais antigos que são de extrema relevância do ponto de vista de preservação da memória da sociedade mineira.

Com base nos dados apresentados até aqui, acreditamos que pudemos demonstrar o caminho que nossa pesquisa traçou com vistas à elaboração desta dissertação e, por outro lado, salientamos mais uma vez que o trabalho não pretende ser fechado na mesma, mas poderá ser

levado adiante sob diversos aspectos, os quais não devem se esgotar tão facilmente dadas as características de nosso *corpus* bem como do referencial teórico adotado para as reflexões sobre o mesmo.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Dom Silvério Gomes Pimenta. Disponível em: <http://www.academia.org.br/print/134/biografia>, Data de acesso: 19/12/2016.

ALMEIDA, J. Queiroz de (gerente). A Revolução triunfante. **O Germinal**, Mariana, 31 de outubro de 1930.

ALMEIDA, J. Queiroz de (gerente). O dia da República. **O Germinal**, Mariana, 05 de dezembro de 1930.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS. In: EBIOGRAFIA. Disponível em: https://www.ebiografia.com/alphonsus_guimaraens. Acesso em 25 de abril de 2017.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlos_Drummond_de_Andrade&oldid=48448368>. Acesso em: 3 abr. 2017.

ALTHIER-REVUZ, J. (1990) Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Cadernos de estudos linguísticos. 19. Campinas: Editora da Unicamp.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ÂNGELO, Marcel Henrique. **O uso da linguagem na constituição da identidade: o exemplo do “político mineiro”**. *Revista Científica da FAMINAS*, Muriaé – MG, V. 1, n. 3, set-dez, 2005. file:///C:/Users/Cliente/Downloads/cincias-humanas-e-sociais-aplicadas%20(1).pdf. Acesso em: 16 mai. 2016.

ANTÔNIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA (IV). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ant%C3%B4nio_Carlos_Ribeiro_de_Andrada_\(IV\)&oldid=45815927](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ant%C3%B4nio_Carlos_Ribeiro_de_Andrada_(IV)&oldid=45815927)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da Mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARTUR BERNARDES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Artur_Bernardes&oldid=47125603>. Acesso em: 15 fev. 2017

ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Assembleia_Nacional_Constituinte_de_1987&oldid=47847508>. Acesso em: 27 jan. 2017.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação Discursiva: vale a pena lutar por ela. *Anais do XXXIV GEL*, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica->

estudos-2005-pdfs/formacao-discursiva-vale-a-pena-1670.pdf. Acesso em 13 de março de 2017.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação Discursiva e Discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. *Anais do V SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, Porto Alegre, UFRGS, 2011. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/5SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf>. Acesso em 13 de março de 2017.

BEIRIGO, Isabel Cristina Felipe. Apropriações da memória mineira: Minas na articulação do golpe de 1964 e Minas no período de redemocratização. In: Sergio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flavia Fiorentino Varela (org.). *Caderno de resumos & Anais do 2º Seminário Nacional da História da Historiografia*. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

BENEDITO VALADARES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Benedito_Valadares&oldid=42531921>. Acesso em: 27 jan. 2017.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Lingüística geral I**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BÍBLIA, N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966. p.1024.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CALICCHIO, Vera. Legião Liberal Mineira. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/legiao-liberal-mineira>>. Acesso em 13/12/2016.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carlos_Drummond_de_Andrade&oldid=47784490>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas Discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Organizadores: Ida Lucia Machado, Renato Mello. Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COELHO, Raphael Archanjo. 10 anos de governo. **O Cruzeiro**, Mariana, 26 de novembro de 1932, p. 01.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação**. São Paulo: 2000.

CRUZ, Santa. Menino de Minas. **Voz de Marianna**, setembro de 1987.

DIAS, F. C. Mineiridade: construção e significado atual. **Ciência e Trópico**. Recife, v 13, nº 01, p. 73-89, jan/jun, 1985. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/375>. Acesso em 18 de abril de 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2011.

HELVÉCIO GOMES DE OLIVEIRA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Helv%C3%A9cio_Gomes_de_Oliveira&oldid=39196072>. Acesso em: 15 fev. 2017.

INDURSKY, Freda. Remontando de Pêcheux e Foucault: uma leitura em contraponto. *Anais do I SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, Porto Alegre, UFRGS, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/FredaIndursky.pdf>. Acesso em 13 de março de 2017.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: **Memória e história na/da análise do discurso**. Organizado por Freda Indursky, Solange Mittmann, Maria Cristina Leandro Ferreira. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. Organizadora: Denise Jodelet. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JUSCELINO KUBITSCHEK. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Juscelino_Kubitschek&oldid=47784446>. Acesso em: 20 jan. 2017.

LUCCA, Maria Parecida Martins de. Drummond! **Voz de Marianna**, outubro de 1987.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de fórmula em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KRIEG-PLANQUE, Alice. “Fórmulas” e “lugares discursivos”: propostas para a análise do discurso político. *In: Fórmulas Discursivas*. Organizado por Ana Raquel Motta e Luciana Salgado. São Paulo: Contexto, 2011.

LARA, Gláucia Muniz Proença. Passando a aforização em revista. *Estudos Semióticos*. [online] Disponível em: Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 7-14. Acesso em 19/10/2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Diversidade dos gêneros de discurso. *In: Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Organizadores: Ida Lucia Machado, Renato Mello. Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931. Disponível em: <http://www.ouviroevento.pro.br/analisedodiscurso/entrevistamaingueneau.htm>. Acesso em 06 de abril de 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. *In: Discurso e linguagens*: objetos de análise e perspectivas teóricas v. 6. 2011. Organizadores: Maria Regina Momesso, Matheus Nogueira Schwartzmann, Vera Lucia Rodella Abriata, Fernando Aparecido Ferreira. Franca, SP : Universidade de Franca, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. O que pesquisam os analistas do discurso?. **Revista da ABRALIN**, [S.1], v.14, n. 2, ago. 2015. ISSN 2178-7603. Disponível em Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/abralin/article/view/42547/25810>>. Acesso em 21/10/2015

MIQUELETTI, Fabiana. Breves notas sobre fórmulas e citação. *In: Fórmulas Discursivas*. Organizado por Ana Raquel Motta e Luciana Salgado. São Paulo: Contexto, 2011.

“Movimentos nativistas e de libertação – Inconfidência Mineira – 1789 – Vila Rica.” *Só história*. Virtuous. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/ef2/inconfidencia/>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

MANSUR, João Salim (diretor). Ordem Seráfica. **O Germinal**, Mariana, 31 de outubro de 1953.

MANSUR, João Salim (diretor). A picarêta. **O Germinal**, Mariana, 30 de abril de 1954.

NIERO, Lidiane Almeida. **Religiosidade mineira: devoção aos santos na comarca do Rio das Mortes no século XVIII**. In: *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v.11, n. 1.

OLEGÁRIO MACIEL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Oleg%C3%A1rio_Maciel&oldid=47397559. Acesso em: 5 dez. 2016.

OLIVEIRA, Marta (presidente). Vozes de Mariana. **Voz de Marianna**, abril de 1987.

OLIVEIRA, Marta (presidente). Quando setembro vier... **Voz de Marianna**, setembro de 1987.

OLIVEIRA, Marta (presidente). **Voz de Marianna**, novembro de 1987.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. O conceito de identidade nacional na arte mineira do período colonial. *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros- IEB*. 30 (19819): 117-128. São Paulo, 1989.

PAVEAU, Marie-Anne. **Reencontrar a memória. Percorso epistemológico e histórico**. *In: Anais do II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/MarieAnnePaveau.pdf>. Acesso em: 26 de maio de 2016.

PAVEAU, Marie-Anne. **Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição**. *In: Filologia e Linguística Portuguesa, Brasil*, n. 9, p. 311-331, junho, 2007. ISSN 2176-9419. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59786/62895>. Acesso em: 26 de maio 2016.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

POSSENTI, Sirio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

QUIRINO, Israel. Liberdade... a que preço? **Voz de Marianna**, Mariana, abril de 1987.

QUIRINO, Israel. Vozes de Mariana. **Voz de Marianna**, Mariana, julho de 1987.

QUIRINO, Israel. Vox Populi Vox Dei. **Voz de Marianna**, Mariana, agosto de 1987.

RAYMUNDO, João. D. Silvério. **O Germinal**, Mariana, 24 de janeiro de 1932.

REVOLUÇÃO DE 1930. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_1930&oldid=47514610>. Acesso em: 25 dez. 2016.

ROSA, João Guimarães. Aí está Minas: a mineiridade. In: **Revista O Cruzeiro**, 25 de agosto de 1957. Disponível em: <http://acervo.revistabula.com/posts/web-stuff/ai-esta-minas-a-mineiridade>. Acesso em 17 de abril de 2017.

SANTOS, W. Moura. Patria nova. **O Cruzeiro**, Mariana, 6 de dezembro de 1930.
SANTOS, Moura. Monsenhor Horta, o Santo Sacerdote de Marianna fala ao “O Cruzeiro”. **O Cruzeiro**, 24 de fevereiro de 1933.

SANTOS, Moura. Monsenhor Horta (Esboço Biographico). **O Cruzeiro**, Mariana, 11 de novembro de 1934.

SANTOS, Moura. Monarquia e república. **O Germinal**, Mariana, 30 de novembro de 1952.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator). Legião Mineira. **O Germinal**, Mariana, 28 de junho de 1931.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator). D. Silvério Gomes Pimenta. **O Germinal**, Mariana, 9 de setembro de 1931.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator). Santos Dumont. **O Germinal**, Mariana, 15 de dezembro de 1933.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator). Pleito de Maio. **O Germinal**, Mariana, 1 de maio de 1933.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator), Férias forçadas. **O Germinal**, Mariana, 9 de março de 1935.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator). Mariana... Mariana... **O Germinal**, Mariana 9 de março de 1935.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator). Monarquia e República. **O Germinal**, Mariana, 30 de novembro de 1952.

SANTO, Octavio Josephino do Espírito (redator). Alphonsus de Guimaraens. **O Germinal**, Mariana, 30 de junho de 1953.

SANTOS, W. Moura (redator). A irradiação da glória de Santos Dumont alcançando de maneira especial a terra que lhe foi berço. **O Cruzeiro**, Mariana, 24 de fevereiro de 1933.

SANTOS, W. Moura (redator). Dr. Josaphat Macedo. **O Cruzeiro**, Mariana, 19 de fevereiro de 1934.

SANTOS, W. Moura (redator). Trecho do discurso do Dr. Josaphat Macedo, na Prefeitura Municipal, saudando o exmo. Dr. Benedicto Valladares. **O Cruzeiro**, Mariana, 19 de setembro de 1934.

SILVA, Estevão e SILVA, Thiago. Eleições no Brasil antes da democracia: o Código Eleitoral de 1932 e os pleitos de 1933 e 1934. *In: Revista de Sociologia e Política*, vol. 23, número 56, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-4782015000400075&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de dezembro de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-987315235604>.

SOUZA, Marilena Inácio de. **Citação e destacabilidade de “fórmula” e de “pequenas frases” na mídia impressa e digital brasileira: estratégias do dizer.** *In: RevLet – Revista Virtual de Letras*, v.03, n.1, jan/jul, 2011. ISSN: 2176-9125. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/80.pdf>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017.

VASCONCELLOS, Decio de. Bom dia... **Voz de Marianna**, abril de 1987.

VASCONCELLOS, Decio de. Memórias Marianenses (parte I). **Voz de Marianna**, abril de 1987.

VASCONCELLOS, Decio de. Memórias Marianenses (parte II). **Voz de Marianna**, maio de 1987.

VASCONCELLOS, Decio de. Bom dia... **Voz de Marianna**, julho de 1987.

VASCONCELLOS, Decio de. Bom dia... **Voz de Marianna**, novembro de 1987.

VENCESLAU BRÁS. *In: WIKIPÉDIA*, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Venceslau_Br%C3%A1s&oldid=48015421>. Acesso em: 14 fev. 2017.

VOSS, Jefferson. A propósito das noções de fórmula e de percurso para a análise do discurso. *In: Revista Prolíngua*, vol. 6, número 1, UFPB, 2011.

Z.Z, Bi-centenário de Aleijadinho. **O Cruzeiro**, Mariana, 19 de setembro de 1930.

ANEXOS

VOZ DE MARIANNA

VOZ DE MARIA — ANO I — Nº 00

EDIÇÃO DE LANÇAMENTO



Capela de Santo Domingo, desenhada e pintada por Frei Manoel de São Maria

BOM DIA...

Marianenses, sempre presentes, insistentes e bradantes, hoje são fraternidade universal.

"A VOZ DE MARIANNA" está surgindo. Vem para ajudar, divulgar, incentivar, sugerir, animar, criticar construtivamente, procurar ampliar e melhorar o conceito da comunicação.

Nunca sob os olhos do pai e da liberdade, eu sei que a primeira missão enviada ao Brasil abraçou a nova terra descoberta e eu que o estandarte da Inconfidência era desfraldado aos pináculos das montanhas mineiras.

Nunca para servir com amor e fidelidade; não para edificar e não para

destruir; para agir e não para provocar indignações. Em vez de raios e raios, haverá pela comunicação e pelo diálogo.

De Mariana, os filhos, do velho bairrão, fundado em 1749, pelo primeiro bispo das Gerais, Dom Frei Manoel de Cruz, fundaram-se por toda Minas Gerais e pelo Brasil, as lanes da liberdade e da fé católica, ligando-se exemplo de amor, de tolerância e de humildade.

A comunicação, então surgida entre filhos e abraçados mestres, estudos de um mundo civilizado, e alguns ainda ignorantes, imperfeitos, vivendo em regiões por

ditadas, não virgem, não virgem a esta humanidade — jura de ser da gente marianense — letrados, hospitais, talentos, destemidos, sem se mostrar arrogantes; sempre presentes, sem orgulhos; sempre sábios, sem ostentação; sempre generosos nas suas atitudes.

E disse jureto de ser que "VOZ DE MARIANNA" procurará se integrar ao Brasil com seus talentos.

Deus há de ajudar sua tarefa de boa vontade, para que sempre o seu propósito.

Atendimentos que não trancamos!

Professor Délio de Vasconcelos

Museu "Casa Alphonsus de Guimaraens"

Casa e presença de várias autoridades e um público significativo de convidados, foi inaugurado no dia 7 de março, a Museu "Casa de Alphonsus Guimaraens". Desde aqui virá a sede para a família, a casa Alphonsus de Guimaraens é considerada uma das maiores expressões do movimento literário brasileiro que, ao final, surge nos fins do século XIX. Portanto, nada mais justo do que a implantação, em Mariana, de um museu que abrigue esse objeto e destaque sua obra.

Essa proposta é levantada primeiramente, por Frei Alphonsus de Guimaraens e aprovada em sessão solene da Academia Mariana de Letras, em 13 de julho de 1971. A ideia é desenvolvida em 4 de abril de 1974, em sessão ordinária da Academia Mariana de Letras, quando é formada uma comissão de acadêmicos que transmitiu ao governador Ruyton Pacheco, em 17 de

maio de 1974, a sugestão de se instalar um museu dedicado ao poeta.

É dentro desse processo que, em 1984, a Superintendência de Minas do Estado de Minas Gerais, órgão do Secretariado de Estado de Cultura, retoma a ideia da criação do museu. O seu processo de implantação ficou a cargo de uma equipe técnica da Superintendência de Minas, composta por historiadores, arqueólogos, museólogos, conservadores visuais e pedagógicos.

A residência da família Alphonsus de Guimaraens, situada à rua Direita, 17, foi restaurada sob a supervisão do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) e sob a coordenação do Prefeitura Municipal de Mariana.

Finalmente inaugurado, o Museu "Casa Alphonsus de Guimaraens" pretende cumprir suas objetivos, quais se-

jam, expor e divulgar a vida e obra de Alphonsus de Guimaraens, ficando-se a cargo de pesquisas sobre a literatura mineira.

Para tanto, conta com um setor de documentação e Biblioteca que irá sistematizar os documentos, manuscritos e livros de Alphonsus de Guimaraens, que estão em fase de catalogação, realizada por especialistas da Superintendência de Minas, em Belo Horizonte.

O Museu pretende ainda dar início a pesquisas educacionais e culturais objetivando sua integração com os vários setores da comunidade marianense.

Aquelas que quiserem colaborar o Museu "Casa Alphonsus Guimaraens" informamos que o seu funcionamento é de terça-feira a domingo, de 9 às 17 horas.

José de Castro Neves, Administrador do MCAQ



José de Castro Neves e Alphonsus

“A fanfarra dos covardes ou a gargalhada ironica dos malvados, não será sufficiente para sepultar os nossos ideaes de campanha. Um pugillo de heroes affronta, com destemor, os revêzes e as rechidas da multidão assalariada e perversa. Para vencer precisamos de lutar e para lutar precisamos das bençans sacrosantas de Deus”

Vibrantes palavras do Revmo. Padre Ator Porfirio á mocidade de Uberaba.

Bi-centenario do Aleijadinho

A 29 de agosto p. p. festejou-se em Ouro Preto o bi-centenario do grande artista Antonio Francisco Lisboa alcunhado o Aleijadinho.

Constando a data commemorativa de um variado e imponente programma organizado pela "Comissão" correu tudo ás mil maravilhas com regozijo e contentamento geral. Prestar homenagem a esse homem de vontade e trabalho que foi Aleijadinho, exhumar as paginas de sua vida cheia de abnegações e sacrificios para perpetuar nos seus monumentaes trabalhos de arte os brados de uma fé tão viva e tão solida, foi fazer jus á sua memoria e suscitir no espirito do povo o interesse pela salvaguarda desses preciosos thezouros que dão testemunho do valor antigo inimitavel hoje que a séde de innovações e modernices vae destruindo o amor pelas tradições.

Ha 4 annos apenas, e na mesma data o Exmo. Snr. Arcebispo D. Helvecio promovia aqui em nossa terra a transladação da historica bandeira que acompanhou o 17.º batalhão mineiro aos campos da guerra do Paraguay, trazendo em si crystallizadas as lagrimas da heroica retizada da Laguna. Suspenso na Sé o glorioso farrapo parecia não mais ostentar aquelle valor dos nossos irmãos que se bateram em deteza da Patria ultrajada nos seus brios.

D. Helvecio, Arcebispo santo e grande patriota soube engendrar um meio de valorisar novamente a despresada bandeira. Construiu um Museu, para defender o patrimonio artistico de Minas e para lá fez transladar solennemente a heroica bandeira, que hoje recebe as homenagens de todos quantos visitam Marianna, com todas as suas curiosidades.

Tambem o bi-centenario de Aleijadinho foi iniciativa de D. Helvecio, como consta pela carta escripta por Sua Excia. ao zeloso Vigario de Antonio Dias (Ouro Preto) Fr. Virgilio Hoogenbroon, publicada no "Horizonte" de Bello Horizonte.

Vê-se que o preclaro Arcebispo é homem de muito descortino e pode sem favor ser considerado entre as principais gemmas do Episcopado brasileiro, porquanto não poupa esforços em procurar o incremento da Religião, auxiliando ao mesmo tempo o nobre sentimento de patriotismo que pa-

N. 2

MARIANNA, 19 DE SETEMBRO DE 1930

ANNO II

O CRUZEIRO

DEUS Orgão Official da União de Moços Catholicos PATRIA

Redactor: W. Moura Santos — *Verbum Dei non est alligatum* — Gerente: Geraldo José F. Malta

ra ser verdadeiro precisa andar ao lado de Deus.

Celebrando tambem a 1.ª de setembro o VIII anniversario do passamento do saudoso e pranteado D. Silverio, como se fez na Cathedral com missa e exequias solennes, poder-se-á sem receio afirmar que recebendo aquelle piedoso e sincero *Asperges* das mãos Santas de seu Successor, D. Silverio deveria sorrir de contente vendo com quanta amplitude de vista aquelle cuja escolha para lhe succeder no Arcebispoado não poderia ter sido mais acertada vae desdobrando a sua inegavel actividade, dando vida á nossa gente e gloria sempre maior a Deus Nosso Senhor.

Z. Z.

Triste situação

E' mais do que dolorosa a situação da nossa amada patria, no momento actual.

Após a lueta politica que se transformou num torvelinho de paixões desenfreadas, estamos de braços, agora, com a grande crise que domina tudo, fazendo soffrer o povo — a eterna victima de todos os infortunios e privações.

Se lançarmos um olhar retrospectivo para o scenario dessa infeliz terra de Santa Cruz, onde se aboliam os poderosos para crearem uma politica de filiotismo, temos de concluir que os mesmos quando galgam uma posição de destaque só causam ruina ao paiz e máia lhes preoccupa a attenção, a não ser o interesse pessoal.

Com effeito, a rebeldia, injustiças, assaltos á lei e á constituição, esbanjamento dos dinheiros publicos, perseguições, fraudes nos pleitos, protecções a bandidos, assassinos e cangaceiros e outros casos, cuja descripção minuciosa nos horrorisa, foi o trabalho exclusivo desse interesse

prejudicado pelos que não commungão na mesma cartilha.

O que occorre no Brasil, ao presente, patenteia o horror, o malbaratamento das finanças do paiz.

Os bancos trancam-se e os banqueiros perdem a cabeça ou a rebentam á bala, o commercio succumbe á mingna de credits e o proprietario abre falencia.

O café! A deliciosa bebida, hoje baratissima, é o ponto de apoio da nossa moeda.

No entanto, difficulta-se a exportação do producto e nega-se credito ao agricultor.

Esse caso esclarece, amplifica a calamidade geral. A quadra que atravessamos assignala o triste findar de um governo que não soube corresponder á expectativa geral e nem realizar o grande problema da estabilliação.

Nunca assistimos a espectaculos tão degradantes como na ultima campanha politica e com o coração partido de dor e ao mesmo tempo palpitante de indignação, não houve quem reprovasse a acção facciosa do governo, no tocante á liberdade e á autonomia dos Estados dissidentes, cujo unico crime foi — discordar dos processos pouco decentes de quem não soube respeitar as leis.

Rodeado de comparsas que esquecem compromissos tomados perante seus concidadãos, o governo deixa as leis sagradas da justiça para levar o paiz ao descredito, em que se acha actualmente.

Não ficou só nisto.

Quantas vidas preciosissimas arrancadas do seio de suas familias e imoladas pelo punhal fratricida; abastidas pela furia dos cangaceiros do norte, que se tornaram impones, marcando esse arsenal de miserias a urimes á pagina mais negra e triste de que temos memoria, nos annos da historia.

Quantas familia sobressaltadas pelos ameaços de revolução, que os boateiros pagos vivem a propalar, annunciando aos quatro ventos que a rebellião militar poderá salvar o Brasil.

Triste propaganda revolucionaria.

Ora, salvar o Brasil pela revolução é entregal-o, na expressão popular, *promptinho* ao americanismo yankee, cujas garras estão afiadas para nos atacar a cada momento.

A sua ganancia pelo dinheiro espera sómente que, sóe a hora presaga para investir sobre as nossas industrias, fabricas, lavouras, etc.

E por isso, nós brasileiros, que amamos extremadamente essa patria santa, insistimos: guando a calamidade nos bater á porta, vier com todo o cortejo macabro, de males, expondo ao desabrigo muitos lares, apagando todo o nosso caracter e esboço, sepultando os nossos feitos valorosos, os nossos fôros de grandeza e religiosidade — o clamor collectivo do Brasil em peso e unisono apontará como uma maldição os responsaveis por tantas calamidades.

... e ainda:

A fome já impena nas classes pobres aterrando as familias.

Lá do nosso rinteão natal — Guanabara, sul de Minas, proximo de S. Paulo, chegon nos ao conhecimento, por intermedio de cartas de parentes, a lamentavel catastrophe da crise. Diz assim um tipico da ultima carta: «sómente a crise é que já está se fazendo sentir, principalmente nestes primeiros dias, pois chegam aqui familias de S. Paulo, procurando a rigo para não morrerem de fome, não se encontrando nesta cidade, que já é bastante grande, uma casa sequer desocupada.»

Ao mesmo tempo que sonhamos com um Brasil novo, contemplando os horizontes da nossa patria mais ou menos desanviados, sentimo-nos tristes, porque vemos nos nossos honres publicos os principaes actores da situação miseravel em que se acha o nosso paiz.

Os representantes do povo! Que ironia dar-se a esses homens o nome de representantes do povo. Homens que exprimem o odio, symbolizam a vindicta, desonhecam a clemencia, expressão ideal da justiça, não podem representar o povo que nunca os ele-

O GERMINAL

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO MINEIRO NO MUNICIPIO

Gerente — J. Queiroz de Almeida

(CAIXA POSTAL Nº 6)

Collaboradores diversos

—:=[Redacção e officinas: PRAÇA DA INDEPENDENCIA.]=:—

ANNO XXVI

Assignaturas
Anno.... 6\$000

MARIANNA, 31 DE OUTUBRO DE 1930

Publica-se
quinzenalmente

NUM 709

A Revolução triumphante

Chegou-se no feliz termino da campanha ingente que os Estados alliados emprenderam, para rechaverem o de que os esbulhara a fraude official. No entanto a simples obediencia aos canones constitucionaes teria evitado a maior convulsão por que já passou a Nação brasileira,



DR. GETULIO VARGAS
Chefe do governo revolucionario.

Os que constituiram a Aliança liberal tudo fizeram para ser a lucta incruenta, ouvindo-se tão somente o pronunciamiento das urnas.

Despenderam-se todas as energias civicas, invocou-se e se praticou todo o patriotismo, para o coroamento feliz e longo tempo almejado, do movimento liberal, de ha muito escetado pelos vultos mais eminentes da Patria. E nada se alcançou e tudo foi inoperante.

Não quiseram os dominadores periodicos que o povo exercesse o direito que lhe assegura a Constituição de escolher aquelle que a consciencia lhe indicava como capaz de lhe fazer a felicidade e a felicidade do Brasil.

Assim, o recurso unico que se encontrou foi o triste apello ás armas, com a esperanza de, desse extremo gesto, se vér nascer no solo fecundo da Patria, como dourada messe, a regeneração dos costumes politicos.

Agora, após o calar dos canhões e da fuzilaria, teremos, sem duvida, o predomínio das conquistas populares em sua plenitude. Depois de se haverem banhado os campos patrios do sangue generoso de

seus filhos, teremos, certamente, a felicidade do Brasil, a compasso com o immenso sacrificio oferecido á causa santa da liberdade.

Deus, afirma um sacerdote philosopho, dá longa prosperidade, deixando-o impune por annos numerosos, áquelle que quer castigar duramente.

Assim se cumpriu no presidente deposto. Depois de satisfazer, ao infinito, os seus caprichos, até golpear fundo o enorme coração da Parahyba, teve a justa e tremenda recompensa da sua pertinacia feroz, de seu orgulho transbordante.

Assim como, refere um escriptor francês, esses terreiros que parecem firmes e immovéis, mas que se vão solapando, a pouco e pouco, fragil trabalho de que por muito tempo se zomba e que lhes vae roendo os fundamentos, nada se manifestando enfraquecido nem abalado, até que as suas bases são destruidas, paulatinamente, até ao momento em que elles se afroixam e abrem um abysmo. Assim também um poder injusto e enganador, qualquer que seja a prosperidade que elle para si procure, por suas violencias, cava elle proprio um precipi



DR. ANTONIO CARLOS
Figura eminente da Aliança Liberal.

cio sob os pés. A fraude, a deshumanidade vão aos poucos solapando as mais solidas bases da auctoridade injusta e illegitima: admiram-na, temem-na e tremem deante della, até o momento em que, já não podendo existir, cae com seu



DR. OLEGARIO MACIEL
Presidente do Estado e chefe da revolução em Minas.

proprio peso e nada pode regre-la, porque ella destruiu com suas proprias mãos os fundamentos da sua própria obra e da justiça que atrahem o amor e a confiança.

Foi, todos o sabem, a desmarcada fraude, a injusticia a causa de se h a v e r lançado com as proprias mãos ao ostracismo *ad perpetuum*, o presidente deposto. Elle algodoou os ouvidos para não escutar os que conclamavam o respeito aos seus direitos. Fez-se de surdo para o que não concenrisse á vez da amizade privada, onde ella não podia imperar.

Curta agora os rigores do que podia e não quiz evitar.

Essa lucta armada fratricida, a cujo epilogo, prazerosos,

assistimos, é a consequencia inevitavel de uma das causas que geram as revoluções; — os maus tratos infligidos aos povos.

Minas esquecida, desprezada, repudiada, teria, fatalmente, que deslembra os seus costumes pacificos; teria que deixar o seu arado, voltar a costas aos campos fertilissimos e se pôr em armas, junto aos seus companheiros de padecimentos, para reivindicar os seus direitos. E, assim foi. Levantou-se-lhe o brado bellicosos, a que responderam



DR. ARTHUR BERNARDES
Grande vulto do movimento revolucionario reivindicador e Presidente do P. R. M.

unidades do Norte e o Sul, e travou-se a mais gigante pelega libertadora, de exito esplendente e completo.

Dessa pugna regeneradora e memoravel festejemos o triumpho. Sandemos Minas e seus aliados pela victoria de 24 de outubro, nova aurora da liberdade.

que já era tempo de afastarmos de nós aquella humilhação baixa que nos opprimia até alli.

O pleito teriu-se. A Aliança Liberal levou o nome dos seus candidatos á victoria; entretanto, o governo federal já havia escolhido o seu successor.

E para que a victoria da prepotencia fosse garantida, mobilisaram-se forças nacionaes; exercet esse Governo a tyrannia; pagaram de-nas de Brasileiros, com o seu sangue, a altaeiria de seu brio e do seu civismo; fabricaram-se livros falsos de actas eleitoraes; deixou-se de fazer a apuração dos candidatos victoriosos e o Cateete, por si, organisou o Governo da Nação, dando-lhe, a seu bel prazer, os señores do Poder Executivo e do Legislativo.

O povo, esse manso rebanho que está sempre prompto a obedecer aos acenos do mais humilde zagal, esse povo, sentindo-se subjuggido, ferido e opprimido por tantas villnias, esse povo tem sangue e esse sangue lhe releva nas veias. E, ali, não ha mais a dominar: é a alcatéa fminita e, por isso mesmo, indomavel, que se ergue e se levanta, e, como uma granada mortífera, essa força monstro e nenhum anteparo se lhe poude oppôr.

Vencemos, os revolucionarios, e esta nossa victoria é o florão



DR. CHRISTIANO MACHADO
Chefe do estado maior das forças revolucionarias em Minas

mais rico, mais precioso, mais digno que podemos collocar na corôa de victorias de nossa gloriosa Patria.

No dia 4 do corrente, pela manhã, recebeu o Exmo. Sr. Presidente da Camara Municipal do Municipio um telegramma do Exmo. Governo estadual, em que lhe communicava que, se havia iniciado a Revolução no Brasil e lhe recommendava as necessarias providencias, no

Movimento revolucionario de 1930

Reivindicación dos direitos civis e sociaes dos Brasileiros iniciada e levada a termo pelos governos de Minas, Rio Grande do Sul e Parahyba.

O que se fez, no municipio de Marianna em favor da Revolução.

A VICTORIA

De muito corria pelas veias do brioso povo brasileiro um sangue ardente, que o incitava ás grandes conquistas, em favor de sua liberdade.

Ha muito se fazia sentir, em nosso seio, a falta do espirito rigoroso de um chefe, que levasse o povo, sequioso de sua liberdade, a dar um golpe, que cortasse cerce, o despotismo dos potentados, señores do poder.

Chegou a hora marcada das nossas reivindicaciones.

Quando, antes do pleito de 1º de Março, destas mesmas columnas concitamos os nossos concidadãos a comparecerem ás urnas, para nellas depositar o seu sufragio, com a independencia de que tinhamos pleno direito, fizemos um ligeiro commentario sobre o estado da nossa liberdade de cidadãos livres, mostrando

ANEXO 4

Se é licito engrandecer e cobrir de louros os nomes dos gloriosos defensores da legalidade combalida, por cuja restauração trabalharam com efficacia, a nós mineiros seja grato homenagear, se bem que pallidamente, a invicta personalidade do Dr. Arthur Bernardes cujos sentimentos patrioticos a nação não poderá jamais por em duvida. **Minas liberal** acclamará sempre o seu nome.

XV ANNIVERSARIO

N. 4

MARIANNA, 6 DE DEZEMBRO DE 1930

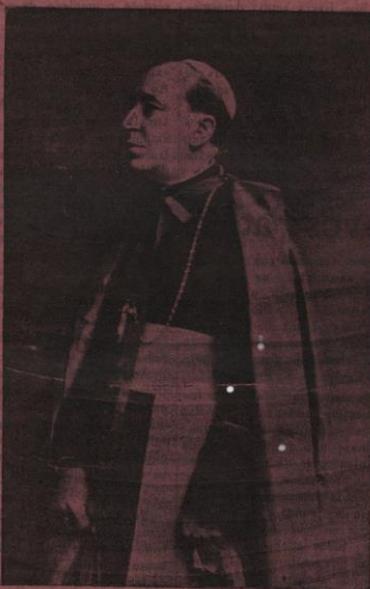
ANNO II

O CRUZEIRO

DEUS Orgão Official da União de Moços Catholicos PATRIA

Redactor: W. Moura Santos — *Verbum Dei non est alligatum* — Publicação mensal

Oitavo anniversario da entrada solenne e posse do Snr. D. Helvecio na Cathedral de Marianna



Ao registar a União de Moços Catholicos do Brasil, mais um anno de existencia nos annaes de sua historia, cumprimos o grato dever de consignar aqui nosso testemunho de gratidão ao seu illustre fundador — Dr. Olyntho Orsini de Castro — que em boa hora soube lançar a pequena semente que hoje crescida se ramifica, arrebanhando a juventude, e formando soldados de Deus e da Patria.

Não é portanto esta data, uma simples ephemeride de almanack, sem escopo, sem principios, é a consagração de um ideal tão nobre quanto patriotico no desenvolver arrojado de seu plano constructor, prevenindo a mocidade contra os perigos quer da vida moral que são numerosissimos, quer da vida social que se multiplicam e agravam.

E' por certo bem consolador pensar quantos são os nobres sentimentos que se aninham no coração dos jovens catholicos. No meio do torvelinho das paixões, a que alludira o poeta no extremo esforço de re-provação:

"Prazeres socios meus e meus tyrannos,

Esta alma que sedenta em se não

coube,

No abysmo vos sumiu dos desen-

ganios."

não fóra um meio capaz de sustar-lhe os muros ruinos, a juventude resvalaria fatalmente, abalando a machina social.

E' tudo o que faz a U. M. C.: livrar a mocidade dos perigos da vida e guiar a aravez dos escolhos de sua jornada.

Sobre ser obra verdadeiramente humanitaria, é um dos mais profeticos apostolados pelo que Deus a conserve e propague.

EXPEDIENTE

"O Cruzeiro", orgão official da U. M. C. de Marianna.

Redactor: Waldemar Moura Santos

— Toda materia a ser publicada

passará pela censura do Revmo. Assis-

tente Ecclesiastico da U. M. C.

— Para 4.ª pagina accettamos

annuncios commerciaes, de indus-

trias, profissões, etc.

Assignatura annual, 5\$000

O dia 26 do passado mez de Novembro commemorou a entrada solenne do Snr. D. Helvecio Gomes de Oliveira, em nova Cathedral, empossando-se com todas as pompas do Pontifical romano, no elevado cargo de Arcebispo Metropolitano de Marianna.

Ainda está na lembrança de todos nós o entusiasmo e alegria de que se tomou a nossa cidade, recebendo em seu seio a quem a Santa Sé designara providencialmente para romper o luto em que se achava a nossa Archidioese pela

morte de seu queridissimo primeiro Arcebispo de memoria saudosa, — D. Silverio Gomes Pimenta.

Mas, nessa occasião ninguém poderia imaginar o alcance para Marianna de tal substituição, apesar de serem as melhores e mais recomendaveis as credenciaes com que se apresentava á sua nova Archidioese o então Bispo do Maranhão, onde deixara uma esteira luminosa de sua passagem, apesar de pequeno o espaço de tempo em que a

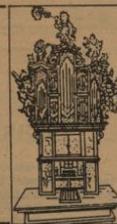
Os oito annos de fecunda admi-

nistracão do Snr. D. Helvecio nesta Archidioese, completados no dia 26 do mez passado, são um testemunho eloquente de sua operosidade salesiana, que, com toda justiça, se lhe pode applicar o que de Apelles refere Plinio: *nulla dies sine linea*.

Na verdade ahí está concretizada toda sua fecunda accução na reforma completa de todos os departamentos ecclesiasticos de sua séde, a começar da velha Cathedral que passou, sob sua direcção, por uma reforma completa, de modo que intencionalmente está inteiramente rejuvenecida, não sendo preciso mencionar, tal sua evidencia, a remodelação do velho solar dos antigos Bispos de Marianna, hoje convertido em modelar Gymnasio municipalizado com todas as regalias officiaes, a pitoresca residencia do Getsemani, dominando o formoso outeiro de São Pedro, construida ás suas expensas e offerecida por Sua Excia. á Archidioese, como uma lembrança de seu jubileu sacerdotal em Junho de 1921, com as encostas agrestes e até então improductivas, transformadas em vistosa quinta, enriquecida de uma variedade immensa de fructas europeas e brasileiras, não lhe faltando estensa plantação de chá da India, cuja primeira colheita abundante se effectuará no proximo anno, deixando ainda de parte a construcção do modelar edificio do Collegio da Providencia a inaugurar-se no fim do corrente anno, cujas obras foram inspiradas e orientadas por S. Excia., basta mencionar o grande Seminario S. José, já coberto em toda a sua extensão, em cuja construcção já se despendeu quantia superior a 500 contos, tendo para ella recebido o Snr. D. Helvecio menos de 200, despendendo generosamente para cobrir o deficit tudo que lhe vem de seus honorarios e offerendas pessoais, e que, em pouco tempo concluido, immortalizará por si só a memoria desse benemerito Prelado, que ha oito annos apenas dirige nossa feliz Archidioese, e que n'



VOZ DE MARIANNA



VOZ DE MARIANNA ANO I — N° 01

MARIANA — MAIO/87

Preço: Cz\$ 5,00



A Virgem de Fátima que apareceu para os pastores, Lúcia, Francisco e Jacinta

Bom dia...

Bom-dia, mães, neste tempo dedicado a nossa Mãe Celestial, a excelsa Virgem Maria, quando todas as mães são homenageadas.

Bom-dia comunidade negra de minha terra, neste mês em que, há 99 anos, percorria o Brasil o grito de liberdade para os cativos.

Estamos em maio; em suas manhãs radiosas, o sol beija o alto das montanhas mineiras como que abençoando essa terra dadivosa e boa; mês da aparição de Nossa Senhora, há 70 anos, aos pequenos pastores de Fátima — Lúcia, Francisco e Jacinta — transmitindo-lhes avisos, conselhos e predições.

Agora, outro brado

pedoso ecoa por este mundo ávido de paz e de amor: a doce palavra de Jesus — "quem acolhe o menor a mim acolhe".

É tão fácil encontrar esse menor!... ele está em toda parte, até mesmo dentro de nós, pois cada ser humano conserva, em seu coração, um pouco da criança que já foi. Exercitemo-nos na prática do amor, adotando, protegendo e querendo bem a essa criança inocente e pura que ainda existe em nosso ser e nos abraça o sentimento. Dando a ela nosso carinho, escutando suas palavras, deixando-as falar na sua espontaneidade, não haverá tempo para ódios, maldades e ambições. Nossa alma se enternecerá e surgirá em

nós o desejo de acolher e amar outras crianças. Seremos então felizes e poderemos tornar felizes, também, as crianças que encontrarmos ao longo da vida, esforçando-nos para sermos iguais a elas, entendendo-as e orientando-as.

Quem sabe as mães, pretas, brancas, amarelas, sejam elas cristãs, judias ou muçulmanas, conseguirão, graças ao amor, o que os generais, os políticos, os sacerdotes não conseguiram no decorrer da História: a paz universal?!...

Vale a pena tentar!...

Maio de 1.987.

Professor Décio de Vasconcellos

Violência

**"O cavalo sedento bebe de qualquer água
O pássaro faminto come qualquer grão
Só o homem, jovem e forte, chegada a miséria, lança-se à
violência".**

Wi Ki

A sabedoria chinesa leva-nos a meditar. Por que só o homem, com sua proclamada inteligência e fortaleza, torna-se violento quando a fome o assalta?

Será somente pela fome em si? Por acaso o poeta Wu Ki chama-nos a atenção para a superioridade do irracional sobre o rei da criação? Violentar seu semelhante, agredi-lo de todos os modos, saquear-lhe os bens, roubar-lhe a vida, constituirá solução para os males que o atormentam?

Certamente não é só a falta de pão que leva o homem à violência. Não é só a miséria que o perturba. Não será antes o desconhecimento do homem atual pela essência humana, intocável, porque de origem divina?

A falta de Deus desde o berço tem levado a humanidade ao sofrimento e

ao desespero. Deus não está mais presente nos lares, nas escolas, no coração do homem.

Enquanto todos se armam contra os possíveis ataques a seus semelhantes, melhor fora que as escolas e lares falassem de Deus ao coração dos meninos. Aproxima-se o dia das mães, tão comercial, tão inexpressivo, na sua grandeza. Lembremo-nos do grande psicólogo, médico e analista alemão Willelm Stekel: "Ser mãe não é uma sinecura"...

Mães de todos os pontos da Terra, uni-vos em uma campanha pacífica recolocando Deus no coração de seus filhos. Quem sabe teremos amanhã um mundo ideal iluminado pela suprema realidade: DEUS?

Maria Emilia de F. Castro Goulart

ITAFOTO



Sé Cathedral Basilica de Nossa Senhora da Assunção, Mariana — MG

NOTA DE PROTESTO

A Diretoria do Voz de Marianna considera um ato de terrorismo a violação do sacrário e profanação da Casa de Deus, ocorrido na Igreja Matriz da Sé no último dia 05 quando foi subtraído parte do seu patrimônio histórico-religioso. Solidariza-se com o povo de Mariana por mais este atentado ao nosso Patrimônio e

manifesta sua repulsa ao ato de violência praticado contra a imagem da Virgem Maria, no mês em que todas as atenções dos católicos a Ela se voltam. Quer também registrar protesto à negligência das autoridades que mostraram-se falhas na segurança de nosso acervo.

O GERMINAL

ORGÃO DOS INTERESSES DO MUNICÍPIO DE MARIANNA

Redactor — Dr. Octavio Josephino do Espirito Santo

Gerente — J. Queiroz de Almeida

— Redacção e officinas : PRAÇA DA INDEPENDENCIA —

ANNO XXXI

ASSIGNATURAS
Anno 6\$000

Marianna, 9 de Março de 1935

Publica-se
QUINZENALMENTE

NUM. 766

Ferías Forçadas

Voltamos hoje a reanunciar nossas periódicas publicações, que mãos criminosas interromperam, desde os primeiros dias de janeiro transacto.

Poram ferias forçadas a que nos submetem o nocturno assalto á nossa redacção e officinas.

Com grande esforço e boa vontade de nossos auxiliares e amigos temos recomposto a nossa casa, que em muito pouco esperamos ver aparelhada, totalmente, para entrarmos na regularidade de nossos servicos, circulando, normalmente, o nosso jornal, já hoje considerado um patrimonio da cidade, em razão dos seus muitos annos de existencia.

Determinamos não mais referir-nos á selvageria de que fomos victimas, traipocramos, e de todos sobejamente conhecidos.

Não obstante o nosso justo apello aos poderes competentes, não conseguimos ver entregues á justiça os autores de empastelamento da nossa folha. Mas essa circumstancia não nos surpreendeu e muito menos molesto, não só por estarmos sobre os conhecimentos da época que vivemos, mas ainda por vermos os saltaantes condemnados pela opinião sensata dos a quem chegou a noticia de criminoso acontecimento.

Longe estaríamos de exagero, se por ventura afirmássemos que toda a imprensa do paiz reprovou o acto brutal, que vimos toando.

A nossas mãos vieram ter jornacs de varios Estados, e muitos somente de Minas, que noticiaram, censurando-a, a "façanha" aqui por vezes aludida.

isto nos basta. A repercussão enorme que alcançou o feito "heroico" foi-nos um conforto sobre o a reputamos sinceramente superior a qualquer punição que os codigos podessem prescrever aos malfitores, que procuram, no crime, os meios de ser gratos áquelles a cujos pés se prostam, á espera de migalhas.

Vamos, no entanto, sem o perceber, dando largas a esse ascoso assumpto. E nossa intenção é esquecê-lo de vez, como o deixamos declarado, em outros termos, linhas acima.

Colhamos, pois, as redans. O que pretendemos nestas columnas é tão só transcrever, sem a devida permissão, al-

gumas das referencias de jornacs sobre o empastelamento do nosso periodico. Não aspiramos a outro objective. Queremos que tambem por nosso intermedio se conheçam essas a nós tão gratas e seguras referencias.

Sob o titulo — "EMQUANTO É TEMPO", Folha de Minas publicou este brilhante artigo do sr. Affonso Arias de Mello Franco :

RIO, 5 (Pelo telephone) — Foi surpreendido, hoje, na redacção da Succursal de FOLHA DE MINAS, com tres telegrammas, datados todos de Mariana, e recambados de Belle Horizonte para aqui. Relatam os tres, com maior ou menor vibracão, o mesmo facto, que parece incompreensivel em terra de Minas Geraes. Trata-se, apenas, do empastelamento, ocorrido em Marianna, na salada da noite, do jornal "Germinal", por causa de contusas e violentas lutas municipaes. Os despachos accusam os partidarios do arcebispo D. Helvecio de serem os autores desse gesto de inqualificavel covardia, que vem encher de um rebolico inutil e de uma indigredição surpreendente a vetusta dignidade da cidade colonial.

Não conheço D. Helvecio, mas não lhe faço a injuria de attribuir á sua influencia, directa ou indirecta, a menor parte na realizacão da occorrenca desastrosa e anti-mineira. Tambem não conheço a politica municipal de Marianna, que imagino obscura, pobre e sem grandeza, como a generalidade das politicas municipaes do Brasil, em que as questionculas pessoas acirram os odios, os impetus e as paixões normalmente applicaveis a os grandes movimentos de espirito. Tão pouco conheço Marianna, mas advinho-lhe, commovido e respeito, o ensaio grave, a tolerancia resignada, a té poderosa, o sentido fidalgo de perseverança brasileira.

Marianna é a mais velha cidade de Minas. As suas ruas curvas, pacientes, modestas, terão assistido a varios dos episodios mais caracteristicos da nossa evolução historica. No seu seio augusto, no seu ambiente severo, desabrocharam algumas das mais nobres flores da nossa tradiçào e ella é um dos elementos mais caracteristicamente constitutivo da nossa personalidade. Nunca, porém, provavelmente, terá assistido o burgo illustre, em que viveu, sofreu e cantou Alphonse de Guilaumes, a um espectáculo tão

genuinamente anti-mineiro como este que acaba de agitar escandalosamente o seu ambiente resolvido. Imagino que Marianna se deve ter sentido transportada, subitamente, numa noite de pesadelo, para fóra das nossas fronteiras, feitas de comprehensão discreta e acomodação intelligente, de puro respeito intellectual, para alguma região adusta e salicada, onde a falta da historia e a presenca de uma barbara incultura tenham transformado a cidade em acampamentos turbulentos, as opiniões em allucinações desvariadas, os gestos em esgares epilepticos, a voz pousada em berros sem significação.

Minas não é isto, nem nunca o foi. Transformar o Estado que é exactamente, o modelo do equilibrio brasileiro, numa amplificação da Madagascar ou numa redução da China, é uma tarefa pouco convidativa, e pouco nobre. Mas, entões, que acheguem-se, embora com estorço, tem conseguido levar á brilhantemente a bom termo.

Agradecemos-lhe mais este serviço, entre os muitos que nos tem prestado. Depois de transformar, completamente, a telção da acção politica mineira, no campo federal, só lhe faltava, realmente, modificar os habitos invariáveis que norteavam a acção da politica mineira dentro do mappa do Estado.

Minas se degrada, se deslucra, se desmoraliza, se esquece. E, depois de tantos espectaculos, vemos, hoje, o mais digno florido, o mais caracteristico centro da sua gloria passada, que se avilta numa aventura cambaleante de cangeco branco, propria dos crimes morses, nos esturricados e adustos Norte e Sul, onde alguns interventores sem compostura insistem em mostrar ao mundo que o Brasil é limitrophe com o Afghanistan ou a Senegambia.

Eu, porém, e o meu jornal, esquecidos do ridículo do caso, e só preoccupados com o aspecto de advertencia, que elle encerra — protestamos contra uma nova ordem, que se quer implantar, que desconhecemos e detestamos.

Em nome da cultura e da intelligencia mineira, e emquanto é tempo.

O "O DOMINGO", de 13 de Janeiro de 1933, folha editada em Manhuassú assim se manifestou :

MANHUASSÚ, ha 4 annos, commetteu o horrendo peccado de espantificar as officinas duma folha politica, que era, ao mesmo passo, uma grande cathedra de democracia. Mas estavamos em plena revolução, com uma ansia doída de construir o Brasil Maior e Melhor, que ahí veio. Isto attenuou um pouco as nossas culpas. Além de tudo, Manhuassú é uma terra aspera e rude, que nem o nome mudou, com que sahuiu da selva e da taba. Até hoje, si não conserva os habitos, conserva, ao menos, o barbaro signal da sua origem.

Nós, portanto, quando praticamos aquella dramatica selvageria, tínhamos, a um só tempo, duas poderosas dirimencias. Não obstante, estamos radicalmente arrependidos de tão feio peccado contra a Intelligencia e a Idéa.

Pois Marianna, a piedosa cidade de trinta igrejas e dos trescentos altares; com a sua cultura christã e com as suas immensas responsabilidades na formação espirital do acule; Marianna, onde ainda não morreu o eco da voz apostolica de dom Silverio Gomes Pimenta, e onde viveu e florido aquelle semeador de bondade e de doçura, que foi monsenhor Horto, o Santo; Marianna, com todas as suas tradições e as suas commendas catholicas, acaba de espantificar O GERMINAL, folha politica alli publicada ha mais de 30 annos.

Sem revolução nenhuma. Em plena paz do Senhor, numa tarde fresca e perfumada, batida pela brisa que sorre á flor do ribeiro do Carmo. A hora, provavelmente, em que os campanarios cantavam gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens...

Manhuassú está vingada. Mas essa pratica de empastelar jornacs de idéas e de opiniões, numa Republica democratica e em pleno seculo de Marconi e de Dummont, parece tão distante da civilização, como Marianna deve estar distante da villa do Ribeiro do Carmo...

Do "O DOMINGO", de 13 de Janeiro.

O "ESTADO DE MINAS", de 17 de Janeiro, com a epigrapha « O CASO DO O GERMINAL », trouxe :

O empastelamento de um jornal é, em Minas, um caso singularissimo, e pode-se até contar pelos dedos, no decurso de nossa historia.

As paixões politicas felizmente não assumem entre nós as dimensões que acarretam gestos de tal vandalismo.

Não pedis, pois, deixar de causar a mais penosa impressão, como de facto causou, o empastelamento de "O GERMINAL", e impresso tanto mais penosa quanto se pondera que se deu, na velha cidade de Marianna, precisamente um dos centros de que mais se desvaneca a gente mineira.

Marianna constitue, com effeito, um dos mais antigos nucleos de nossa civilização, e guarda, entre os seus muros, o thesouro de nossas melhores tradições de amor ao trabalho e de cultura politica.

E' certo que não podemos applaudir os excessos de linguagem e as arremetidas á honra alheia, mas para tanto ha remedio nas disposições de nossas leis e na probidade de nossos juizes.

Temos um aparelhamento judicial dos melhores do paiz e a sua acção elevada e independente é de molde a assegurar-nos absoluta tranquillidade no tocante á defesa de nossos direitos; dispzamos por isso, e dispzamos a justiça feita pelas proprias mãos.

O Governo do Estado tomou promptamente, as medidas que o caso pedis, e a sua acção energica faz já a todos os elogios, porque afastará de vez velleidades semelhanças.

O povo mineiro, pela sua cultura, pela sua indole e pela sua responsabilidade perante o paiz, repelle vehementemente os raios de brutalidade, que se explicam, se se explicam, com a sobrevivencia do que houve de peor no decadente espirito revolucionario, que o sr. Antonio Carlos tão felizmente adjectivou de noivo, na sua oração de brinde ao Presidente da Republica, por occasião das homenagens prestadas ao sr. Valladares.

O regime vive um momento em extremo delicado, comparavel aos mais graves de nossa historia. A luta entre a ordem e a desordem constitue para nós affada um problema. E isso é singular e entristecedor, num paiz civilizado. Compete aos mineiros, que tanto contribuíram para esse triste estado de coisas, o exemplo de fidelidade á legalidade e do respeito ao direito alheio. Comprehende-se que outras unidades, da Federação nos offereçam os mais espectaculos de perseguções pessoais, de vinganças cruéis e de paixões politicas desajustadas. Sempre nos offereceram esses espectaculos e o n'emento contribui para isso. Não se compreende que o mesmo se passe em Minas Geraes e tanto menos na cidade de Marianna.

(Continua na ultima pagina)

EDITORIAL

“Vox populi vox Dei!”

Entramos em um período de redescoberta dos princípios de Democracia. Um conceito que nos acompanha desde a descoberta do Brasil, sempre deturpado, sempre escondido em páginas de manuais esquecidos. O povo Brasileiro pouco a pouco vai descobrindo seus direitos, tomando consciência de seus passos, ampliando o seu ideal de Nação. E nesta reconquista de vez e voz, o povo, antes objetivo passivo da ação do governo, de seus desmandos e abusos, tornou-se ou vem tornando-se sujeito da ação de governar. Finalmente a ciência política no Brasil evoluiu o suficiente para adotar um sistema de governo onde a força do povo é a última palavra, é o voto decisivo em resolver seus problemas. O povo é soberano ao decidir sobre o seu destino.

Depois de um período de incubação de mais de 400 anos, cabe-nos perguntar se estamos realmente preparados para assumir as responsabilidades sobre as decisões tomadas por nossos representantes em nosso nome. É bom saber que daqui pra frente não teremos mais que culpar aos líderes. Eles cumprem o desejo do povo E o povo torna-se então o único responsável pelas atitudes de seu governo. Que seja o povo responsável pelas boas obras e pelos erros. Bem, já que o povo é a principal vítima das consequências dos erros administrativos, agora é também responsável. É nosso direito. E é valendo-se deste direito que vamos às ruas em passeatas lutar por aquilo que é nosso. Exercendo a função que nos é devida dentro do governo é que questionamos a posição e importância dos órgãos públicos que financiamos, cobrando serviços daqueles funcionários do povo que sempre esquecem quem são os seus patrões.

É hora do povo levantar a cabeça, assumir a atitude digna de uma Nação forte e rica, que elege e remunera bem seus funcionários e deles deve exigir dedicação, respeito, honestidade e responsabilidade. Consientizar nossos políticos de que o povo é o patrão, único e soberano, o dono das verbas e é ele quem deve ditar as normas. Antes de tudo, o povo deve ser ouvido, escolher suas prioridades, dar opiniões e só a ele deverá o político prestar as suas contas. E nós, o povo, deveremos exigir que nos prestem contas.

Você, amigo leitor, saberia enumerar uma a uma todas as emendas e projetos em favor do povo apresentados pelo seu candidato eleito Constituinte? E saberia dizer se correspondem às suas ansiedades, correspondem àquelas palavras dos palanques da campanha? Se não correspondem é hora de irmos à cobrança. O patrão tem direito de advertir funcionários, puni-los e até mesmo demiti-los se não estiverem cumprindo suas funções dignamente. Temos que cobrar aquilo que nos é necessário, os serviços pelos quais pagamos, as obras que necessitamos. E saber dizer não àqueles lobos em peles de ovelhas que nos vêm cheios de palavras e promessas e que vendem barato a alma do povo, traem a confiança de seu eleito e só lutam em benefício próprios de uma minoria. A estes, temos que dar o desprezo nas próximas urnas e impedir que continuem lutando contra os interesses do povo. É nosso dever como cidadãos, é nosso direito como contribuintes. Uma nação forte se faz quando o povo tem consciência de sua força e luta unido em prol de seus interesses.

Que nós brasileiros saibamos nos preparar para exercer esta difícil tarefa de supervisores da máquina administrativa. Que tenhamos força e união na hora de cobrar de nossos representantes municipais, estaduais ou federais os serviços e obras que necessitamos e que tenhamos forças para punir aqueles que nos desagradam ou que se mostram contrários às nossas aspirações e interesses. Tenhamos alma coletiva, fortalecido conceito de Nação e, ombro a ombro, vamos lutar em defesa de nossos direitos. “Vox populi, vox Dei!” — A voz do povo é a voz de Deus!

Israel Quirino

Panificadora Gonçalves Ltda.

Bolos, biscoitos, bolos de aniversário, etc...
Pães quentes de 20 em 20 minutos.
Rua C, nº 4 — Bairro Colina
35.420 — Mariana — MG

Lanchonete e Pastelaria Messias

Sucos, vitaminas, pastéis e kibes.
Terminal Rodoviário, loja 5
35.420 — MARIANA-MG

LANCHONETE GOMES

Bolos, biscoitos, aperitivos e o delicioso caldo de mocotó.
Praça Juscelino Kubitschek
Terminal Rodoviário
35.420 — MARIANA-MG

Correspondência

Espaço ao leitor

Belo Horizonte, 11 de junho de 1987.

Caro Dr. Décio

Tenho recebido pontualmente a “VOZ DE MARIANNA” e gosto de ver que há colaboradores bastante corajosos para denunciarem este descabro de governo que anda por aí. Onde e aonde iremos parar?

Só se vê incompetência, corrupção e hipocrisia.

Não teremos direito nem ao pão nosso de cada dia, quando os donos do poder se fartam em banquetes?

Afetuosamente,

Lélia Vidal Gomes Gama
(Escritora e jornalista, residente em Belo Horizonte)

Goiânia, 28 de julho de 1987

Estimado Professor Décio

Por motivo de viagem, estive por algum tempo ausente, motivo por que não lhe escrevi agradecendo a remessa de “VOZ DE MARIANNA”. Tenho apreciado muito os seus artigos, excelente retrospecto de valor histórico. Espero dessas pesquisas, saia mais uma “História de Minas Gerais”. Aproveito a oportunidade para lhe enviar a minha última colaboração na imprensa local. São apenas divagações, exercícios mentais. Quando me canso da leitura, refugio-me no papel, escrevendo o que me vem à cabeça, sem preocupações de maiores criatividades.

Despeço-me com meu cordial abraço.

José Normanha de Oliveira
(Médico, escritor e jornalista)

Acuso o recebimento de uma delicada carta do sr. Juarez Medeiros, que entre outros assuntos, pergunta sobre os planos da excursão ao Itacolomy. Breve estaremos dando através do “Voz de Marianna”, maiores detalhes

sobre a mesma. Agradeço também a remessa do artigo sobre o Pico do Itabirito, publicado no Jornal do Brasil.

Um abraço fraterno da

Tia Marta.

A Diretoria do “Voz de Marianna”, agradece o convite recebido, do Departamento Cultural do Movimento Renovador de Mariana, assinado pelas senhoras Hebe Rola dos Santos, Elaine Barbosa do Nascimento e Marlene de Souza Maia. Para ouvir e contar “Casos de Mariana”.

Recebemos e agradecemos, a remessa do jornal “Edição do Brasil”, feita pelo nosso colaborador na parte de Redação e Edição, jornalista Geraldo da Silva Mayrink, onde aparece na coluna “Edição Mineira”, o artigo que transcrevemos: “A primeira capital de Minas Gerais, cidade de Mariana, estará em clima de festa nesta semana. Neste dia 16 julho, Mariana completa 291 anos de existência, e é reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade. Sendo berço da civilização e religiosidade mineira, o ponto mais alto das comemorações do aniversário da cidade será a festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade. Além de ser uma cidade turística, Mariana é muito querida pelos mineiros. Portanto, será uma semana de muita animação também para todos os mineiros que preservam a sua cultura.

A Diretoria do “Voz de Marianna”, agradece a comunicação do Movimento Renovador de Mariana, cuja Diretoria tomou posse no dia 26 de junho, p.p., tendo como presidente, Efigênia Maria da Silva. A todos componentes do movimento, votos de êxito na proposta de bem servir a Comunidade Marianense.

Mariana, agosto de 1987

EXPEDIENTE

VOZ DE MARIANNA

Publicação mensal da VOZ DE MARIANNA JORNALISMO E PROMOÇÕES CULTURAIS
Praça Claudio Manoel, nº 60 — Mariana — MG
Fone: 557.1716 — CEP — 35.420

DIRETORES:

Presidente: Martha de Oliveira
Vice-presidente: Israel Quirino
Tesoureiro: Arinos Cesimbra de Queiroz
Vice-Tesoureiro: Otacilio de Oliveira Loreto
Secretária: Eliane Ribeiro Leite
Vice-secretária: Marli da Conceição Roberto
Diretor de Imprensa: Dr. Décio de Vasconcelos
Vice-diretor de Imprensa: Maria Tereza Pedrosa da Silva
Diretora de Relações Sociais: Bernadeth Maria Pedrosa Santiago
Vice-diretora de Relações Sociais: Tânia Oliveira Cota

Composição, Montagem e Impressão: Diário do Comércio Empresa Jornalística Ltda, rua Padre Rolim, 652 — São Lucas — Belo Horizonte — MG

“A nomeação do actual prefeito de Marianna obedeceu ao desejo de servir áquella velha cidade, cujos interesses estão intimamente ligados ao Arcebispado, que lhe tem proporcionado innumerados beneficios. O prefeito Dr. JOSAPHAT MACEDO, é amigo de D. HELVECIO GOMES DE OLIVEIRA e estou certo de que fará uma administração á altura dos intuitos que o elevaram áquelle posto de confiança”. (Palavras do Ezmo. Interventor, Dr. Benedicto Valladares, ditas em) entrevista, ao “Estado de Minas”.

D. Helvecio Gomes
de Oliveira

N. 7

MARIANNA, 19 DE FEVEREIRO DE 1954

ANNO V

O CRUZEIRO

Orgão Official da União de Moços Catholicos

Verbum Dei non est alligatum

Redactor: W. Moura Santos —x—

Publicação quinzenal

O anniversario natalicio de S. Excia.

Faz annos, hoje, o exmo sr. Dom Helvecio Gomes de Oliveira — o grande e notavel Arcebispo de Marianna.

É uma data altamente significativa e gloriosa para esta cidade, porque nella se commemora o natal do seu bemfeitor e protector.

Já varias vezes, temos, por essas mesmas columnas, com o coração vibrante de alegria, proclamado a acção dynamicamente do sr. Dom Helvecio, deixando bem patenteado o esforço sem igual que tem elle despendido a bem de Marianna e de sua vasta Archidiocese.

A portentosa e grandiosa obra moral, civilizadora e intellectual, aqui levantada para grandeza nossa, Dom Helvecio a promoveu em poucos annos do seu episcopado, sendo digno de se notar, que o grande patrimonio deixado pelo seu illustre antecessor de saudosa e querida memoria — D. Silveio Gomes Pimenta — não se abalou, ao contrario, está mais enriquecido ainda.

A cidade de Marianna foi soerguida dos escombros para ser hoje mais querida e amada pelos seus verdadeiros filhos.

Não é necessario dizer o que é a nossa cidade sob a guarda carinhosa desse querido Prelado. O que aqui existe de bello, todos os attrahivos que enchem os olhos dos que nos visitam, os monumentos principaes da cidade, enfim tudo quanto se diz de magestoso se deve exclusivamente ao nosso caro pastor — Dom Helvecio.

Conhecido no Brasil inteiro como um dos maiores Arcebispos, o seu nome constitue o diamante mais puro, cujos reflexos já attingiram o alto solio pontificio de Roma, onde é bem conhecido e, por diversas vezes, agraciado em homenagem aos serviços que tem prestado á Igreja e á Patria, á familia e á propagação da fé christã.

Marianna teve a grande ventura de o possuir, porque o carinho de s. excia. devotado ás tradições da velha terra, a começar pela restauração do culto de sua Padroeira — N. S. do Carmo, equivale ao maior beneficio, culminando essa nobre acção na fundação do Museu de Arte Sacra, que, annexo á “Villa Gethsemane”, é o repositório pre-

cioso das antiguidades historicas do glorioso Estado de Minas Geraes.

Dom Helvecio Gomes de Oliveira, com a coragem dos verdadeiros homens, e a paciencia dos grandes sabios está construindo o maior monumento da Archidiocese — o seu Seminario maior.

Lá está o grande edificio fronteiro á cidade e ao lado do Palacio da “Villa Gethsemane”, demonstrando com a sua pujante estrutura, o ideal sacrosanto do nosso prelado, cuja acção destemida, alli dispensada pelo seu amor, impres-

siona a todos que o visitam.

Dom Helvecio ainda não terminou o seu trabalho em beneficio de Marianna.

Elle continuará, porque agora terá quem o ajude a fazer para esta cidade o que mais de valor necessitam e reclamam os seus habitantes: administração, progresso e prosperidade, num ambiente de paz e trabalho.

A grande etapa ora vencida, cujo merito está na apreciação da alta politica e na consciencia dos homens de bem, que collocaram a

tradicional cidade de Minas no mais elevado throno de grandeza, confirma o valor do nosso grande e notavel Arcebispo, a quem o povo de Marianna consagra todo respeito, gratidão e reconhecimento, beijando-lhe o sagrado anel no dia de seu anniversario e, tambem, porque, a justiça e a paz confraternizaram-se — JUSTITIA ET PAX OSCILLATAE SUNT.

DR. JOSAPHAT MACEDO

A solenne posse de S. Excia. na Prefeitura de Marianna

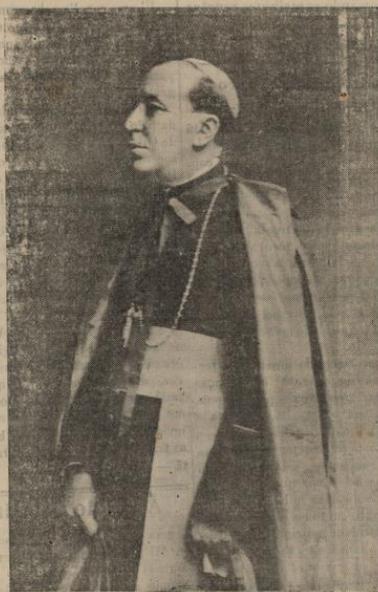
A vetusta urbs mariannense, ainda vibrante pela optima e providencial nomeação do seu novo Prefeito municipal, hoje se revestirá de flores, alegrias e grande entusiasmo para assistir a solenne posse do illustre medico Dr. Josaphat Macedo, que fará ás 2 horas a leitura da sua plataforma, empossando os membros do Conselho Consultivo.

O facto é extraordinario e enche a alma do povo de Marianna, que ovaciona com indizível jubilo a acertada nomeação feita pelo illustre Interventor de Minas — Dr. Benedicto Valladares Ribeiro, entregando o Municipio ao Dr. Josaphat Macedo, — nome conhecido no Brasil inteiro pela sua sciencia, caracter, honestidade e de alto valor como politico e medico de grande nomeada.

O ponderado Interventor reintegrou a cidade mais mais antiga de Minas Geraes — no lugar proeminente de que estava afastada ha tempos, prestigiando, ao mesmo tempo, a fé dos filhos de Marianna, que estão ao lado do seu maior bemfeitor: — D. Helvecio Gomes de Oliveira.

Marianna está de parabens, porque, hoje, se commemora a sua redempção.

Vse iniciar-se um periodo de verdadeira administração municipal, do qual se alongará a politica sem en-



Marianna desperta, graças ás benemerencias do governo do Estado e ao patriotismo dos seus filhos; desperta da imaginação contemplativa para a trepidação da vida moderna; e será grande economicamente, como já o é pela sua cultura, pela fé, pela tradição, na sua historia refarta de heroismos. (Trecho do discurso do dr. Josaphat Macedo, na Prefeitura Municipal, saudando o exmo. dr. Benedicto Valladares.)

A IMPRENSA CATHOLICA

Já se propala por todo Brasil a alvaresca noticia de que em breve a «A União» passará a circular diariamente como um grande órgão catholico.

O facto em si encerra mais um acontecimento notavel e digno, portanto, do anparo material e moral da nossa população catholica, unido todos para levar a effeito esse tentamen, que conoerá para grandeza e, ao mesmo tempo, defeza do patrimonio tradicional da nossa religião catholica, cujos principios têm sido com vibração estimulados pelas pennas bem aparadas da «A União» desde os seus primordios annos de existencia.

A imprensa catholica tão bem representada por esse valente campeão do bom combate, em cuja frente se achia insculpada a legenda sublime de orientar a opinião publica nos sãos ensinamentos da Egreja, necessita agora, mais do que nunca, da adhesão e anparo dos verdadeiros catholicos, nessa hora principalmente, em que todas as armas dos inimigos se expõem á mostra contra a fé e contra os ministros do Deus e da Egreja, contra a creença e contra a propria moralidade da grande patria brasileira.

O momento que vivemos é de lutas e lutas intensas, Cruzar os braços é um crime. Deixar para amanhã o que se deve executar hoje, uma covardia inominavel.

A victoria, ora alcançada na Assembleia Constituinte, não foi mais do que um grande incentivo para reanimar os catholicos a se unirem cada vez mais em defeza da sua fé e da sua patria.

Os que se empavonam de mentores e distribuem nas classes menos cultas a philosophia barata e corriqueira de theorias nefastas, improprias ao nosso ambiente, todo impregnado de puro idealismo christão, não podem falar em nome da nação, procurando tirar della esse maravilhoso complexo de harmonias que vas de um extremo a outro, proclamando o caracter do brasileiro, que nascido á sombra da cruz, continuará a viver agasalhado sob o pallio da fé, sob o pallio da creença.

Não se pôde negar que sendo a maioria catholica, apostolica e romana, o povo brasileiro se doixe levar pelo canto serafico da plebe que pulula por ahí em ataques absurdos ao glorioso clero nacional — formador, incontestavelmente, do caracter moral, espirital e intellectual da nação, onde a cruz sacrosanta de

N.º 12

MARIANNA, 19 DE SETEMBRO DE 1934

ANNO V

O CRUZEIRO

Orgão Official da União de Moços Catholicos

Verbum Dei non est alligatum

Redactor: W. Moura Santos

—X—

Publicação quinzenal

Christo achou guarida carinhosa, quando descoberta pelos audaciosos catholicos portuguezes — povo rico de tradições, fé e civismo.

O laicismo que os inimigos desejam implantar em nossa terra é para divinizar o estado impio, proscrevendo dos corações toda a idéa de Deus, para desse modo, tornar-se mais favoravel o terreno em que tem de cair a semente damnosa da perversão dos costumes.

Captada a consciencia dos menos instruidos na fé, o trabalho dos pseudos moralisadores se estende com mais facilidade. E a imprensa athéa, a imprensa má, a imprensa comprada, a imprensa que prega ás escancaras a guerra contra a Egreja, é o vehiculo da desgraça que leva até aos recessos tranquilos dos lares o exemplo deploravel, o exemplo que traz a degenerencia das familias, a desarticulação das sociedades, os estragos de uma nacionalidade.

Por isso, é mister, é de urgente necessidade que surja o grande diário catholico, porque a imprensa é a unica arma que combate a imprensa.

O passado glorioso da «A União», que teve á sua frente o notavel catholico Dr. Felício dos Santos, não se apagará nunca da consciencia do nosso povo. E a «A União» — Diário catholico, — hade ter o amparo de todos, que formando uma muralha de mais mutua cohesão, farão justiça ao intrepido orgão das reivindicações catholicas do Brasil, proporcionando ao mesmo todos os meios imprescindiveis para, o mais breve possível, vê-lo editado diariamente, lutando com o mesmo desassombro de sempre em prol da Egreja e da Patria.

A sua voz será o clarim, o toque de reunir, o rebate festivo, alertando todos os sentidos, pondo-os de atalala para repellar os inimigos, que pressurosos procuram todos os meios de se apossarem da terra brasileira, afim de transformal-a numa nação athéa — digna dos impios, porém repellido dos brasileiros que nella habitam, formando uma patria forte, dentro de uma patria esente!

Á «A União», todo o nosso apoio, todo o nosso entusiasmo!

MOTILIA Santos

UNIDADE DA PATRIA

O presidente Getulio Vargas pronunciou, no dia 7 de setembro, na Esplanada do Castello, uma eloquente saudação ao povo brasileiro, de que é chete constituicional.

A sua oração cheia de viril entusiasmo é um hymno de fé e esperança nos destinos da patria, um incitamento e uma exhortação aos brasileiros para que, sejam quaes forem as circunstancias, não descreiam do seu paiz.

Nada mais salutar nas democracias do que o habito dos governantes de se pôrem em contacto com o povo, para o guiar e esclarecel-o com a autoridade da sua palavra.

Quanto mais forte é e d seja ser um governo, mais frequentemente se dirige á nação, para dar-lhe as razões dos seus actos e pedir para elles o seu apoio indispensavel.

Os dois homens que neste momento têm nas mãos a maior somma de poderes na Europa são os srs. Hitler e Mussolini e não ha no mundo outros chefes de Estado que falem mais ao povo em discursos e entrevistas, dando contas quasi diarias dos seus actos, aquelles para cujo bem são praticados.

Grande renovador da vida republicana do seu paiz é o presidente Franklin Roosevelt e embora seja habito nos Estados Unidos os chefes da nação se communicarem com frequencia com os seus concidadãos, nenhum outro o excedeu no numero de discursos pronunciados em apenas dezoito mezes de administração.

As palavras de um chefe de Estado têm sempre a attenção publica e produzem effeito no espirito da collectividade.

Num seculo de profundo materialismo, em que os deveres e necessidades da vida absorvem as intelligencias, é preciso que de vez em quando se altée uma grande voz, para elevar os corações do povo á contemplação das coisas mais altas e mais aobres da existencia humana.

A patria está no numero dessas coisas.

Exaltando a obra civilizadora das gerações passadas, o sr. Getulio

SESSÃO LITTERARIA

Realizar-se-á, no dia 30 deste mez, domingo, ás 7 horas, no Cine-Theatro, sollemnissima sessão litteraria, durante a qual serão pronunciados vibrantes discursos, de propaganda dos ideaes unionistas e em defeza da fé catholica entre nós.

Para essa reunião, que promete ser brilhante, são convidadas todas as familias, senhoritas, autoridades, operariado e demais classes sociais.

A parte oratoria será distribuída na seguinte ordem:

CONFERENCIA — *A Luz da Verdade*, pelo prof Brito Machado.

DISCURSO — *Protensio Liberalismo Catholico*, pelo pharc. Joaquim Braga Breyner.

DISCURSO — pelo Jornalista Hermínio Barbosa.

CONFERENCIA — *O Apostolado Divino em face da escola critica e das seitas*, pelo sr. Waldemar M. Santos.

DISCURSO — De encerramento pelo presidente de honra da U. M. C.

Abrihantará a Sessão Litteraria, tocando nos intervallos, o excellento conjunto musical AURORA CHORO, sob a regencia do sr. Antonio Norberto da Silva.

Vargas intundiú novo animo na alma das gerações presentes, para que prosigam pela mesma estrada de trabalho e realizações, que fizeram do Brasil, em pouco mais de um seculo, uma das grandes torças universaes no anor da justiça e na pratica do Direito.

Especialmente digna de nota é a parte do discurso da Esplanada do Castello, que celebra a unidade da patria como a obra mais meritoria dos nossos antepassados e que pôde ser considerada um milagre de energia e vontade, ao verificat-se o que se passou com o mundo hispano-americano fraccionado em quasi duas dezenas de nações.

Não pôde haver patria grande sem o orgulho e a confiança dos seus filhos e foi para estimular esse orgulho e essa fé, que sr. Getulio Vargas pronunciou as vibrantes palavras do seu discurso do dia 7 de setembro, data da nossa independencia politica.